

- ERÓTICA
Série

- **Sacher-Masoch**

Autor

- **A VÊNUS DAS PELES**

Título

- **Saulo Krieger**
Tradução

hedra

SACHER-MASOCH. *A Vênus das Peles*. Tradução: Saulo Krieger. Introdução: Flávio Carvalho Ferraz. São Paulo: Hedra, 2008.

INTRODUÇÃO

LEOPOLD VON SACHER-MASOCH nasceu em 1836 na cidade de Lemberg, situada na Galícia, província ao sul da Polônia que, desde 1772, estava incorporada ao Império Austro-Húngaro. Hoje sua terra natal fica em território ucraniano. Entretanto, definia-se a si mesmo como alemão, invocando sua identidade com a língua germânica, ria qual pensava e "sentia". Tal identidade não impediu que sua verdadeira terra, a Galícia e os legendários Cárpatos, fossem o cenário de seus primeiros escritos, que ainda guardavam um caráter regionalista. Filho de família aristocrática, aprendeu em pequeno o francês, língua em que se alfabetizou juntamente com o alemão, para enfim estudar filosofia e ciências. Desde cedo alimentou o sonho de se tornar um escritor importante e reconhecido. Para tanto, elaborou o projeto de publicação de um conjunto de livros que se chamaria *O legado de Caim*, no qual retrataria aspectos da condição humana. Esse tema era, de fato, o que mais o instigava, e que viria a ser o motor de sua produção literária. Tanto que o presente romance, *A Vênus das peles*, foi a obra que o imortalizou, exatamente por abordar, de modo direto e corajoso, em um aspecto tão misterioso e intrigante da alma humana que é o prazer sensual que se pode extrair do sofrimento. *O masoquismo*, como ficou conhecida essa tendência, é algo que desafia toda lógica utilitarista ou biológica, oferecendo-se como um dos enigmas mais formidáveis dos aspectos trágico e simbólico da condição humana.

A curiosa história de Severin, que se faz escravizar por Wanda, contém os mais diversos ingredientes da paixão encerrada pelo sofrimento físico e moral. Descerra, de maneira explícita e detalhada, o universo das fantasias poderosas que nutrem a paixão e regem aquela excitação que se condiciona aos sofrimentos *físico e moral*. Deixar-se amarrar e ser chicoteado pela amante corresponde ao primeiro; obedecê-la cegamente, deixar-se humilhar por ela, entregar-se-lhe como posse e, requinte da fantasia, assisti-la entregar-se a outro amante, corresponde ao segundo. Mais do que retirar o véu que costuma cobrir as fantasias mais estranhas e secretas, o texto de Masoch põe em marcha as ações necessárias a sua consubstanciação, ali condensadas no instituto emblemático do *contrato*.

Antes da publicação de *A Vênus das peles*, Sacher-Masoch já era um escritor conhecido por diversas obras, entre as quais se destacava o livro *Conto galiciano*, de 1858. Mas sua consagração como escritor maior viria com a publicação de romances que, embora pudessem ser vistos como obras sentimentais por olhos ingênuos ou desavisados, não tardaram a ser identificados como portadores de um *plus* de erotismo que transcendia os romances tradicionais. A partir daí, ele passou a ser visto primordialmente como um escritor maldito.

Entretanto, por uma ironia, a fama que auferiu na qualidade de escritor seria sobrepujada por aquela que adveio da utilização de seu próprio nome na invenção da palavra *masoquismo*. Justa ou injustamente, Masoch passou a ser mais conhecido como aquele escritor que emprestou seu nome a este termo do vocabulário psiquiátrico do que pela sua própria obra. Vamos aos fatos.

Em Viena, no ano de 1886, o célebre psiquiatra Richard von Krafft-Ebing publicava seu tratado intitulado *Psychopathia Sexualis*,¹ um verdadeiro catálogo do comportamento sexual humano, no qual arrolava um grande número de práticas sexuais que fugiam à suposta normalidade. Ali se classificava tudo aquilo que era então considerado como "aberração" da sexualidade humana, numa vasta gama de comportamentos que ia desde o homossexualismo até o estupro e as práticas que envolviam mutilações. Pederastia, lesbianismo, pedofilia, bestialismo, necrofilia, voyeurismo, exibicionismo, nada parecia escapar a Krafft-Ebing. Tudo isso documentado com um vasto material clínico, médico-legal ou... literário. E foi assim que duas das mais conhecidas "perversões" sexuais arroladas pelo autor ficaram definitivamente vinculadas aos nomes de dois escritores: o prazer em causar dor ao parceiro foi batizado de "sadismo", em referência ao Marquês de Sade, enquanto o prazer obtido por meio do sofrimento, o "masoquismo", associava-se indelevelmente ao nome do autor de *A Vênus das peles*.

Segundo Bernard Michel, em seu livro *Sacher-Masoch*,² nosso autor não aceitou de forma passiva a nomenclatura proposta por Krafft-Ebing. Protestou contra aquela apropriação de seu nome, recusando o destino de vir a figurar na história como "perverso" ou "pervertido", ou mesmo como libertino. O fato é que o termo "masoquismo" vingou não só no vocabulário da psiquiatria e da sexologia, como veio, com o passar do tempo, a ter seu emprego consagrado no vocabulário leigo, usado a torto e a direito.

A abordagem científica de algo tão obscuro e cercado de tabus, como era a sexualidade e, *a fortiori*, as perversões sexuais, fez com que o trabalho de Krafft-Ebing repercutisse nos meios intelectuais e literários de todo o mundo ocidental. Exemplo disso foi a publicação, em solo brasileiro, do livro *Dentro da noite*,³ de João do Rio. Os contos deste livro, lançado em 1910, foram inspirados na *Psychopathia Sexualis*, obra então em voga nos círculos intelectuais bem informados do que se produzia na Europa.⁴

O livro de João do Rio, de acordo com seu prefaciador João Carlos Rodrigues, era "a maior coleção de taras e esquisitices até então publicada na literatura brasileira", na qual se incluía a "deformação sensorial" representada pelo masoquismo.

A consagração e a popularização do termo "masoquismo" foram, sem sombra de dúvida, impulsionadas pelo advento da psicanálise. Em 1905, Freud publicava os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*⁵, trabalho que trazia a sua primeira seção dedicada justamente às chamadas "aberrações sexuais". As categorias discutidas por Freud eram extraídas da *Psychopathia Sexualis* de Krafft-Ebing, e ali se incluíam o sadismo e o masoquismo. Mesmo discordando do ponto de vista de seu predecessor, particularmente no que tangia à natureza e à etiologia das aberrações, o que nos importa aqui é que Freud adotou aqueles termos diagnósticos e nosográficos, passando a utilizá-los nos seus trabalhos subsequentes.

Krafft-Ebing fazia uma leitura moralizante das práticas sexuais desviantes, ligando-as à criminalidade e propondo uma regulamentação das mesmas pelo Estado. Freud seguiu por trilhas opostas, demonstrando outra sorte de preocupação. Além disso,

¹ Publicado no Brasil pela Martins Fontes em 2001.

² Bernard Michel, *Sacher-Masoch*, Rocco, Rio de Janeiro, 1992.

³ João do Rio, *Dentro da noite*, Antiqua, São Paulo, 2002.

⁴ Esta era, sabidamente, a regra vigente na formação de nossas elites intelectuais. É digno de nota que, tal como João do Rio, Mário de Andrade veio posteriormente a escrever seu famoso conto "O peru de Natal" (Contos novos, 1947), francamente inspirado no livro Totem e tabu, de Freud (1913). A psicanálise ocupava, então, o lugar do saber *up-to-date*, deixando para trás o tipo de abordagem de Krafft-Ebing.

⁵ Sigmund Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, Imago, Rio de Janeiro, 1980, v. 7.

manifestou seu desacordo com as hipóteses etiológicas correntes para os desvios sexuais, que eram atribuídos a uma degenerescência moral que, por seu turno, deveria ter como base uma outra degenerescência, de fundo biológico.

Não é difícil reconhecer aí a cilada cientificista herdada do positivismo, que ofuscava a causa moral no insistente apelo à causa natural, que deveria ser a causa última e universal. E que, por extensão, professava também a necessidade de uma causa biológica para a perversão e para a histeria, como fundamento da causa psíquica, secundária. Diga-se de passagem, esse é o imperativo que vemos aflorar novamente hoje em dia com a afirmação da psiquiatria biológica. Freud, ao contrário, via na configuração assumida pela sexualidade de cada sujeito uma montagem cuidadosamente engendrada por sua história singular, particularmente por sua experiência sexual e afetiva precoce, ao que, audacioso, chamou de "sexualidade infantil".

Freud prosseguiu, em sua obra, na tentativa de desvendar o mistério do masoquismo. Dois pontos culminantes desta empreitada são os textos "Uma criança é espancada"⁶, de 1919, e "O problema econômico do masoquismo"⁷, de 1924. No primeiro, entende o masoquismo - a fantasia de ser espancado - como transformação inconsciente do desejo de ser amado e cuidado, manipulado fisicamente. Tratar-se-ia da permanência em uma posição erótica infantil diante do objeto adulto. No segundo artigo, o masoquismo é dividido em três tipos, definidos em conformidade com seu modo de manifestação: o erótico, o feminino e o moral. Não cabe aqui entrar em pormenores conceituais ou clínicos sobre cada uma destas modalidades, mas é muito interessante associá-las ao que lemos em *A Vênus das peles*. Se Freud foi bastante perspicaz e arguto ao descrever e explicar psicanaliticamente o masoquismo, Sacher-Masoch não ficou atrás na sofisticação de sua percepção desse fenômeno psíquico, inclusive lançando mão, para expressá-la, do instrumento da literatura, que, para Freud, era definitivamente superior ao da ciência no afã de desvendar os mistérios da alma humana.

Dois componentes do masoquismo descritos por Freud, *o erógeno* e *o moral*, presentificam-se magistralmente no romance de Sacher-Masoch. Ali o sofrimento físico, tornado efetivo pelos golpes de chicote e por situações de patente desconforto, como a exposição ao frio, à fome ou à privação do sono, complementam-se pelo sofrimento moral, quiçá ainda mais excitante que o primeiro. A humilhação, a redução imaginária à condição de coisa ou de objeto, o risco de verse abandonado e traído são ingredientes indispensáveis ao prazer voluptuoso que Severin quer experimentar. É certo que ele se mortificava com a idéia de que sua amante - ou sua dona, como rezava o contrato firmado entre eles - o trocasse por outro, mas o ponto culminante de suas exigências era precisamente que ela elege-se um amante e que este viesse a amarrá-lo e castigá-lo com o látigo!

Mas é bom ter cuidado com a simplificação usual que se costuma fazer na caracterização do par sadomasoquista. Por uma curiosa relação de projeção mútua, sob o ponto de vista imaginário e fantasmático não se pode apartar cada um dos parceiros, opondo-se um ao outro. Cada um deles pode estar intimamente identificado com o outro, e isso é também aquilo que Freud explicita em termos conceituais e que Sacher-Masoch, por sua vez, demonstra na trama que engendra com grande requinte.

É desta particular relação especular entre tirano e servo, entre dono e escravo que se depreende que as aparências enganam no caso do fenômeno sadomasoquista. O que a literatura psicanalítica posterior a Freud pôs em relevo foi a tirania do masoquista diante daquele a quem solicita o tratamento cruel. Robert Stoller, psiquiatra e

⁶ Freud, op. cit., v. 17.

⁷ Freud, op. cit., v. 19.

psicanalista californiano, grande pesquisador da sexualidade humana, sobretudo da identidade de gêneros e dos fatores que condicionam a excitação sexual, demonstrou como, dentro do par sadomasoquista, é o masoquista o verdadeiro tirano, aquele que domina seu torturador e controla com pulso firme a cena. Essa característica impregna toda a cena sexual perversa, que deve ser meticulosamente montada a partir de um *script* ditado pela fantasia. Àquele que vai encenar o papel do tirano cabe, então, obedecer com rigor às ordens e fantasias do outro pólo, ou seja, daquele que, no nível manifesto, é o que se submete. À experiência excitante do risco de ser descartado pelo parceiro sádico, experiência hipócrita, corresponde a certeza secreta de que, em verdade, é o parceiro quem se tornou dependente. Devemos essas constatações - que são, na verdade, extensão da interpretação primeira que Freud já dera ao fenômeno - a autores como Joyce McDougall e Janine Chasseguet-Smirgel, na França, e Masud Khan, na Inglaterra, que, entre outros, contribuíram enormemente para a elucidação dos mecanismos psíquicos presentes no fenômeno da perversão em geral e no masoquismo em particular, dissecando o sentido latente dessas tramas que vemos em abundância no romance de Sacher-Masoch. Um outro elemento importante seria a própria sedução em si mesma, levada a termo no poder de persuasão do masoquista: ele deve ser talentoso o suficiente para convencer seu parceiro a causar-lhe sofrimento.

Em certa passagem deste romance Wanda afirma a Severin que, quanto mais a mulher se mostra cruel e sem piedade, mais ela excita os desejos do homem. E que a sua natureza lhe põe em superioridade em relação a ele, pois é o homem quem deseja, enquanto a mulher é quem se entrega. O homem, diz ela, é aquele que solicita, e a mulher, a solicitada. Ora, este raciocínio inverte a idéia comum de que, na cena erótica, o homem exerce o papel ativo, e a mulher, o passivo. Aliás, Freud dissociou explicitamente o erotismo feminino do gênero mulher e o erotismo masculino do gênero homem, para mostrar que ambos podem se encontrar combinados, em proporções diferentes, em ambos os sexos.

Portanto, a compreensão simplista e esquemática da cena sexual, com a atribuição do papel ativo ao homem e do passivo à mulher, não pode mais se sustentar. Por um curioso interjogo - aquele a que se pode propriamente denominar de erótico - a posição psíquica dos parceiros subverte qualquer lógica que se pretenda biológica ou mesmo social. Não se trata mais do papel sexual *stricto sensu* ocupado na cena, mas sobretudo do lugar de poder que se ocupa em sua montagem. Para o ser humano, não há mais sexo puramente biológico: seu regime passou a ser o psicológico. No domínio da fantasia e da linguagem, isto é, do que é peculiar ao humano, conta apenas o elemento simbólico, dado pelas significações inconscientes que se atribuem ao outro.

O masoquista, em primeiro lugar, deve idealizar excessivamente seu objeto, ou seja, desenvolver por ele uma tal adoração que poderá chegar, como nesta história, às raias da idolatria. Deve atribuir-lhe uma superioridade da qual resultará o prazer da submissão. Ele sofrerá, sim, mas triunfará em segredo, pois sabe que mantém em seu poder o controle da situação. Essa é uma das chaves para a compreensão do comportamento masoquista. A idealização do parceiro corresponde a idealização do próprio gozo, vivido como voluptuoso e superior ao gozo dos mortais comuns, vistos como seres que não possuem o privilégio de conhecer formas tão excitantes como a dele de viver a sexualidade.

A superioridade idealizada do parceiro será reforçada, na fantasia, pela atribuição que se lhe é feita de características sobre-humanas, que encarnam a perfeição e substituem, assim, elementos sentidos como imperfeitos precisamente por sua humanidade. É quando o objeto supera o humano, a prótese supera o corpo, e o falso sobrepuja o autêntico, numa operação psíquica defensiva a que os psicanalistas chamam

de recusa da castração. Esse é o componente fetichista das perversões, ao qual o masoquismo não escapará. No romance, ele é claramente ilustrado pela exigência contratual de Severin de que Wanda se cubra de peles para açoitá-lo. A vestimenta de pele, que recobria a pele verdadeira da mulher, constituía um elemento central e uma condição *sine qua non* para a produção da excitação. Sabemos à saciedade que, em todas as épocas, o figurino constituiu um elemento fundamental para a excitação masoquista. Além disso, o paradigma da figura do desejo, no romance, era a Vênus esculpida - Vênus de mármore - que, no nível fantasmático, corresponderia ao ideal acabado da beleza e à matriz mesma do desejo.

A obra de Sacher-Masoch, bem como a de Sade, ficou marcada por sua associação com os desvios patológicos da sexualidade, com a libertinagem e com a imoralidade. Talvez essa estigmatização se deva, em parte, à sua (infeliz?) imortalização perpetrada por Krafft-Ebing. No entanto, esta visão acabou por injustiçar estes autores, cujas obras foram muito além do que se pode considerar como literatura pornográfica. Trata-se, sim, de literatura erótica, o que é muito diferente. A experiência não apenas sensorial, mas sobretudo estética, que se manifesta em um livro como *A Vênus das peles* faz desta literatura uma produção sofisticada que traz à luz os mistérios mais profundos da alma e da sexualidade humana que, se se fazem presentes na superfície do masoquista, não deixam de existir nas profundezas inconscientes do dito "normal", ou seja, do humano universal. Sadismo e masoquismo, como se depreende da obra destes autores, não se reduzem a meros sintomas ou doenças - perversões, de acordo a psicanálise, ou parafilias, de acordo com o linguajar psiquiátrico contemporâneo - mas refletem amplamente modos de vida.

O filósofo Gilles Deleuze não deixou escapar esta dimensão do presente romance, dedicando ao seu autor o trabalho *Présentation de Sacher-Masoch*⁸, e no qual expõe sua crítica à abordagem psicanalítica do sadomasoquismo para, apoiado em Masoch, por um lado, e em Sade, por outro, demonstrar seu ponto de vista de que os fenômenos do sadismo e do masoquismo não seriam pares complementares ou intercambiáveis, mas formações completamente distintas. Cabe lembrar ainda a impossibilidade, apregoada até mesmo por Freud, de tratar dos elementos sintomáticos, sejam eles neuróticos ou perversos, como peculiares a um perfil diagnóstico demarcado e estanque. Entre doença e normalidade não há ruptura, mas continuidade, como aprendemos com Canguilhem.⁹ É assim que a perversão, seja a que se apresenta na figura do masoquismo, seja em outra qualquer, está contida como uma espécie de germe na experiência da normalidade. Os desvarios românticos estão prenhes de ideais de sofrimento e de mortificação. Outras formações centrais da cultura, como a religião, também o estão. Basta recordar os aspectos sensuais do sofrimento descritos nos mais diversos relatos da experiência mística. Portanto, se a literatura de Sacher-Masoch - bem como a do Marquês de Sade - faz, pelo exagero, a caricatura da sensualidade, é certo, outrossim, que ela não se arroga a inventar nada que já não estivesse presente na experiência erótica humana. É daí que advém seu poder de atração.

Para finalizar, não poderíamos deixar de tratar de algo bastante interessante, que é a coincidência da literatura de Sacher-Masoch com sua experiência pessoal. O que se assiste no romance *A Vênus das peles* reproduz a própria vivência do autor. Aos 33 anos de idade ele conheceu uma bela mulher, Fanny Pistor Bogdanoff, também filha da aristocracia, a quem propôs um contrato similar ao firmado entre as personagens Severin e Wanda. Tal contrato incluía a cláusula fatal de que, numa viagem à Itália, ela arranjará um amante e o fará castigá-lo, a Leopold, a golpes de chicote. Consta de sua

⁸ Gilles Deleuze, *Présentation de Sacher-Masoch*, Minuit, Paris, 1967.

⁹ Georges Canguilhem, *Le Normal et le Pathologique*, PUF, Paris, 1984.

biografia que, na vida real, o amante de sua amada, um ator chamado Saviani, recusou-se, no entanto, a açoitá-lo. Fato que, no romance, é corrigido, tornando a ficção mais "perfeita" do que a realidade, isto é, assujeitada à fantasia do autor, tal como um sonho se submete ao desejo do sonhador, desprezando as limitações da realidade. Afinal, como dizia Aristóteles na *Poética*. "não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade"¹⁰.

A fama adquirida com o sucesso deste romance tornou Sacher-Masoch um homem assediado pelas mulheres, algumas genuinamente apaixonadas e outras interesseiras. Foi assim que se deu sua desastrosa união com Aurora Rümelin, que conhecia seus pontos fracos através de sua literatura e, dissimulada, encarnou seu par complementar com o frio intuito de capturá-lo e, deste modo, ascender socialmente. Tiveram três filhos, um deles morto na infância. Por fim, após separar-se de Aurora - que assumira o curioso pseudônimo de Wanda - casou-se com Hulda Meister, com quem viveu de modo mais pacato até sua morte, em 1895, aos 59 anos. Teria ele se "curado" de seu masoquismo excessivo, tal como Severin?

É fato que nem toda literatura comporta uma aproximação tão estreita entre a obra e a realidade do autor como esta que se observa em Sacher-Masoch. Mas sabemos que não há pureza nem na ficção nem na memorialística: uma se impregna com os traços da outra.

¹⁰ Aristóteles, *Poética*, Abril Cultural, São Paulo, 1979, p. 249.

A VENUS DAS PELES

*“E Deus o puniu, e o entregou
às mãos de uma mulher.”
Judite 16, 7*

Era uma companhia encantadora.

Diante de mim, junto ao pé da lareira de anteparo maciço, estilo renascentista, eu via a Vênus, não aquela dama elegante, por certo, de reputação duvidosa, que com tal nome fazia guerra ao sexo oposto, ao modo de uma Cleópatra, mas a verdadeira deusa do amor.

Estava sentada no sofá e atiçava um fogo crepitante, cujo reflexo lambia-lhe a fisionomia pálida de olhos brancos, ou os pés, de tempos em tempos, quando os queria aquecer.

A cabeça lhe caía em efeito magnífico, não obstante os olhos de pedra, e isso era tudo o que eu dela entrevia. Ela envolvera em enorme pele de animal o altivo busto de mármore e tremia como um felino enrolado.

- Minha cara, eu não compreendo... - exclamei. - Não, realmente já não está mais frio, contamos duas semanas de esplêndida primavera. Depreendo que a senhora está nervosa.

- Agradeço pela sua primavera - disse ela em voz embargada de pedra, espirrou logo em seguida, fê-lo divinamente, e então mais duas vezes; - eu não consigo suportar e já começo a entender.

- Entender o quê, minha senhora?

- Começo a crer no inacreditável e a apreender o inapreensível. De uma vez por todas, entendo a virtude das mulheres germânicas e também a filosofia alemã, e não me causa espécie que no Norte não possa haver amor, sim, nem sequer uma idéia do que é o amor.

- Permita-me, madame - retruquei encolerizado -, sinceramente, não lhe dei real motivo...

- Pois não deu... - e pela terceira vez espirrou, contraiu os ombros com uma graça inimitável -, e por isso mesmo eu continuo a lhe ser piedosa e visitá-lo de tempos em tempos, ainda que a cada vez eu muito facilmente me resfrie, ainda que me envolva esta pelagem. Lembra-se da primeira vez que nos vimos?

- E como eu poderia esquecer? - respondi - com a sua cabeleira de cachos castanhos, seus olhos igualmente castanhos e lábios vermelhos, mas eu a reconheço também pela fisionomia e pela palidez de mármore. -E sempre com seu casaco violáceo, adornado com a pele de animal.

- Sim, o senhor desde sempre apaixonado pelo meu traje. E como era dócil, obediente...

- A senhora me ensinou o que é o amor, e a sua serena adoração me fez esquecer dois mil anos.

- E quanto lhe fui fiel é algo sem paralelo. - Bem, no que diz respeito a fidelidade... - Ingrato!

- Não, eu não quero censurá-la. É mulher divina, e no entanto mulher - e, no amor, tão cruel quanto pode ser uma mulher.

- Você chama de crueldade - contrapôs vivamente a deusa do amor -, o elemento por excelência da sensualidade, do amor sereno, da natureza da mulher, entregar-se quando se ama e a tudo que se ama, o que lhe agrada.

- Existe para quem ama crueldade maior que a infidelidade do amado?

- Essa agora! - esbravejou. - Somos fiéis enquanto vivemos, ocorre que vocês exigem das mulheres fidelidade sem amor, e entrega sem desfrute -, onde está, então, a crueldade, na mulher ou no homem? O amor é para vocês, no Norte, coisa por demais importante e por demais séria. Falam de deveres onde se trata de deleite.

- Sim, madame, é verdade que temos, sim, sentimentos bastante apreciáveis e virtuosos, e .relações duradouras.

- E no entanto essa nostalgia intensa e sempre insatisfeita pela nudez pagã - interrompeu-me -, mas aquele amor, que é a mais elevada alegria, a própria serenidade divina, não habita entre vocês, modernos, filhos da reflexão. Trazem consigo a desdita. Se se querem naturais, tornam-se vulgares. A natureza lhes parece algo hostil, fizeram demônios de nós, sorridentes deuses da Grécia, e de mim, uma diaba. Só o que podem é me esconjurar, me amaldiçoar, ou se entregar em sacrifício em delírio bacântico bem diante de meu altar. E quando um de vocês tem a coragem de me beijar a boca vermelha põe-se logo a peregrinar a Roma em traje de penitência, a esperar que algum sangue jorre de um cajado ressequido, enquanto sob meus pés a todo instante brotam rosas, violetas, murtas, e o aroma que exalam não é sentido por vocês. Que fiquem em sua nórdica neblina, em seu incenso cristão. Deixem a nós, pagãos, descansando sob a lava, não nos sepultem. Para vocês não foi construída Pompéia, nem nossas cidades, nossas casas de banho, tampouco nossos templos. Não precisam de deuses! O seu mundo nos resfria! - A bela dama de mármore tossiu, e achegou um pouco mais a pele escura de zibelina sobre os ombros.

- Grato pela aula de período clássico - devolvi -, mas a senhora há de convir que homem e mulher, em seu mundo de céu ensolarado e límpido, tanto como sob o nosso, nebuloso, são de naturezas distintas, e convirá que o amor por um curto espaço de tempo os faz se unir, tornando-lhes capazes de um só pensamento, de uma sensação e de um querer, para então de novo se fazerem dois, e - sabe a senhora melhor do que eu - aquele que falha em subjugar o outro logo lhe sente os pés a lhe forçar pescoço.

- Sim, com efeito, o mais das vezes sente o homem o da mulher - bradou a Vênus com escárnio petulante -, o que o senhor sabe melhor do que eu.

- Sem dúvida, razão pela qual não alimento quaisquer ilusões.

- Tal significa que o senhor é agora meu escravo, desprovido de ilusões; por isso farei a minha parte e o tratarei sem piedade.

- Madame!

- Ah, o senhor ainda não me conhece, pois saiba, eu realmente sou cruel - no sentido gozoso que lhe tem esta palavra -, e acaso não teria o direito de sê-lo? O homem é o cobiçoso, a mulher, a cobiçada, eis aí a vantagem plena e crucial da mulher. A natureza dotou o homem de paixão, e a mulher que não souber submetê-lo, fazer dele seu escravo, seu brinquedo e, ao final, traí-lo com um riso estampado no rosto não será mulher inteligente.

- Vejo que são esses seus princípios, minha cara - observei, indignado.

- Sedimentados em uma experiência milenar - contrapôs zombeteira, enquanto brincava com os dedos brancos na pelagem de cor escura, - quanto mais devotada se

mostrar a mulher, mais de pronto se tornará intimidador e autoritário o homem; porém, quanto mais cruel e infiel, quanto mais o cobrir de maus tratos, quanto mais aviltantemente com ele brincar, e menos piedade demonstrar, maior será a volúpia suscitada no homem, mais será ela por ele amada, e contará com sua adoração. Foi assim desde sempre, desde Helena e Dalila, passando por Catarina ii e Lola Montez.

- Não posso negar - eu disse -, para o homem não há nada que o excite mais do que a imagem de uma despótica mulher bela, voluptuosa e cruel, que dispõe de seus favoritos de maneira atrevida e desconsiderada, a seu bel-prazer.

- E mais ainda se vestir uma pele - arrematou a deusa.

- O que exatamente a senhora quer dizer?

- A sua predileção, eu a conheço bem.

- Pois saiba - ocorreu-me -, que desde a última vez que nos vimos a senhora se tornou tanto mais... coquete.

- E posso lhe perguntar "tanto mais" quanto?

À medida que mais não pode realçar a alvura de seu corpo a não ser por essa escura peliça e que...

A deusa riu.

- O senhor sonha - bradou. - Pois acorde! - e me agarrou pelo braço com sua mão de mármore -, acorde, vamos! - ameaçou a voz ainda uma vez, agora como que arrancada do fundo do peito. Arregalei os olhos tanto quanto pude.

Eu vi a mão que me sacudia, já me aparecia amorenada feito bronze, e a voz revelou-se mais embargada pelo álcool, de meu cossaco, de meu servo cossaco, que se postava diante de mim do alto de seu quase metro e oitenta.

- Ora, levante-se - e continuou o galhardo: - Agora veja se não é uma vergonha.

- E o que seria uma vergonha?

- Adormecer vestido e, como se não bastasse, em cima de um livro - limpou o candeeiro que ardera até o fim e apanhou o volume que me caíra da mão -, e um livro de...- passando os olhos pela capa - de Hegel. Estamos em cima da hora para o encontro com Herr Severin, que nos espera para o chá.

- Sonho intrigante...- observou Severin, quando a ele terminei de contar, pousou os braços sobre o joelho, a cabeça sobre as mãos que as artérias irrigavam delicadamente, e pôs-se a pensar.

Eu sabia que há muito ele se mostrava urna criatura sem vida, e o era de fato, quase não conseguia respirar, tanto que para mim tal comportamento nada tinha de estranho, até porque já havia três anos eu privava de sua amizade e me acostumara com suas esquisitices. Estranho ele era, não havia que negar, mas também não era o louco perigoso pelo qual o tomavam não só na vizinhança, mas todos no distrito de Kolomea. Na verdade, a sua conduta nem me importava lá muito - e por isso mesmo eu havia me habituado a toda uma série de suas pequenas excentricidades -, chegando a nutrir por elas até bastante simpatia.

Para um nobre e detentor de terras da Galícia, e pessoa da sua idade - não tinha muito mais que 30 anos - ele exibia uma notável sobriedade de conduta, algo de seriedade, um quê de quase pedantismo. Vivia seguindo sistemática minuciosidade, meio filosófica, meio prática, fazendo tudo sempre na mesma hora, e não só segundo o relógio ele vivia, mas regrado pelo termômetro, pelo barômetro, pelo aerômetro, pelo

hidrômetro, por Hipócrates, por Hufeland, Platão, Kant, Knigge e Lord Chesterfield; de tempos em tempos, porém, era acometido de achaques violentos, contorcia-se, fazia caretas e dava a impressão de que bateria a cabeça contra a parede, não houvesse alguém sempre a ponto de impedi-lo.

Enquanto ele continuava em seu mutismo, o fogo crepitava na lareira, o grande, respeitável samovar chiava seu canto, na velha cadeira de espaldar eu me balançava tragando meu cigarro, um grilo cantava pousado na parede gasta, e meu olhar vagueava sobre o aparato incomum ali em volta: esqueletos de animais, pássaros empalhados, globos, esculturas de gesso, que atulhavam o cômodo, até pousar ao acaso em um quadro que eu já vira muitas vezes, mas até hoje sua impressão me é indescritível sob o rubor das chamas da lareira: uma grande pintura a óleo, de cores saturadas bem ao modo da escola belga, e a sua figuratividade me causava espécie. Trazia uma bela mulher, um sorriso radiante na fronte delicada, uma vasta cabeleira recolhida a um coque à moda antiga, e sobre seus fios um pó branco feito geada leve; apoiava-se no braço esquerdo, nua sobre uma pele negra assim disposta em uma otomana; a mão direita brincava com um chicote, enquanto ela com os pés descalços negligentemente pisava um homem, deitado sob si como um escravo, como um cão, e seus traços eram angulosos e bem proporcionados. A ela se entregava com pungente melancolia e fervorosa devoção, e lançava-lhe um olhar ardente e apaixonado, como o de um mártir. Esse homem, joguete a seus pés, era Severin, porém sem barba, e parecia dez anos mais novo.

- Vênus das Peles! - suspirei, referindo-me ao quadro. - Tal como no meu sonho.

- Também no meu - disse Severin -, só que o meu sonho, eu o sonhei de olhos abertos.

- Como assim?

- Ah! Deixa para lá...

- O teu quadro dá um ensejo escancarado ao meu sonho - prossegui -, mas diga-me de uma vez: o que está aí estampado teve algum papel em tua vida, e talvez um papel decisivo, como posso imaginar, e, bem, o resto eu espero que me contes...

- Observe a peça ainda uma vez - contrapôs meu distinto amigo, sem se importar com minha pergunta.

É uma cópia perfeita da conhecida *Venus com o espelho*, de Ticiano, que está na Galeria de Dresden.

- E então, o que você quer dizer...

Severin levantou-se e com o dedo apontou a peliça com que Ticiano vestira a sua deusa do amor.

- Também aqui 'Vênus das Peles' - disse rindo de soslaio -, porém não creio que o veneziano tivesse tal intenção já naquela época. Simplesmente compôs o retrato de uma Messalina aristocrática, tendo a gentileza de fazer o Amor segurar o espelho no qual examina seus encantos majestosos com fria indiferença, e note como para o menino parece árdua a tarefa. O quadro é um elogio em pinceladas. Mais tarde algum especialista do período rococo batizou a dama de 'Vênus', e a pele, com que Ticiano cobriu sua bela modelo mais por medo de um resfriado do que por pudor, tornou-se um símbolo da tirania e da crueldade que reside na mulher e em sua beleza.

- Mas é bem isso... O modo como o quadro aqui parecemos uma sátira picante ao nosso amor. A Vênus no Norte abstrato, no mundo cristão e glacial, é obrigada a se enfiar em uma pesada peliça, para não se resfriar...

Severin sorriu e acendeu outro cigarro.

Nisso abre-se a porta, e uma loura bonita, de olhar a um só tempo amistoso e de vivaz inteligência, trajando um vestido de seda preta, adentrou o ambiente e nos trouxe

fiambre e ovos para acompanhar o chá. Severin tomou um dos ovos e o partiu com uma faca.

- Eu já não lhe disse que não os quero cozidos além do ponto? - gritou com uma virulência que a fez tremer.

- Mas querido Sewtschu - ela foi dizendo com medo.

- Sewtschu, qual o quê! - gritou -, tens de obedecer, entendeste? - e desatou o açoite que pendia entre suas armas. A bela mulher se esvaiu do aposento ligeira e medrosa feito uma gazela.

- Espera só, eu já te pego de jeito! - gritou atrás.

- Mas Severin - intervi, pousando a mão em seu braço -, como podes tratar assim essa jovem e bela mulher?!

- Veja que ser é a mulher... - contrapôs, sarcasticamente piscando os olhos -, se eu a tivesse adulado, teria pulado na minha jugular, mas como eu a trato na base do chicote, ela me respeita.

- Ah, não me venhas com essa...

- Não me venhas tu, é assim que se deve tratar uma mulher.

- Por mim, tu podes viver como uma paxá em seu harém, mas não há de me convencer com essas teorias... - E por que não? - Severin discordou vivamente. – As palavras de Goethe, "ou tu és o martelo ou a bigorna", que soam tão lapidares no convívio entre homem e mulher, foi bem a relação que acabou se instaurando com a Vênus no sonho. No sofrimento do homem está a força da mulher, e ela se presta a isso se o homem não se cuida. Ele tem apenas uma escolha: ser o tirano ou o escravo da mulher. Tão logo se entrega, já está com a cabeça sob o jugo e sente em seu dorso o chicote.

- Máximas...

- Não são máximas, são experiências - discordou, balançando a cabeça -, fui seriamente maltratado pelo chicote e encontrei a cura. Queres ler a respeito?

Levantou-se e tomou da escrivaninha maciça um pequeno bloco de notas, que depositou na mesa diante de mim.

- Você tinha me perguntado sobre aquele quadro. Bem, eu lhe devo uma resposta. Aqui está - leia!

Severin sentou diante da lareira, as costas para mim, e parecia sonhar de olhos abertos. De novo se pusera em silêncio, ressaltando o crepitar do fogo na lareira, os cantos do samovar e do grilo na parede gasta; tomei do bloco de notas e li: CONFISSÕES DE UM ULTRA-SENSUAL.

À margem no manuscrito, à guisa de motivo, uma variante dos conhecidos versos do *Fausto*:

*Tu, ultra-sensual, sensual libertino,
Uma mulher te tem na palma da mão.*

Mefistófeles

Virei o frontispício e li: "O que se lerá a seguir são páginas reunidas do que um dia foi o meu diário, pois jamais se pode representar de maneira imparcial o seu passado, mas tudo serão as cores frescas, as cores do presente".

Dizia Gógol, o Molière russo - onde mesmo? - ah, em uma passagem qualquer ele o disse - a autêntica musa cósmica é a que contém as lágrimas por trás da máscara sorridente.

Dito maravilhoso...

E é bem essa a minha disposição, enquanto o escrevo. O ar me parece repleto de um intoxicante aroma de flores, que me poliniza, faz-me doer a cabeça, a fumaça da chaminé encrespa-se e se acumula em formas, desenha pequenos duendes sorridentes, apontam para mim de forma zombeteira, e cupidos de maçãs salientes cavalgam no espaldar de minha cadeira e sobre meus joelhos, e sem querer tenho de rir, rir às gargalhadas, enquanto descrevo a minha aventura, e note-se que não a escrevo com a tinta habitual, mas com o azul avermelhado que me sai em gotas do coração - pois todas as suas feridas havia muito cicatrizadas agora jazem abertas, ora latejam e doem, aqui e ali cai uma lágrima sobre o papel.

Os dias passam despercebidos nos baixos Cárpatos. Não se vê ninguém e não se é visto por ninguém. Escrever um idílio teria algo de modorra. Eu com ócio bastante para expedir uma galeria de pinturas, um teatro para toda uma estação com novas peças, tendo de prover a uma dezena de virtuosos em concertos, trios e duos, mas - que estou a dizer? -, ao final faço muito mais que estender a tela, encerar o chão, dispor as partituras, pois eu estou - ah! amigo Severin, aos outros não tenho a falsa vergonha de mentir; mas quem se arrogará a enganar a si próprio - eu mesmo mais não sou que um diletante; um diletante na pintura, na poesia, na música e, como se não bastasse, em ainda outras das artes estéreis, que aos seus mestres garantem rendimentos de ministro - podem garantir um pequeno potentado - e sobretudo sou um diletante na vida.

Vivi até agora, como pinte e escrevi poesia, e isto significa que não fui muito além dos fundamentos, do plano, do primeiro ato, da primeira estrofe. Há pessoas que tendo começado tudo nunca levam nada até o fim - e sou uma dessas pessoas.

Mas que conversa fiada é essa?! A conferir.

Ponho-me à minha janela e vejo o refúgio em que desespero, imagem de uma poesia sem fim. Que visão dos cumes azuis entretecidos de um dourado aroma solar pelos paredões altos da montanha, pelos quais se enlaçam as torrentes feito cordões de prata, e quão claro e azul o céu, para o qual se erguem os cumes escarpados, e quão verdes em seu frescor as encostas das florestas, os campos em que apascentam pequenos rebanhos até o ponto em que alteiam as vagas dos cereais, lá onde se poem em camadas e curvam-se para de novo se eriçar.

A casa em que moro crava-se em uma espécie de parque, ou floresta, ou ermo, como se queira chamar, e é lugar bastante solitário.

Aqui não mora ninguém a não ser eu, uma viúva de Lvov, a dona da casa, madame Tartakowska, uma pequena mulher idosa, que a cada dia fica menor, um cão velho, que é obrigado a ficar parado em uma perna só, um gato novo, que está sempre brincando com um novelo que pertence, creio, à jovem viúva.

Realmente bonita a viúva, e ainda muito jovem, no máximo 21 Anos, e também bastante rica. Mora no primeiro andar, eu moro ainda embaixo, quase ao rés-do-chão. Está sempre com as verdes persianas fechadas e tem uma varanda onde crescem trepadeiras; já eu, em se tratando de plantas e trepadeiras, tenho o meu amoroso e íntimo caramanchão, onde leio, escrevo e pinto e canto como um verdadeiro pássaro das ramagens. Posso olhar a sacada. Às vezes olho especificamente para a viúva e chego a vislumbrar, vez por outra, um vestido branco entre o refúgio espesso de verde.

Na verdade a bela mulher de cima interessa-me pouco, já que sou apaixonado por outra, e aliás, perdida e desesperadamente apaixonado, bem mais desesperado que o

cavaleiro Toggenburg e o cavaleiro Des Grieux de Manon Lescaut: a minha amada é de pedra.

No jardim, no pequeno ermo, há uma pequena e graciosa campina, onde pastam calmamente algumas corças. Em meio a essa campina encontra-se uma imagem de Vênus de pedra - a original, creio eu, está Florença; esta Vênus é a mulher mais bela que eu já vi em toda a minha vida, o que não há de significar muita coisa, pois eu vi poucas mulheres belas, e na verdade poucas mulheres eu vi, e no amor sou um mero diletante, que jamais passou dos rudimentos, não saiu do primeiro ato.

Mas para que falar em superlativos, se o que é belo pode transcender a tudo isso?

Basta - esta Vênus é bela e eu a amo, tão apaixonadamente, de maneira tão dolorosamente íntima e perdidamente a amo, como só se pode amar a uma mulher, e ela responde a esse amor com um sorriso sempre igual, impassível, de pedra. Verdade seja dita: sim, eu a adoro.

Quando o sol entremeia os bosques muitas vezes eu me deito sob o parreiral e me ponho a ler um livro novo, e é freqüente me visitar minha amada fria e cruel, também à noite, e eu me ponho diante dela de joelhos, o rosto contra a pedra fria onde jazem seus pés, e me prostro em adoração.

É indescritível quando a lua assoma - estamos no crescente -, flutua entre as árvores e embebe a campina em um brilho cor de prata. A deusa fica então transfigurada, e parece banhar-se em luminosidade alva.

A certa altura me demovo de minha devoção, sigo pelas alamedas, para casa, vejo de repente, separada de mim por uma galeria verde, uma figura feminina, alva como de pedra, que reluz à luz da lua: a própria, a minha, como se a mulher de mármore tivesse se apiedado de mim, e se vivificasse, e me seguia - mas eu era tomado de um medo inominável, o coração ameaçava saltar, e em vez disso...

Ora, vejam que sou um diletante. Como sempre no segundo verso eu me detenho, não, ao contrário, já não me detenho, vou tão rápido quanto posso correr.

Que coincidência! Eis que um judeu, negociante de fotografias, atira-me a imagem de meu ideal: uma folha pequena, a Vênus com o espelho de Ticiano, mas que mulher! Quero compor uma poesia. Não! Tomo da folha e escrevo:

Vênus das Peles

Tu te resfrias, ainda que em meio às chamas que provocas.
Tu te cobres tão-somente em teu poder de déspota,
A quem melhor convém senão a ti,
Deusa cruel da beleza e do amor.

E depois acrescentei alguns versos de Goethe, os quais, havia pouco, eu encontrara em sua parálipomena de *Fausto*.

Para Amor!

Fictício é o teu par de asas,
As setas são garras,
Tua grinalda oculta as lanças,
Também tu és,
Não há sombra de dúvida,
Como todos os deuses da Grécia,
Um demônio disfarçado.

Então, depusitei a imagem de minha deusa sobre a mesa, amparei-a com um livro e passei a mirá-la.

A coqueteria fria, com que a esplêndida senhora reveste seus encantos em uma escura zibelina, a força, a dureza estampada em suas feições de mármore me arrebatam ao tempo mesmo em que insinuem crueldade.

Tomo ainda uma vez da pena; e agora:

- Amada, amada seja, que felicidade! E como o próprio brilho desvanece ante a bem-aventurança torturada de adorar a uma mulher, que faz de nós seu brinquedo, o escravo de uma bela tirana, que impiedosamente nos põe a seus pés. Mesmo Sansão, o herói, o gigante, deu-se na palma da mão de sua Dalila, que o traíra e o traiu ainda uma vez, e os filisteus o amarraram diante dela e lhes arrancaram os olhos, estes que ele manteve até o último instante embriagadamente siderados em ira e amor pela bela traidora.

Tomei o café da manhã em meu caramanchão e li o meu livro de Judite, invejando o cavaleiro gentio e furioso Holofernes pela dama real por cujas mãos ele perdeu a cabeça, e por seu belo e sanguinolento fim.

"E Deus o puniu e o entregou às mãos de uma mulher." A frase não me sai da cabeça.

Quão pouco galantes são esses judeus, pensei, e seu deus... Poderiam arranjar expressões mais adequadas ao falar do belo sexo.

"E Deus o puniu e o entregou às mãos de uma mulher." Eu repetia comigo. Então, o que devo perpetrar para que Ele puna também a mim?

Pelo amor de Deus! Chega a dona da casa, que da última noite para cá tornou a ficar um tanto menor. E lá em cima, entre ramos verdes e colares novamente o vestido branco. Será a Vênus ou a viúva?

Desta vez é a viúva, pois madame Tartakowska ajoelha-se e solicita algo em seu nome - está interessada em leituras. Corro para o meu quarto e reúno alguns volumes.

É tarde demais quando me lembro que minha imagem de Vênus está dentro de um deles. Agora minhas efusividades todas estarão ao alcance da alva mulher lá de cima. Que dirá a respeito?

Ouço-a rir. Rirá de mim?

Lua cheia. Já se a pode ver sobre as copas dos pinheiros mais baixos, que nas beiradas do parque formam arvoredos, e um aroma todo de prata enche o terraço, os grupos de árvores, a paisagem inteira, até onde o olhar alcança, suavemente se confundindo a distância, tal como água a tremeluzir.

Não posso resistir, algo parece reclamar a minha presença, e me chama de maneira tão peculiar... Torno a me vestir e adentro o jardim.

Sou atraído para a campina, para ti, minha deusa, minha amada.

A noite é fresca. Tenho arrepios. O ar vem prenhe de aroma de flores e da floresta - embriaga.

É festa! Música em torno. Lamúrias de um rouxinol. Estrelas piscam em um brilho apenas fosco. A campina parece rente como um espelho, uma camada de gelo quando cobre um lago.

Sublime e luminosa, ergue-se a imagem da Vênus.

Ora, mas o que é isso?

Dos ombros marmóreos da deusa cai-lhe até os pés uma peliça negra - paralisado, eu a contemplo, e de novo me percorre aquele temor indescritível: tento fugir.

Apresso o passo; vejo então que tomei a alameda errada e ao voltar lateralmente por uma passagem ladeada de verde vislumbro, sentada, a Vênus, a bela, a mulher de pedra, não, a verdadeira deusa do amor, com sangue quente e inteira pulsante, diante de mim sobre um banco de pedra. Sim, ela se fez viva para mim, como se aquela estátua começasse a respirar para o seu mestre; o milagre se realiza, em parte. O seu cabelo branco ainda parece de pedra, e seu vestido branco cintila como a luz da lua, ou seria a seda? De seus ombros desliza a peliça negra - mas os lábios já são vermelhos, e suas maçãs se colorem, de seus olhos vêm ao meu encontro dois raios verdes, diabólicos, e neste momento ela ri.

O seu riso é tão peculiar, tão... Ah! É indescritível, ele me tira o fôlego, eu torno a praguejar, e sempre de novo após uns poucos passos tenho de recobrar o fôlego, e aquele riso de escárnio me persegue por todo o sombreado parreiral, pela relva enluarada, bosque adentro, de espessura só violada por uns raios de luar; eu já não encontrava o caminho de volta, punha-me errante, gotas frias de suor gotejavam de minha testa.

Por fim estanquei e entabulei breve monólogo.

Somos com nós mesmos sempre ou muito delicado ou muito ríspido.

Então digo a mim mesmo: estúpido!

Esta palavra exerce em mim um efeito assombroso, feito uma fórmula mágica, que me liberta e como que me faz ser quem sou.

Fico um instante em silêncio.

Divertindo-me com a situação eu repito: estúpido!

Agora vejo de novo tudo clara e nitidamente, vejo que há uma fonte, mais além a alameda arborizada, então a casa, e rumo lentamente para lá.

Ali - de repente, ainda uma vez - atrás do muro oculto banhado pelos raios prateados do luar, o vestido branco, a bela mulher de pedra, a quem adoro, a quem temo, da qual eu fujo.

Algumas palavras mais, frases, e de novo estou em casa, recupero o fôlego e me ponho pensativo.

Afinal, o que sou, um mero diletante ou um grande estúpido?

Manhã abafada, o ar baço, como que condimentado, tudo contribui para uma atmosfera excitante. Sento em meu caramanchão e leio a odisséia da feiticeira encantadora, que em besta converte os que a adoram. Deliciosa imagem do amor antigo.

Há um murmúrio entre as ramagens e os caules, as folhas de meu livro farfalham, e murmúrio também há no terraço.

Um vestido de mulher.

É ela - Vênus - sem a pele - não, desta vez é a viúva e então - Vênus - Oh! Que mulher!

Como ela fica ali parada com seu traje esvoaçante, alvo e dominical olhando para mim, como é poética e graciosa - assim também me parecem suas formas delicadas; não é grande, tampouco é pequena - e a cabeça, mais que encantadora, provocante - bem como no tempo das marquesas francesas - bela no sentido mais estrito, de todo modo encantadora, e quanta suavidade, quanta malícia contida não aflora dessa boca de lábios cheios, não pequena em demasia - a pele é de uma delicadeza infinita, que transparece nas veias azuis e mesmo na musselina que lhe cobre os braços e o peito. Quão suntuosa lhe cai a cabeleira vermelha - sim, vermelha - nem loura nem dourada, e é de maneira demoníaca e ainda assim adorável que lhe brinca sobre a nuca, e eis que seus olhos se me encetam neste momento como raios verdes - são verdes, esses olhos, cuja branda autoridade me é algo indescritível - verdes, mas como pedras preciosas, e profundos tal qual o insondável dos lagos montanos pode ser. Ela percebe o meu estado de confusão, que chega a se fazer descortesia, já que eu permaneço sentado, chapéu na cabeça.

E ri, maliciosa.

Por fim me levanto e a saúdo. Ela se aproxima com um riso sonoro, quase infantil. Gaguejo - só mesmo um pequeno diletante ou um grande estúpido poderia gaguejar nessa hora.

Foi assim que nos conhecemos.

A deusa me pergunta o nome e diz o seu. Chama-se Wanda von Dunajew.

Ela é, de fato, a minha Vênus.

- Mas, madame, como pode lhe ter ocorrido? - A gravura dentro de seu livro...

- Esqueci que ela estava lá...

- As anotações, tão instigantes, no verso. - Instigantes? Por que o seriam?

Olhava para mim.

- Sempre tive a vontade de um dia conhecer um fantasista de vocação e realização - isso em razão da mudança - e vejo que o senhor está me saindo um dos mais formidáveis que possa haver.

- É de fato magnânima - de novo me sobreveio a fatal e estúpida gagueira, e como se não bastasse ruborizei, como só bem conviria a um jovem de 16 anos, mas não a mim, que tenho quase dez anos mais que isso.

- Esta noite o senhor teve medo de mim.

- Sim - admito -, a senhora não quererá sentar-se?

Tomou lugar e se deleitou com o medo que eu senti - e aliás eu temia ainda, em plena luz do dia, eu a temia tanto mais - um escárnio encantador lhe fez cintilar o lábio de cima.

- O senhor vê o amor e sobretudo a mulher - começou -, como algo estranho, algo... de que é preciso se defender, ainda que o esforço seja vão. Mas o senhor sente esse poder sobre si como um doce tormento, uma crueldade atraente - uma perspectiva autenticamente moderna.

- E a senhora não a compartilha?

- Não, não a compartilho - disse rápida e decidida, sacudindo a cabeça. Seus cachos pululavam para cima como chamas vermelhas.

- O ideal que anseio ver realizado em vida é o da serena sensualidade do prazer sem dor dos helenos. Pois no amor pregado pela cristandade, pelos modernos, pelo

espírito de cavalaria, neste eu não acredito. Sim, olhe para mim, sou bem pior que uma herege - sou uma pagã.

- Crês que em algum dia a deusa do amor tenha resplandecido mais do que eu para o seu Anquises no arvoredo do monte Ida?

- Esses versos da elegia romana de Goethe sempre me foram por demais tocantes.

- Na natureza existe só mesmo aquele amor dos tempos heróicos - quando se amavam os deuses e deusas. Naquele tempo, seguia-se o desejo ao olhar, e o gozo ao desejo.

- Todo o resto é afetado, falseado. O cristianismo - e seu terrível emblema: a cruz - me é assustador. Traria para mim antes de tudo algo de estranho e inimigo da natureza de seus ímpetus isentos de qualquer culpa.

A luta do espírito com o mundo dos sentidos é o evangelho dos modernos. Disso não quero tomar parte.

- Pois sim, o seu lugar seria no Olimpo, madame. Mas nós, modernos, já não conseguimos suportar a serenidade antiga, pelo menos não, não o conseguimos no amor; a idéia de com outros partilhar uma mulher, que fosse, uma Aspásia, nos arrepia, somos ciumentos como o é o nosso Deus. E foi assim que o nome da venerável Friné se converteu entre nós em palavra injuriosa.

Preferimos uma jovem mulher pobre e pálida *à la* Holbeim, que só a nós pertence, a uma Vênus antiga, por divinamente bela que possa ser, mas que hoje ame a Anquises, amanhã a Páris, depois de amanhã a Adônis, e se a natureza triunfar sobre nós, se nos entregarmos a um acesso ardoroso de paixão por tal mulher, o nosso sereno prazer de viver nos parecerá coisa do demônio, crueldade, e passaremos a ver em nossa bem-aventurança um pecado, que será preciso expiar.

- Mas o senhor também se deixa iludir pela mulher moderna, por aquela pobre e histérica mulherzinha, a quem não chegam a apreciar em sua perseguição sonambúlica pelo homem dos sonhos, pelo ideal masculino. Em meio a lágrimas e convulsões enganadoras e enganadas, falta diariamente com seus deveres cristãos, sempre tornando a procurar e a escolher e a recusar, nunca estão felizes, nunca fazem felizes e queixam-se do destino em vez de dar a ele o seu calmo consentimento. Prefiro amar e viver, como viveram Helena e Aspásia. A natureza não fez duráveis as relações entre homem e mulher.

- Senhora...

- Permita-me concluir. Só o egoísmo do homem pode enterrar o da mulher como um tesouro. Revelaram-se vãos todos os esforços, que, intentados por cerimônias religiosas, juramentos e contratos duradouros, tentaram introjetar o amor na suprema inconstância da inconstante condição humana. O senhor será capaz de negar que o nosso mundo cristão encontra-se a esfacelar-se?

- Mas...

- Mas o indivíduo que se arvora contra a organização da sociedade será expelido, marcado a ferro e fogo, o senhor quererá dizer. Pois bem. Ouso arriscar que meus princípios são mesmo pagãos, e quero vivenciar minha conduta. Eu renuncio ao seu respeito hipócrita - prefiro ser feliz. Os inventores do casamento cristão o fizeram bem feito, assim como os que inventaram a imortalidade. Mas eu não penso em ser eterna, e quando, com um último suspiro, aqui tudo se findar com Wanda von Dunajew, que vantagem extrairei de meu espírito, em estado puro, se juntar a um coro de anjos ou se meu pó de novo se reunir em um novo ser? O certo é que não persistirei como sou - devo então renunciar em consideração a quê? Pertencer a um homem a quem não amo

simplesmente porque um dia o amei? Não, eu a tanto me recuso; amo a quem me agrada, e faço felizes todos os que me amam. Feio isso? Não. E pelo menos muito mais belo do que se eu me regozijasse dos tormentos provocados pelos meus encantos e virtuosamente me desviasse do pobre que se consome por mim. Sou jovem, rica e bela, vivo serenamente para o desfrute e para o gozo.

Enquanto ela falava, e seus olhos fulguravam maliciosamente, tomei de sua mão, sem saber ao certo qual o meu desejo com ela, e como autêntico diletante logo as acabei largando.

- Sua sinceridade - disse eu -, me encanta - e não é só ela que me encanta.

De novo o maldito diletantismo me trava, me aperta o pescoço.

- O senhor queria dizer que...

- O que eu queria dizer - sim, eu queria - perdoai-me, senhora, eu a interrompi.

- Como?

Demorada pausa. Certamente ela entabulava um monólogo que, traduzido para a minha língua, resumir-se-ia a uma única palavra: "estúpido".

- Se me permitir, senhora - comecei, por fim -, como teria lhe ocorrido essa... essa idéia?

- É simples. Meu pai era um homem razoável. Desde o berço eu me vi cercada por obras de arte; aos io anos eu lia Gil Blas; aos 12, Pucelle. Enquanto as crianças tinham a companhia do Pequeno Polegar, do Barba Azul, de Cinderela, para mim eram Vênus e Apolo, Hércules e Laocoonte. Meu marido era de uma natureza jovial e radiante; não se deixava abater por muito tempo pelo mal incurável que o acometeu logo depois de nossas núpcias. Na noite anterior à sua morte ele ainda me chamou para junto de sua cama, tal como fizera nos muitos meses em que agonizara em sua cadeira de rodas, e me disse brincando: "Ei... Já tens um adorador?". Eu me enrubescia de vergonha. "Não me enganes", logo acrescentava. "A idéia pode até me repugnar, mas procura para ti um homem bonito, ou, de preferência, vários deles. És uma mulher e tanto, mas um pouco infantil: precisas de brinquedos."

- Bem, está óbvio que enquanto ele viveu não tive adorador algum, mas ele me educou, me fez ser o que sou. - Uma deusa - arrematei.

Riu-se.

- Que tipo de deusa?

- Uma Vênus.

Ela me ameaçou com o dedo e franziu as sobrancelhas.

- No fim das contas o senhor ainda espera por uma "Vênus das Peles". Tenho uma grande, grande pele, com a qual posso cobri-lo, e quero envolvê-lo como em um ninho.

- A senhora também acredita - fui logo dizendo, pois me ocorreu algo que, por mais trivial e atípico, tomei por uma reflexão bastante interessante. - A senhora acredita que suas idéias se deixam transportar para o nosso tempo, e que a Vênus em sua beleza e serenidade desveladas possam ser transportadas por nossas vias férreas e por nossos telégrafos?

- Eu não diria desveladas, mas envolta por uma peliça. - disse, rindo - Quer ver a minha peliça?

- E então...

- E "então" o quê?

- Pessoas belas, livres, bem dispostas e felizes como o eram os gregos só são possíveis se tiverem escravos, que realizem para elas as tarefas prosaicas do dia-a-dia - que trabalhem para elas.

- Pois sim - respondeu maliciosa -, faz-se necessário, enfim, a uma deusa olímpica como eu, todo um exército de escravos. Cuidado comigo.

- Por quê?

Impressionou a mim a audácia com que esse "por quê?" fora proferido. Já ela não se rogava por coisa alguma. Puxou os lábios um pouco para cima, tornando visível a dentição branca, e soltou, ligeiramente, como fosse algo de somenos

importância:

- Quer ser meu escravo?

- No amor o lado a lado é coisa que inexistente - respondi com cerimoniosa seriedade -, mas tão logo eu possa escolher entre dominar ou ser subjugado, é-me idéia excitante ser o escravo de uma bela mulher. Mas onde encontrar a mulher que não se deixe levar por implicâncias, e se conduza tranqüila e altivamente?

- Até que não seria tão difícil...

- A senhora acha...

- Eu, por exemplo - curvou-se para trás, às gargalhadas - tenho uma vocação despótica - a peliça, necessária, eu a possuo -, mas diga-me, com toda a sinceridade... Essa noite o senhor teve medo de mim!

- Sim. Com toda a sinceridade.

- E agora?

- Agora... mesmo agora sinto medo da senhora.

Dia a dia estamos juntos, eu e... a Vênus. Já não nos desgradamos, tomamos o café da manhã em meu caramanchão e o chá na salinha dela, vou lhe mostrando todos os meus talentos pequenos, tão pequenos... Para que fui me instruir em todas as ciências, para que me debrucei sobre todas as artes, se eu não estava em condições de... Um encanto, uma delicadeza de mulher...

Delicada, porém não pequena. Ela se impõe monstruosamente. Hoje eu a desenhei, e, diga-se, percebi com nitidez como quase não se combinam nossos penteados modernos ao seu rosto de camafeu. Ela tem algo de romano, e sobretudo muito de grego em suas feições.

Eu gostaria de pintá-la ora como Psiquê, ora como Astartéia, conforme desse a seus olhos uma expressão anímica arrebatada ou então outra, meio lânguida, meio voluptuosamente chamuscada e cansada, mas ela quer mesmo um retrato.

Estou pensando em lhe dar uma peliça.

Ah! Como não pensei nisso antes?! Como não adorná-la, e só a ela, com tal pele principesca?

Ontem à noite estive com ela. Em voz alta, li as elegias romanas. Por fim deixei o livro de lado e falei o que me vinha à cabeça. Ela pareceu satisfeita, tanto mais que deliberadamente se entretinha com meus lábios, e os peitos lhe arfavam.

Ou será que me enganava?

A chuva batia melancolicamente na vidraça, o fogo crepitava na lareira em uma tristeza invernal. De tão familiarizado com ela, por um momento perdi toda a reverência ante a bela mulher, beijei sua mão e ela o permitiu.

Sentei a seus pés e li uma pequena poesia que eu havia escrito para ela:

Vênus das Peles
Pousa o pé sobre teu escravo,
Mulher mítica, graciosamente diabólica
Estende o marmóreo corpo
Entre mirtos e agaves.

Sim - e fui embora poesia adentro. Desta vez realmente passei da primeira estrofe, fazendo, a seu pedido, o poema para ela - sem manuscrito. Hoje, ao transcrevê-lo em meu diário, só me ocorre essa primeira estrofe.

É uma sensação curiosa, esta que eu tenho. Não sei se estou apaixonado por Wanda - pelo menos em nosso primeiro encontro eu não senti nada demais por aquele par de olhos dardejantes. Mas também sinto o modo como a sua beleza extraordinária, realmente divina, pouco a pouco me envolve de maneira... mágica. Não sou movido pelo sentimento, não é algo assim que se passa comigo. É uma submissão física, lenta, mas tão completa, e dela padeço cada dia mais.

Eis que hoje ela me disse de repente, sem nenhum motivo especial:

- O senhor me interessa. A maioria dos homens é tão comum, sem vibração, sem poesia; no senhor vejo uma certa profundidade e entusiasmo, sobretudo uma seriedade, que me faz bem. Posso me afeiçoar...

Após uma chuva de verão tão breve quanto forte, saímos juntos em visita à campina, à imagem da Vênus. A nossa volta, tudo exala um cheiro de terra, a neblina sobe como fumaça de sacrifício e ganha o céu, onde um arco-íris paira estilhaçado pelo ar. As árvores ainda gotejam, mas pardais e tentilhões já pulam de um galho para outro e gorjeiam vivamente, como se estivessem rutilantes, e tudo é frescor. Não nos era possível atravessar o campo, pois estava completamente molhado e aparecia reluzente sob o sol, como um pequeno lago, de cujo espelho em movimento se alça a deusa do amor, e em torno de sua cabeça um bailado de pernilongos, que reluzem ao sol, fazem as vezes de auréola.

A adorável visão é aprazível a Wanda. Estando ainda molhados os bancos da alameda, ela se ampara em meu braço para descansar. Uma doce exaustão percorre o seu corpo inteiro, os olhos semicerrados, a sua respiração roça a minha face.

Tomo sua mão e - como o consegui na verdade não sei - pergunto:

- A senhora seria capaz de me amar?

- Por que não? - respondeu, e deixou pousar em mim seu olhar tranqüilo e radiante, mas não por muito tempo.

No instante seguinte eu me ajoelhei diante dela e pressionei ardentemente o rosto contra a musselina perfumada de seu vestido.

- Mas Severin... Está sendo mal comportado - gritou.
Mas tomei seus pés em minhas mãos, e meus lábios foram ao seu encontro.
- O senhor insiste em ser mal comportado! - esbravejou, desvencilhou-se de mim e saiu correndo em direção à casa, nisso deixando a sua tão amada pantufa entre as minhas mãos.
Seria um presságio?

Durante todo o dia não ousei chegar perto dela. Caía a noite, eu sentei em meu caramanchão, e de repente lhe vi a graciosa cabeça vermelha através das trepadeiras de sua sacada. Ao que ela gritou impaciente:

- Mas por que não vem até mim de uma vez?

Subi a escada, mas estando lá em cima de novo a coragem me faltou e bati suavemente à porta. Não me disse para entrar, mas abriu e adiantou-se à soleira.

- Onde está minha pantufa?

- Está... eu tenho... - gaguejei.

- Pois trate de trazê-la! Tomaremos o chá e conversaremos um pouco.

Quando voltei, ela estava às voltas com a chaleira. Depositei a pantufa solenemente sobre a mesa e fiquei a um canto, feito criança à espera da punição.

Percebi que ela tinha alguma coisa à testa e trazia uma expressão severa e autoritária, que me encantou. Caiu na risada.

- Ah, então... Está apaixonado... Por mim?

- Sim, e sofro com isso muito mais do que a senhora possa imaginar.

- Ah, o senhor sofre! - tornou a rir.

Fiquei confuso, envergonhado, aniquilado - em vão.

- Mas como? - prosseguiu. - Pois eu lhe sou boa. E o sou de coração. - Deu-me a mão e me olhou de cima a baixo, amistosamente.

- E quer ser minha mulher?

Wanda me olhava. Como ela me olhava? Creio que sobretudo com espanto e com uma ponta de escárnio.

- Mas como consegue ter tanta coragem? - disse.

- Coragem?

- Sim, coragem, mais do que qualquer outra coisa, de pegar uma mulher - e ainda mais eu? - Jogou para cima a pantufa. - O senhor assim, tão rápido, se acostumou com isso? Mas brincadeiras à parte, quer mesmo se casar comigo?

- Sim.

- Então, Severin, temos aí um caso sério. Acho que o senhor me ama, e eu ao senhor, e, o que é melhor, interessamo-nos um pelo outro, e não há o menor risco de tão cedo nos entediarmos com isso, mas, o senhor sabe, sou uma mulher frívola, e exatamente por isso eu levo o casamento a sério. E se assumo obrigações, quero cumpri-las. Temo, no entanto... Não... O senhor certamente sofrerá com isso...

Eu lhe peço, seja honesta para comigo - retruquei.

Então, falando com toda a honestidade. Eu não acho que um homem seja capaz de me amar por mais do que...

Inclinou a cabeça desoladamente para o lado.

- Um ano.

- Enlouqueceu? Um mês, quando muito.

- Nem mesmo eu?
- Agora o senhor... O senhor talvez dois meses.
- Dois meses! - exclamei.
- Dois meses, e já é muito.
- Madame, assim a senhora já estaria a exagerar os preceitos de sua Antigüidade...
- O senhor vê? Vê como não suporta a verdade?
Wanda atravessou o quarto, virou-se, recostou-se à lareira e olhou para mim, com o braço pousado no mármore.
- Então, o que devo iniciar com o senhor? - retomou.
- O que a senhora quiser - respondi, resignado. - O que lhe dê satisfação.
- Inconseqüente! - bradou. - Primeiro quer me ter como mulher e então se dá a mim como brinquedo. - Wanda, eu a amo.
- Sempre voltamos ao ponto de partida. O senhor me ama e me deseja como mulher, mas eu não quero novas núpcias, pois tenho dúvidas sobre quanto serão duradouros os meus e os seus sentimentos.
- E se eu quiser me atrever a...
- Então é o caso de saber se eu o desejarei tanto como o senhor - disse muito calmamente. - Posso bem imaginar que pertenço a um homem por toda a vida, mas teria de ser um homem completo, um homem que se impusesse a mim, que me submetesse pela força de seu ser. Entende? E todo homem, eu bem o sei, torna-se - basta estar apaixonado - fraco, maleável, ridículo, na mão de uma mulher, de joelhos diante dela, ao passo que eu só posso amar duradouramente aquele ante o qual eu me puser de joelhos. Acontece que estou de tal forma me afeiçoando ao senhor, que bem gostaria de tentar.
E me lancei a seus pés.
- Meu Deus! Ele já se ajoelha! - exclamou, com escárnio. - Estamos começando bem.
E enquanto eu de novo me punha de pé, ela prosseguiu:
- Dou-lhe um ano para me ganhar, para me convencer de que somos feitos um para o outro, de que podemos viver juntos. Se o conseguir, serei sua mulher, e então, Severin, uma mulher que cumprirá seus deveres estrita e ciosamente. E no decorrer desse ano viveremos como marido e mulher.
Foi então que me subiu o sangue.
Também seus olhos, de um momento para o outro, mostraram-se dardejantes.
- Iremos morar juntos - continuou -, compartilhar todos os nossos hábitos, cumpre ver se podemos nos entender.
Concedo-lhe todos os direitos de um marido, de um adorador, de um amigo. Satisfeito?
- Só posso estar. - Não, não pode. - Mas eu quero.
- Excelente. É assim que um homem fala. Tem então a minha mão.

Já há dez dias que eu não me afasto de sua companhia em hora alguma, exceção feita às noites. Posso o tempo inteiro olhar dentro de seus olhos, tomar suas mãos, ouvir suas conversas, acompanhá-la em todas as coisas. O meu amor se me achega como um

abismo cada vez mais profundo, sem fim, em que desço cada vez mais e do qual já não posso me salvar.

Esta noite nos refestelamos na campina, aos pés da estátua da Vênus. Apanhei flores e as depusitei em seu colo, ela fez grinaldas, com as quais adornaria a nossa deusa.

De repente, Wanda me fitou com um olhar deveras estranho e tão perturbador, que minha paixão lançou chamas a me devorar. Já sem conseguir me conter, passei-lhe em torno os braços e fiquei atordoado por suas palavras - ela me pressionava junto a seu peito arfante.

- Está brava?

- Brava nunca estou com coisa alguma, o que é bastante natural -, respondeu -, só temo fazê-lo sofrer.

- Ah, e como sofro, é algo terrível.

- Meu pobre amigo - ajeitou para o lado meus cabelos desganhados sobre a testa. - Só espero que não seja por minha culpa.

- Não - respondi -, e no entanto meu amor pela senhora se tornou uma espécie de loucura. Só de pensar que posso perdê-la, sim, que na verdade devo perdê-la, bem, essa idéia me tortura noite e dia.

- Ora, mas o senhor ainda não me possui - disse Wanda, e tornou a me lançar aquele olhar vibrante, lúbrico, ardente, que já me transtornara uma vez. Então se levantou, e com as mãos diáfanas depositou anêmonas azuis na alva cabeleira de cachos da Vênus. Meio sem querer tive o impulso de estender o braço e envolver sua cintura.

- Já não consigo viver sem ti, bela mulher - disse -, acredite-me, só esta vez, não são meras palavras, não é um desvario, sinto profundamente no mais íntimo do meu ser, como se minha vida dependesse da tua; se te separares de mim, se me abandonares, será a minha ruína.

- Ora, isso não necessariamente terá de acontecer, pois eu te amo, homem... - e pegou-me pelo queixo -, bobo...

- Mas só queres ser minha sob certas condições, ao passo que eu incondicionalmente lhe pertença.

- Isso não é bom, Severin - respondeu quase assustada; - o senhor não me conhece; quer conhecer-me completamente? Sou boa, boa quando me tratam de maneira séria e razoável, mas quando se entregam em demasia, eu me torno... prepotente.

- Seja-o, então, seja prepotente, seja despótica - bradei a plenos pulmões -, importa-me tão-somente que seja minha, e minha para sempre.

Fiquei a seus pés, e com os braços enlacei-lhe os joelhos. - Isso não vai terminar bem, meu amigo - disse com toda a seriedade, sem se exaltar.

- Ah! O caso é que não terminará - exaltei-me, impetuoso, sim -, só a morte haverá de nos separar. Se não puderes ser minha, inteiramente minha e para sempre, eu quereirei ser teu escravo, servir-te em tudo, ser compassivo - só não me afaste de ti.

- Ora, o senhor se acalme - disse, curvou-se para mim

e me deu um beijo na testa. - Sou sua de coração, mas não é bem esse o caminho certo para me conquistar, para me segurar.

- Quero, sim, tudo fazer, tudo o que a senhora quiser. Só não quero perdê-la. Não o quero; a simples idéia de perdê-la, eu não consigo suportar.

- Levante-se.

Obedeci.

- O senhor é de fato um homem raro - prosseguiu. - Quer mesmo me possuir custe o que custar?

- Custe o que custar.

- Mas que valor teria, digamos, possuir-me, para o senhor? - e executou um esforço de reflexão, seus olhos se fizeram inquietos e desconfiados - se eu já não o amar, se pertencer a outro?

Fiquei transtornado. Contemplei-a; sua atitude era firme e segura de si diante de mim, e seus olhos transpareciam um brilho frio.

- Como vê, o próprio pensamento lhe causa horror - prosseguiu. Um riso encantador iluminou-lhe subitamente a face.

- Sim, causa-me horror, quando eu imagino atentamente que uma mulher a quem eu amo, que correspondeu ao meu amor, possa me abandonar por outro; mas tenho escolha? Se amo essa mulher, amo loucamente - devo então, orgulhoso, dar-lhe as costas e mergulhar em minha turronice; devo meter-me uma bala na cabeça? Tenho dois ideais de mulher. Posso não encontrar mulher fiel e radiante, que me seja fiel e bondosa e compartilhe o meu destino, ou nem metade disso ou coisa alguma que o valha. Então me é preferível deparar com mulher sem virtude, sem fidelidade e sem compaixão. Tal mulher, no vigor de seu egoísmo, também ela é um ideal. Se não poderei compartilhar a felicidade do amor de maneira plena, desejarei então usufruir de suas dores, de seus sofrimentos, até a última gota; e pela mulher que amo quereirei ser maltratado, enganado - quanto maior a crueldade, melhor. Também isso não será um gozo?

- Estará o senhor de posse de suas faculdades mentais? - inquiriu Wanda.

- Amo-a do fundo de minha alma - prossegui. - De modo que digo, com todo o meu entendimento, que sua proximidade, sua atmosfera me são indispensáveis, enquanto eu tiver de viver. Escolha a senhora dentre meus ideais. Faça de mim o que quiser: seu marido ou seu escravo.

- Pois bem - disse Wanda, as sobrancelhas, pequenas, franzidas, energeticamente arqueadas. - Acho bastante divertido ter tão na palma de minha mão um homem que me interessa, que me ama. Ao menos sei que não vou me entediar. O senhor foi tão imprudente em me deixar escolher... Escolho então, eu quero, que o senhor seja meu escravo. Quero fazer do senhor o meu brinquedo.

- Pois faça-o! - gritei um tanto arrepiado, um tanto em deleite.

- Quando um casamento se pauta pela igualdade e pela harmonia, a ele se antepõem os maiores sofrimentos, como obstáculos. Nós somos tais obstáculos, interpostos de maneira quase hostil - que eu tenha comigo esse amor, que em parte é ódio, que em parte é medo. Em relações como essas só se pode ser um o martelo, outro a bigorna. E eu quero ser a bigorna. Não quero ser feliz se para tanto eu tiver de olhar a amada de cima para baixo. Quero poder adorar uma mulher, e isso eu só posso se houver crueldade para comigo.

- Mas Severin...- Wanda interviu contrariada -, o senhor me julga capaz de ser essa mulher, que maltrata um homem, um homem que tanto me ama, como o senhor?

- E por que não, se é por isso que a adoro tanto? Só se pode verdadeiramente amar o que está acima de nós, o que nos oprime pela beleza, pelo temperamento, pelo espírito, pela força de vontade, e se torna nossa déspota.

- Então o que aos outros afasta é justo o que o atrai?

- Assim o é. Nisto sou bem eu mesmo.

- No final das contas, em suas paixões não há nada assim atípico ou que tanto lhe seja peculiar, pois, afinal, a quem não irá agradar uma bela peliça, e, enfim, toda e qualquer pessoa sabe e sente que o pleno prazer e a crueldade são entre si aparentados.

- Ocorre que em mim tudo isso se alça ao mais elevado grau.

- Significa que a razão exerce sobre o senhor não muito poder, e que o senhor é de natureza dócil, delicada e sensual.

- Não seriam também os mártires de uma natureza ultrasensual?

- Os mártires?
- Pelo contrário, seriam pessoas sobrenaturais, que encontram prazer no sofrimento, que os buscam os mais assustadores, até mesmo a morte, como os outros buscam a alegria, e assim, ultra-sensual eu sou, madame.
- Cuide então para não se converter também em mártir pelo amor, além de o ser por uma mulher.

- Sentamos na pequena sacada de Wanda, a noite tépida e vaporosa, um duplo teto sobre nós, primeiro o do treliçado feito verde pelas trepadeiras, e então o outro, prene de incontáveis estrelas. No amplo jardim, mais ao fundo, ouvia-se a sedução mansa e apaixonada de um gato, e eu sentei em um banquinho bem aos pés de minha deusa e me pus a lhe contar sobre a minha infância.

- E já naquela época expressavam-se no senhor tais... O que lhe faz ser o que é?
- perguntou Wanda.

- Não me recordo de tempo algum em que eu não fosse assim. Ainda no berço, como veio a me contar minha mãe, recusei o peito viçoso da ama-de-leite, e tiveram de me nutrir com leite de cabra. Quando garotinho, revelei-me estranhamente tímido com as mulheres, ainda que por elas acalentasse um secreto interesse. A abóbada cinzenta, a semi-escuridão de uma igreja me atemorizavam, e diante dos altares reluzentes e das santas imagens eu era tomado por uma protocolar angústia. E para uma Vênus de gesso, que ficava na pequena biblioteca de meu pai, ao contrário, eu deslizava de maneira furtiva, rumo a uma alegria proibida. Eu me ajoelhava e a ela declamava as orações que me haviam ensinado: o Pai Nosso, a Ave Maria e o Credo. Uma vez deixei a cama, à noite, a fim de visitá-la, alumia-a o crescente, fazendo com que se assomasse sob uma fria luz em tom azul pálido. Prostrei-me diante dela, beijei-lhe os pés, também eles frios, e o fiz como tinha visto nossos aldeões fazerem com os do Redentor morto.

Fui tomado por uma nostalgia indômita.

Subi e envolvi o belo corpo frio, beijei-lhe os lábios, frios, invadiu-me um tremor profundo e fugi, e em sonho foi como se... a deusa estivesse diante do meu leito e me ameaçasse com o braço levantado.

Muito cedo fui enviado à escola, logo me via eu no colégio, onde a tudo o que dissesse respeito ao mundo antigo eu vivenciava de maneira apaixonada. Igualmente cedo me familiarizei com os deuses gregos em detrimento da religião de Jesus: com a Vênus de Páris eu oferecia a maçã fatídica; eu via Tróia em chamas e seguia Ulisses em suas errâncias. As imagens imprimiam-se belas bem no fundo de minha alma, e em uma época em que os outros garotos portavam-se grosseira e obscenamente, eu demonstrava uma aversão impugável contra tudo o que fosse baixo, vulgar e carente de beleza.

Ora, como algo especialmente baixo e carente de beleza aparecia ao jovem adolescente o amor à mulher, à medida que ela se lhe mostrava em toda a sua trivialidade. Eu evitava todo e qualquer contato com o belo sexo, razão pela qual me fiz ultra-sensual a ponto da demência.

Minha mãe tinha uma criada bastante atraente: jovem, bela, com formas voluptuosas - eu contava então cerca de 14 anos. Certa manhã, eu estudava o meu Tácito e me impressionava com as virtudes dos velhos germanos, e nisso a moçoila estava a varrer ali perto de mim; de súbito se deteve, inclinou-se para mim, vassoura na mão, e um par de lábios deliciosamente frescos pousou nos meus. O beijo da amada

felinazinha me pungiu inteiro, mas eu fiz de minha "Germânia" como que um escudo contra a desvirtuadora e saí do quarto, indignado.

Wanda irrompeu em sonora gargalhada.

- O senhor é mesmo um homem sem igual... Mas continue...

- Outra cena me é inesquecível - prossegui. - A condessa Sobol, uma tia distante, veio em visita a meus pais. Mulher majestosamente bela, com um riso encantador; mas eu a odiava, pois entre a família ela nutria fama de ser uma verdadeira Messalina - boçal e má como só ela.

Certo dia meus pais foram à cidade. Minha tia aproveitou a ausência para fazer valer o juízo que dela se fazia... Justamente contra mim. De repente me apareceu em uma *kazabaika*¹¹ forrada de peles, seguida da cozinheira, e da felinazinha, a moça a quem eu esnobara. Sem perguntar muita coisa, me agarraram e me ataram, mãos e pés, apesar de minha virulenta resistência, e minha tia, com um riso perverso, amarrou-me pelos braços acima da cabeça e se pôs a me açoitar com uma vara. E o fez com tanta competência que fez jorrar-me o sangue, e eu, por fim, não obstante minha vontade heróica, gritava e chorava, implorando por piedade. Ela deixou que me desatassem, mas tive de me ajoelhar, em agradecimento à punição, beijando-lhe as mãos.

Agora veja a senhora o que não é o tolo ultrasensual... Sob a vara da bela e opulenta mulher, que me aparece em seu casaco de peles feito monarca tomada pela ira, despertam pela primeira vez os meus sentidos para o sexo feminino. E desde então minha tia se me pareceu a mulher mais atraente sob o sol.

Minha austeridade catatônica, minha timidez ante as mulheres era tão-somente o fruto da mais elevada suscetibilidade à beleza; a sensualidade então para mim se convertia em desvairança, em uma espécie de culto, e eu jurava não dissipar suas afecções sagradas com ser algum que fosse trivial, mas poupá-las para a mulher ideal, na medida mesma em que fosse possível poupá-las para a própria deusa do amor.

Ingressei muito jovem na universidade, na capital, onde morava minha tia. Meu quarto se parecia ao do Doutor Fausto. A mesma desordem, tudo ali de pernas para o ar, armários bastante altos repletos de livros, os quais eu adquirira por um preço irrisório de um antiquário judeu de Servanica:¹² globos, atlas, tubos de ensaio, cartas celestes, esqueletos de animais, crânios, bustos de homens célebres. E atrás do grande forno verde a qualquer momento poderia aparecer Mefistófeles como aprendiz que percorria as cidadelas medievais.

A tudo eu estudava de entremeio, sem sistemática, sem critério: química, alquimia, história, astronomia, filosofia, jurisprudência, anatomia e literatura; lia Homero, Virgílio, Ossian, Schiller, Goethe, Shakespeare, Cervantes, Voltaire, Molière, o Corão, o *Cosmos*, *Memórias de Casanova*. A cada dia mais era tomado pela confusão, pelo fantástico e pelo ultra-sensual. E sempre tinha em mente uma bela mulher ideal que de tempos em tempos me aparecia como visão, deitada sobre rosas, cupidos em volta, entre meus livros de lombada de couro e meu ossário, por vezes em trajes olímpicos, com a fisionomia austera e mansa da Vênus de gesso, outras vezes com suntuosas tranças castanhas, os olhos de um azul esfuziante, vestida com a *kazabaika* vermelha, forrada e debruada de arminho, de minha bela tia.

Certa manhã, tão logo tornou a aparecer na plena e radiante sedução de seus encantos, por entre a neblina dourada do que eu em delírio fantasiava, fui até a condessa Sobol, que me recebeu amistosamente, desejou-me calorosas boas vindas e me deu um

¹¹ Jaqueta ou casaco de veludo usado por mulheres eslavas, guarnecido e debruado com peles de animais. [N. do T.]

¹² Rua de comércio judeu em Lemberg (atual Lvov, na Ucrânia), cidade localizada no antigo Império Austro-Húngaro, no Arquiducado da Alta Áustria, no Reino da Galícia. [N. do T.]

beijo que me perturbou os sentidos. Ela já beirava os 40 anos, mas, a exemplo da maior parte das mulheres de vida regrada, continuava desejável, e vestia sempre um casaco de veludo, forro e debrum de peles; desta vez ela trajava um de veludo verde guarnecido com pele-de-marta em tom castanho. Mas não havia ali nada que se comparasse àquela força que outrora me atraía.

Ao contrário, foi-me tão pouco cruel que quase nem me deixou em condições de adorá-la.

Porém, logo descobriu minha loucura ultra-sensual e minha inocência, e comprazeu-se em me fazer feliz. Quanto a mim - na verdade eu me sentia ditoso como um jovem deus. Quão grande não me era a satisfação, quando eu, de joelhos diante dela, pude beijar suas mãos, com as quais ela outrora me castigara. Ah! Mãos maravilhosas! Tão bem feitas, tão finas, encorpadas e brancas, com aquelas covinhas encantadoras. A verdade é que eu estava apaixonado por aquelas mãos. Brincava com elas, deixava-lhes sobre a pele negra e tirava, segurava-as contra as chamas e não me bastava de tanto olhá-las.

Wanda sem querer mirou suas mãos; eu percebi e desatei a rir.

- Ainda então prevalecia em mim o ultra-sensual. Veja que eu estava enamorado tão-só pelo papel que desempenhara minha tia, por quem fui fustigado cruelmente, como vim a estar de uma jovem atriz, a quem, dois anos depois, vim a fazer a corte. Entusiasmei-me então por uma senhora muito respeitável, dona de uma virtude insuperável, que me deixou para esposar um judeu bastante rico. Observe: tudo porque fui enganado, trocado por uma mulher que simulava os mais vigorosos princípios, as mais idealizadas afecções: por isso odeio tanto essa espécie de virtude poética e sentimental; dê-me uma mulher que seja suficientemente honrada para me dizer: sou uma Pompadour, uma Lucrecia Borgia, e eu a adorarei.

Wanda levantou e abriu a janela.

- O senhor tem um modo bastante peculiar de instigar a fantasia, de excitar todos os nervos e acelerar-lhes a pulsação. O senhor concede ao vício uma auréola, bastando, para tanto, que ele seja honesto. Seu ideal é uma cortesã audaz e genial. Ah, o senhor se revela a mim, na condição de homem, a completa e radical perdição de uma mulher.

No meio da noite alguém bate à minha janela. Eu levanto e começo a tremer. Lá fora está a Vênus das Peles, tal como apareceu a mim pela primeira vez.

- O senhor me deixou um tanto agitada com suas histórias. Eu me virava de um lado para o outro na cama, não conseguia dormir - disse. - Venha agora me fazer companhia.

- Imediatamente.

- Quando entrei, vislumbrei Wanda agachada diante da lareira, onde aticava uma pequena labareda.

- O outono se anuncia - começou. - As noites já são bem frias. Sinto desapontá-lo, mas não posso tirar minhas peles até que o quarto esteja suficientemente quente.

- Desapontar-me, ora essa! Se a senhora soubesse... - e a envolvi entre meus braços e a beijei.

- Por mais que eu o saiba... Mas de onde vem toda essa paixão pelas peles?

- Nasceu comigo. Esta paixão, eu a tenho desde criança. Digamos que uma peleça exerce sobre minha natureza nervosa notável atração, e o faz por leis gerais e naturais. É um estímulo físico, tão peculiar, que provoca uma ardência. Se lhe acomete, dela ninguém há de se esquivar completamente. Não faz muito tempo, uma, certa ciência descobriu uma relação entre a eletricidade e o calor. Seja ela qual for, seus efeitos encontram-se bem aparentados no organismo humano. A zona tórrida origina

peças mais apaixonadas, como numa atmosfera quente de alta estimulação. Exatamente como na eletricidade. Daí também a influência da feitiçaria benéfica exercida pela presença dos gatos sobre pessoas espiritualmente sensíveis, e daí essas criaturas graciosas do mundo animal, de movimentos saracoteantes, coruscantes, verdadeiras baterias elétricas, terem sido eleitas as preferidas de um Maomé, de um cardeal Richelieu, de um Crebillon, de um Rousseau, e de um Wieland.

- Uma mulher com uma peliça... - exclamou Wanda - nada mais seria que uma grande gata, uma bateria elétrica em tensão máxima?

- Certamente - concordei -, e é dessa forma que eu esclareço também o significado simbólico da pele como atributo do poder e da beleza. Nesse sentido, desde priscas eras, monarcas e membros da alta nobreza a usaram, exclusivamente com esse intuito, como indumentária, e grandes pintores a ela recorreram para realçar de seus nobres modelos a régia beleza. Foi assim que não souberam encontrar moldura de maior excelência um Rafael, para as formas divinas de Fornarina, e um Ticiano, para o corpo rosado de sua amada.

- Eu agradeço pelo verdadeiro tratado sobre a arte erótica - disse Wanda, - mas o senhor ainda não me disse como associa com a peliça algo tão diferente dela.

- Como não? Eu já lhe disse diversas vezes que o sofrimento exerce em mim uma atração peculiar. Nada me é mais passível de intensificar a paixão do que a tirania, a crueldade, e sobretudo a infidelidade de uma bela mulher. E sobretudo essa mulher, esse ideal raro advindo da estética do feio, alma de Nero em corpo de Prina, não o posso conceber sem uma pele.

- Entendo...- complementou Wanda. - Como confere à mulher algo de dominador e imponente.

- Não é só isso - continuei. - A senhora sabe que sou um "ultra-sensual", que em mim tudo remete ao imaginário, e é no sonho alimentado. Cedo amadureci e fui altamente estimulado, ao ter em mãos, aos dez anos de idade, as lendas dos mártires. Recordo-me de ter lido horrorizado, ainda que com verdadeiro prazer, como feneciam nas prisões, ou eram colocados em espetos, transpassados de flechas, fervidos em pez, lançados às feras, ou então como padeciam na cruz, e de como a tudo isso padeciam com uma espécie de alegria. Sofrer, suportar cruéis tormentos apareceram-me como prazer, tanto mais se infligidos por uma bela mulher, que para mim desde sempre concentrou toda a poesia, como tudo o que há de demoníaco. A ela rendi formal e cerimonioso culto.

Eu via na sensualidade algo sagrado, sim, o único sagrado, na mulher e em sua beleza algo divino, em que reside a tarefa mais importante de toda a existência: a propagação da espécie humana - acima de todas as coisas, o seu ofício. Eu via nas mulheres a personificação da natureza, da Isis, e no homem o seu sacerdote, o seu escravo, e a via, a mulher, cruel para com ele, como a natureza, que afasta de si o que já a serviu se já não pode fazê-lo mais, ao passo que para ele os maus tratos dela advindos, mesmo a morte perpetrada pela mulher converte-se em suprema delícia.

-Eu invejava o rei Gunther, a quem a poderosa Brunhilde amarrara em sua noite de núpcias; o pobre trovador, a quem a vistosa dama o fazia coser-se em pele de lobo, para então o perseguir no meio selvagem; invejava o cavaleiro Ctirad, a quem a audaz amazona Scharka, por astúcia, fez prisioneiro nas florestas perto de Praga, arrastou-o ao castelo Divin, onde o atou à roda.

- Espantoso! - exclamou Wanda. - Ao senhor eu bem desejaria que caísse nas mãos de algumas dessas mulheres selvagens, e que, vestido na pele de lobo, caísse nos dentes da matilha, ou que o atassem à roda. O senhor veria se dissipar toda a poesia.

- Acha mesmo? Eu não acho.

- O senhor não é lá muito sensato.

- Talvez. Mas veja, desde então passei a ler, extremamente ávido, histórias em que eram cometidas as mais terríveis crueldades, e com especial prazer contemplava gravuras, estampas que as representavam, e todos os sanguinários tiranos, que um dia sentaram em um trono, inquisidores que submeteram hereges à tortura, degolando-os ou queimando-os vivos, e todas aquelas mulheres que passaram às páginas da história mundial como voluptuosas, belas e brutais: Libussa, Lucrecia Bórgia, Agnes da Hungria, rainha Margot, Isabeau, a sultana Roxelana, as czarinas russas do século passado... Eu via todas em peles ou em trajes debruados de arminho.

- Então as peles despertam no senhor fantasias incomuns - irrompeu Wanda, ao mesmo tempo em que se recobria, toda coquete, com uma esplendorosa peliça de zibelina, fazendo os braços passearem sobre o busto. - Então, como se sente: disposto a passar pela roda?

Os seus olhos verdes e penetrantes repousavam em mim com uma complacência estranha, algo sardônica, enquanto eu, dominado pela paixão, caí de joelhos diante dela e lhe estendi os braços.

- Sim - A senhora despertou os desvarios de minha predileção, que havia muito dormitavam.

- E quais seriam? - ela pousou a mão em minha nuca. Fui tomado por doce embriaguez sob aquela mão tépida, sob seu olhar, pousado em mim sob as pálpebras semicerradas. - Ser o escravo de uma mulher, de uma bela mulher, a quem amo, a quem adoro!

- E que por isso mesmo o maltrata - interrompeu Wanda com sonora gargalhada.

- Sim, ela me ata e me trata a chibatadas, a pontapés, e ao mesmo tempo pertence a outro.

- E quando ele, enlouquecido pelo ciúme, defronta-se com o rival, excede-se em sua arrogância, a ponto de o presentear a esse mesmo rival, pelo preço de sua barbárie. Por que não? Agrada-lhe menos esse desfecho?

Olhei para Wanda atemorizado.

- A senhora vai além do que sempre sonhei.

- Sim, nós mulheres somos engenhosas - disse ela - e portanto tenha cuidado com o seu ideal... Fácil, fácil o que pode acontecer é eu tratá-lo como o senhor tanto gosta de ser tratado.

- Temo... já ter encontrado o meu ideal - confessei, enquanto pressionava ardorosamente o rosto em seu regaço.

- Não em mim, por certo? - exclamou Wanda, livrouse das peles e saiu saltitando e rindo pelo quarto; ria ainda, enquanto eu descia as escadas e, pensativo, me detive no pátio, ouvindo, lá de cima, sua risada endiabrada e maliciosa.

- Poderia eu encarnar teu ideal? - disse Wanda com ar maroto, enquanto nos encontrávamos no parque.

No início fiquei sem palavras. Debatiam-se em mim as mais contraditórias sensações. Nisso ela tomou assento em um banco de pedra e começou a brincar com uma flor.

- Então... poderia?

Ajoelhei-me diante dela e tomei suas mãos.

- Rogo-lhe, ainda uma vez, seja a minha mulher, a minha fiel e sincera mulher. Se não o puder, então que seja o meu ideal, mas seja-o completamente, sem atenuantes ou reservas.

- O senhor sabe que dentro de um ano eu lhe concederei a minha mão - se for o homem que eu procuro - contrapôs com toda a seriedade -, mas espero que o senhor me seja grato por eu lhe realizar o seu anseio desvairado. Então, o que prefere?

- Creio que tudo isso que vagamente imagino se encontra, sim, em sua natureza.

- Ilude-se.

- Acredito - prossegui -, que lhe dá satisfação ter um homem completamente nas mãos, para torturá-lo.

- Não, não! - lançou vivamente -, ou quem sabe - e se pôs reflexiva. - Já nem me entendo, mas devo confessar. O senhor corrompeu os sonhos que eu imaginei; o meu sangue arde, e já começo a tão-só me comprazer no entusiasmo de lhe ser uma Pompadour, uma Catarina ii, e todas as mulheres egoístas, frívolas e cruéis. Tudo isso me excita, adentra-me a alma e me estimula a ser semelhante a elas, ainda que, não obstante a sua ruindade, enquanto viveram foram adoradas por homens que eram como seus escravos, e na tumba continuam milagreiras. Enfim... faça de mim uma déspota em miniatura, uma Pompadour de uso doméstico.

- Pois então - disse irritado -, se assim é, deixe-se levar pelos impulsos de sua natureza, não fique pelo meio do caminho. Se não pode ser mulher bem comportada e fiel, seja então um demônio.

Eu me sentia fatigado, agitado. A proximidade da bela mulher me tomava como febre, já não sabia o que estava a dizer, mas lembro-me de ter beijado seus pés e então levantei um deles e o deposei sobre a minha nuca. Ela, porém, retirou-o depressa e se levantou, quase irritada.

- Se o senhor me amasse, Severin...- disse subitamente, sua voz soava incisiva, imperiosa, - não me falaria mais dessas coisas. Entende? Nunca mais. Realmente eu posso ir até o fim...- Riu e tornou a sentar-se.

- Nunca falei tão sério em minha vida - e ao dizê-lo meio que fantasiei.

- Eu a adoro tanto que da senhora posso tudo suportar, a qualquer preço, se for para passar toda a minha vida ao seu lado.

- Severin... Advirto-o ainda uma vez.

- É em vão que me adverte. Faz comigo o que bem entender, só não me afaste de ti.

-Severin... sou uma mulher jovem, leviana. Será perigoso para o senhor doar-se-me tanto. Acabará por se tornar meu brinquedo... Quem haverá de protegê-lo, para que eu não abuse de sua demência?

- Sua nobre conduta.

- O poder nos torna prepotentes.

- Pois seja prepotente e me trate a pontapés.

Wanda envolveu-me o pescoço, olhou-me nos olhos e balançou a cabeça.

Temo não poder, mas vou tentar, para o seu bem, já que o amo, Severin, como jamais amei homem algum.

Hoje ela tomou de súbito o seu chapéu e o xale, e tive de acompanhá-la ao bazar. Lá encontrou chicotes, longos chicotes de cabo curto, usados para adestrar cães.

- Estes devem servir - disse o vendedor.

- Não, são pequenos demais - discordou Wanda, olhandome de soslaio. - Preciso de um grande.

- Ah, para um buldogue? - inquiriu o comerciante.

- Sim - ela respondeu impositiva. - Do tipo com o qual

se tratavam escravos insubordinados na Rússia.

Comparou e decidiu-se por um dos chicotes, com um ar inquietantemente resoluto.

- Agora adeus, Severin. Ainda tenho de fazer algumas compras, às quais o senhor não deve me acompanhar.

Despedimo-nos e saí para um passeio. Na volta avistei Wanda saindo da portinhola que dava para uma casa de peles, ao que ela acenou para mim.

- O senhor ainda tem tempo para pensar - começou, extasiada. - Nunca lhe fiz segredo, de que foram mais do que qualquer coisa a sua seriedade e o seu ar pensativo que me cativaram: é claro que me atraí ver o mais sério dos homens se entregar a mim. Sim, posso categoricamente dizer que me atraí vê-lo a meus pés - mas este encanto perdurará? A mulher ama o homem, o escravo ela cobre de maus tratos, e acaba por lhe repelir, afastá-lo com os pés.

- Então, afasta-me a pontapés, quando estiveres saciada de mim - ajuntei. - Quero ser teu escravo.

- Fico vendo quão perigosos instintos em mim dormitam - disse Wanda, passos depois -, tu os despertas, e não é para o teu bem, compreendes? O gozo feito vício, a crueldade, a arrogância, de maneira tão atraente os descreves, que dirias tu, se eu viesse experimentar em ti, bem ao modo de um Dioniso, que fez arder o inventor do boi de bronze no seu próprio e mesmo invento, para ver, testemunhar se seus lamentos, seus estertores de morte realmente soavam tal e qual o mugido de um boi?

- Seria eu, talvez, um Dioniso feito mulher?

- Sê, pois, e me verei saciado em meu desvario. A ti pertença, para o bem e para o mal, a escolha é tua. Faça acontecer o destino que se aloja em meu peito - faça-o de maneira demoníaca e prepotente.

Meu amado!

Não quero vê-lo amanhã, e depois de amanhã só à noite - e na condição de meu escravo. Tua dona, Wanda.

"Na condição de meu escravo." Estas palavras estavam sublinhadas. Li uma vez mais o bilhete que recebera pela manhã, mandei então selar o burro, um autêntico burro sábio, e pus-me a subir a montanha, a fim de afogar minha paixão, minha ânsia, na opulenta natureza dos Cárpatos.

De novo me sinto cansado, faminto, sedento e, sobretudo, apaixonado. Visto-me com presteza e instantes depois bato à sua porta.

- Entre!

Eu adentro. Ela está no meio do quarto, em um vestido acetinado branco, deixando-lhe entrar por baixo uma luz, e por cima dele uma *kazabaika* de cetim vermelho escarlate, debruado com um rico e suntuoso arminho. Nos cabelos empoados como que por uma neve, um pequeno diadema de brilhantes, os braços cruzados sobre o peito, as sobrelhas franzidas.

- Wanda! - logo avancei para ela, querendo lhe passar o braço em torno, beijá-la; deu um passo atrás e me mediu de alto a baixo.

- Escravo!

- Dona! - Ajoelhei-me e beijei a bainha de seu vestido. - Ah... Assim está bem.

- Como és bela!

- Te agrado? - Aproximou-se do espelho e se olhou com orgulhosa satisfação.

- Ainda enlouqueço.

Fez um muxoxo desdenhoso com o lábio inferior e lançou-me um olhar de escárnio deixando cair as pálpebras. - Dê-me o chicote.

Olhei em torno, pelo quarto.

- Não! - gritou. - De joelhos! - Foi até a lareira, pegou o chicote de sobre o mármore e, contemplando-me ao tempo em que ria, fê-lo sibilar e arregaçou lentamente as mangas do casaco de pele.

- Esplêndida mulher! - exclamei.

- Cala-te, escravo! - E foi de súbito que seu olhar adquiriu um tom sombrio, mesmo selvagem, e Wanda me desferiu uma chibatada; já no instante seguinte envolveu-me terna mente o pescoço com os braços e inclinou-se piedosa para mim. - Doe? - perguntou, com um misto de timidez e medo.

- Não - retruquei, e mesmo se tiveste me provocado a dor, o que me infliges é um prazer. Açoita-me, pois, se isso te satisfaz.

- Acontece que não me satisfaz.

De novo me sobreveio aquele estado de rara embriaguez. - Açoita-me - eu imploro -, açoita-me sem piedade. - Wanda brandiu o chicote, e o desferiu em mim uma segunda vez. - Agora tens o bastante?

- Não.

- Sério que não?

- Açoita-me, eu imploro, causa-me este prazer.

- Sim, porque bem sabes, que não o faço a sério - respondeu. Que não é de coração que o faço sofrer. Todo este jogo brutal me é repugnante. Fosse eu realmente a mulher que chicoteia seu escravo, ficarias aterrado.

- Não, Wanda - eu disse -, amo mais a ti do que a mim mesmo, entreguei-me a ti pela vida e pela morte, então podes, é sério, intentar contra mim o que achares melhor, sim, ao que te levar a tua prepotência.

- Severin!

- Pisoteia-me - e estendi-me diante dela, o rosto contra o chão.

- Odeio tudo o que tenha ares de comédia - disse Wanda, impaciente.

- Então, maltrata-me de verdade. Pausa inquietante.

- Severin, ainda uma vez eu te faço uma advertência.

- Se me amas, sê cruel para comigo - suplico, os olhos alçados para ela.

- Se te amo... - repetiu Wanda. - Agora estamos bem... - Deu um passo para trás e me contemplou com uma risada sombria. - Sê, pois, meu escravo, e sinta o que significa estar nas mãos de uma mulher. E no mesmo instante me empurrou com o pé.

- E agora? Te agrada, escravo?

E brandiu o chicote.

- Levanta-te!

Quis erguer-me.

- Assim não - ordenou. - De joelhos!

Obedeci, e ela retomou as chibatadas.

Os golpes se sucediam, rápidos, vigorosos, sobre meu dorso, em meus braços, cada qual me penetrando as carnes, e deixavam uma sensação de ardência - queimavam, mas as dores me eram um deleite, pois provinham dela, a quem eu adorava, a quem a cada momento eu estaria pronto para dar a vida.

Eis que se deteve.

- Isso já começa a me dar satisfação - disse -, por hoje basta, mas estou possuída de uma curiosidade diabólica, ávida para ver até que ponto vai tua força, um prazer cruel de te fazer tremer sob o meu chicote, ver como te dobras e por fim ouvir teus gemidos, teus lamentos até que venhas a implorar misericórdia, e eu, sem piedade,

continuar a te chicotear, até que percas os sentidos. Despertaste elementos perigosos de minha natureza. Agora, levanta!

Tomei sua mão, para levá-la a meus lábios. - Quanta insolência!

Afastou-me com o pé.

- Fique onde eu não te possa ver, escravo!

Depois de uma noite passada em febre e sonhos tumultuados, acordei. Mal amanhecia.

O que de verdade havia naquilo que pairava em minha lembrança? O que teria eu vivenciado e o que apenas sonhado? Eu fora chicoteado, era certo, ainda sentia cada uma das chibatadas, podia contar as marcas vermelhas, ardentes em meu dorso. E ela tinha me chicoteado. Sim, agora eu sei de tudo.

Meu delirante fantasiar se fez realidade. Como ela será para mim? O desengano de meu sonho?

Não. Sinto-me algo exaurido, mas a sua crueldade me atrai um tanto. Como a amo, como a adoro! Ah! Tudo isso não expressa nem de longe o que eu sinto por ela, e como eu me senti completamente entregue. Quanta bem-aventurança ser seu escravo!

Ela me chama de sua varanda. Eu me apresso escada acima. Parada na soleira da porta, ela amistosamente me oferece a mão.

- Sinto-me envergonhada - disse, enquanto a envolvia, e ela inclinava a cabeça para o meu peito.

- Como?

- Procura esquecer as horríveis cenas de ontem... - disseme com voz tremulante.

- Eu satisfiz seus delírios, mas agora sejamos razoáveis, felizes a nos amarmos, e dentro de um ano serei tua mulher.

- Minha dona - exclamei -, e eu, teu escravo!

- Mais nenhuma palavra sobre escravidão, crueldade e chicotes -, interrompeu-me Wanda. - Não lhe concederei nada mais que o casaco de pele; venha, ajude-me a vesti-lo.

O pequeno relógio de bronze, sobre o qual ficava um cupido que estava para lançar a sua flecha, badalava meia-noite. Levantei-me, era preciso que me fosse.

Wanda não disse nada, mas me abraçou e puxou de volta para a otomana, e retomou os beijos, e essa linguagem muda tinha algo de deveras compreensível e de muito convincente.

E ela dizia ainda mais, mais do que eu ousaria compreender, um tal abandono suspirante e lânguido percorria Wanda em todo o seu ser, e tão voluptuosa languescência emanava de seus olhos apenas entreabertos, nos quais, sob o pó-de-arroz branco fulgurava a chama vermelha de sua cabeleira, da seda branca e vermelha que farfalhava em volta a cada movimento seu, do arminho cintilante da *kazabaika* em que se envolvia com desleixo.

- A ti imploro - baluciei -, porém és má.

- Faça de mim o que quiseres - disse ela, num sussurro. - Pois, caminha sobre mim, eu te peço, e logo enlouquecerei.

- Eu te proibi - disse Wanda com veemência -, mas tu és incorrigível.

- Ah! Não resta dúvida, estou apaixonado. Eu me pus de joelhos e pressionei arduamente o meu rosto contra o seu colo.

- Eu realmente acho - disse Wanda, meditativa -, que toda a tua demência não passa de uma sensualidade demoníaca insaciável. Nossa monstruosidade é que deve produzir em nós esse estado mórbido. Fosses tu menos virtuoso, e te tornarias perfeitamente razoável.

- Então, torna-me um homem mais sensato - disse baixinho. Minhas mãos afagaram seus cabelos e a cintilante peliça, que ao luar reluzia em ondas, confundia meus sentidos, subindo e descendo nas ondas de seu peito.

E a beijei - não, ela me beijou, selvagem e impiedosamente, como só o podem beijos homicidas. Eu estava como em delírio, a razão, havia muito eu a perdera, e ao final o fôlego também eu perdera. Procurava desatar-me.

- Que se passa? - perguntou Wanda.

- Eu sofro... tremendamente.

- Ah, sofres? - E irrompeu em petulante gargalhada.

- Podes rir - eu disse num gemido. - Sinal de que não duvidas.

Sincera ainda uma vez, ergueu minha cabeça com as mãos, e com um esforço violento puxou-me para o seu seio.

- Wanda! - balbuciei.

- Muito bem... Sofrer te satisfaz - disse ela, e de novo desatou a rir, - mas espera só um momento... Eu já te farei algo razoável.

- Não, já não quero lhe pedir nada - exclamei -, se me pertenceses ou se eu te pertencer apenas para deliciar-te um momento que seja, quero desfrutar desse prazer; agora és minha, e melhor eu te perder do que jamais ter te possuído.

- Ah... Agora estás sendo razoável - disse, novamente me beijando com os lábios homicidas. Arranquei-lhe a pele de arminho, desatei o sutiã, e os seios desnudos roçaram meu peito.

Foi aí que perdi os sentidos.

Tornei a me lembrar do momento em que vi o sangue pingar da minha mão, e ela, como se não fosse nada, perguntou:

- Arranhei-te? Não. Acho que te mordi.

É curioso observar como na vida as relações assumem outra feição, ao interpor-se a nós pessoa estranha.

Passamos juntos dias encantadores, visitamos montanhas, lagos, líamos juntos, e eu terminei o retrato de Wanda. E como nos amamos... A sua fisionomia a estampar um riso encantador.

Eis que agora me aparece com ela uma amiga, esta, mulher apartada, um tanto mais velha, algo mais experiente, e um pouco menos conscienciosa do que Wanda, e não demora em fazer valer sua influência em todos os quadrantes.

Wanda franziu a testa, revelando certa impaciência para comigo. Já não me ama?

Há quase duas semanas, uma limitação insuportável. A amiga mora com ela, e nunca estamos sozinhos. Um círculo de homens em volta das duas jovens. Como me sinto - na condição de amante, com minha sisudez, minha melancolia - fazendo papel de tolo. Wanda me trata como a um estranho.

Hoje, ao sairmos para um passeio, na volta ela se deixou estar comigo. Vi que era intencional, e fiquei exultante. Mas o que ela tinha a me dizer...

- Minha amiga fica a se perguntar o que eu vi no senhor. Não lhe parece nem bonito, nem atraente de alguma outra forma; como se não bastasse, o senhor fica de manhã à noite me falando das frivolidades da vida na cidade grande, com suas vantagens, sobre quem eu poderia conhecer, os bons partidos que eu poderia encontrar, os belos adoradores que seriam tomados de amor por mim... Que diferença faz tudo isso, se é o senhor que eu amo?

Por um momento fiquei sem fôlego, e disse:

- Por Deus, não quero ser um obstáculo à sua felicidade. Não se preocupe comigo, não me considere - e levantei ligeiramente o chapéu para ela, em despedida, e a deixei seguir caminho. Ela me olhou espantada, mas não disse palavra.

Quando, porém, casualmente, no caminho de volta, fiquei próximo dela, ela me roubou um toque de mão e lançou-me um olhar tão quente e tão promissor de felicidade, que naquele instante acabei esquecendo os tormentos todos daquele dia, e todas as feridas me foram curadas.

Agora de novo tenho a certeza de que a amo.

- Minha amiga se queixou de ti - disse-me Wanda hoje. - Talvez por achar que a desprezo.

- Porque de fato a desprezas, bobinho... replicou Wanda, brincando com ambas as mãos em minhas orelhas.

- Porque ela é hipócrita - disse eu. - Só considero uma mulher que for virtuosa, ou que vivenciar abertamente o prazer.

- Como eu - divertiu-se Wanda -, mas veja, minha criança, a mulher o pode apenas em casos muito raros. Não pode ser nem serenamente sensual, nem espiritualmente livre, como é o amor. Seu amor é sempre um estado misto de sensualidade e inclinação espiritual. Com isso, seu coração anseia aprisionar duradouramente o homem, enquanto ela própria está sempre sujeita a mudanças, e disso advém um conflito, mentiras e ilusão, o mais das vezes contra a sua vontade, em seus atos, em seu modo de ser, a lhe corromper o caráter.

- Certamente que é assim - ajuntei -, a maneira transcendental pela qual a mulher quer expressar o seu amor a conduz à decepção.

- Mas o próprio mundo o exige - fez Wanda, tomando a palavra. - Veja esta mulher... Em Lemberg ela tem o marido e o amante, e aqui encontrou um novo adorador, engana-os todos, porém todos a veneram, e as pessoas de um modo geral a respeitam.

- Por mim... Ela deveria se limitar a deixar-te fazer o teu jogo. Mas te trata como mercadoria.

- E por que não? - A bela interrompeu vivamente. - Toda mulher tem o instinto, uma tendência para fazer valer seus encantos; e não lhe será pouco entregar-se sem amor, sem prazer. E com isso conserva, e bem o conserva, o sangue frio, e tira vantagem disso.

- Wanda... Tu o dizes?

- Por que não? Preste bem atenção no que te digo: jamais te sintas seguro com uma mulher a quem amas, pois a natureza da mulher abriga mais perigos do que podes acreditar. As mulheres não são nem boas, como dizem os que as veneram e defendem, nem tão más, como fazem seus inimigos. A constância da mulher está na inconstância. A melhor dentre todas as mulheres de um momento para o outro afunda na lama, enquanto a pior inesperadamente se alça a grandes e boas ações, envergonhando seus detratores. Mulher alguma é tão boa ou tão ruim que não possa, de um momento para o

outro, ser capaz tanto dos atos mais endiabrados como dos divinos; dos pensamentos sujos como dos mais puros. A mulher encontra-se hoje, não obstante os progressos todos da civilização, como saída das mãos da natureza, tem o caráter do selvagem, a revelar-se fiel e infiel, generosa e cruel, de acordo com o estímulo que lhe toma conta. Em todo e qualquer tempo só a educação austera e intensiva pode criar o caráter moral: o mesmo vale para o homem, quando egoísta, quando malévolo - mas se ele segue os seus princípios, a mulher segue apenas estímulos. Nunca te esqueças disso e jamais te fies na mulher a quem amas.

A amiga não está. Finalmente uma noite a sós com ela. É como se Wanda tivesse me reservado todo o amor de que me privara para esta venturosa noite - tão boa, cordial e cheia de favores ela se mostra.

Quanta bem-aventurança pender em seus lábios, morrer em seus braços, com ela completamente vencida, entregue a mim, toda a repousar em meu peito, para não falar da embriaguez dos olhares trocados.

Não posso crer nem conceber que esta mulher seja minha, inteiramente minha.

- Mas ela tem razão em um ponto - começou Wanda, sem nem um pouco se exaltar, sem abrir os olhos, como dormindo. - Quem?

Calou-se.

- Tua amiga?

Assentiu com a cabeça.

- Sim, ela tem razão, tu não és homem, és um sonhador, um adorador que tem o dom de encantar, e certamente seria um escravo de valor inestimável... Agora como marido eu nem posso pensar em ti.

Assustei-me. E ela:

- O que tem? Tremes?

- Tenho calafrios só de pensar na facilidade com que posso te perder.

- E por isso mesmo és feliz agora? Rouba-te algo de tua alegria cogitar que antes eu tenha pertencido a outro, que outro venha a me possuir depois de ti? Será menor o teu prazer se outro tiver sido feliz como foste?

- Wanda:

- Vês - prosseguiu -, seria uma saída. Não queres me perder nunca - és grato a mim e o dizes com entusiasmo que eu sempre o amaria se eu estivesse contigo.

- Que idéia! - exclamei - sinto uma espécie de aversão a ti.

- E me amas menos?

- Pelo contrário.

Wanda se apoiou no braço esquerdo.

- Creio que... a fim de cativar um homem para sempre, é preciso, antes de mais nada, não lhe ser fiel. Que mulher honrada há de sê-lo tanto quanto uma cortesã da Grécia antiga?

- Na verdade jaz na infidelidade da mulher amada algo de um doloroso encanto, da mais elevada voluptuosidade.

- Vale também para ti? - Wanda apressou-se em perguntar.

- Vale também para mim.

- Isso te faz menos satisfeito? - perguntou, com escárnio.

- Sofrerei atrozmente se um tanto mais eu te adorar - disse-lhe. - Não deverias me enganar, mas deverias ter a demoníaca grandeza de me dizer: eu vou te amar sozinha, mas fazer feliz a todo aquele que me agrada. Wanda sacudiu a cabeça.

- O engano me é repugnante, sou honesta, mas qual o homem que não se abate ante o ímpeto, a pujança da verdade? Se eu te dissesse: meu ideal é essa vida serenamente sensual, esse paganismo, terias força para suportá-lo?

- De ti quero tudo suportar - só não quero te perder. Sim, eu sinto quão pouco sou realmente teu.

- Mas Severin...

- Assim é - disse eu -, e por isso mesmo...

- Por isso gostarias que eu...- e riu, maliciosa - já adivinhas?

- Ser teu escravo! Sem qualquer limite, tua propriedade, sem vontade, para que disponhas de mim a teu bel-prazer, e que disso não tenhas o menor arrependimento. Enquanto saboreias a vida em todas as suas nervuras, enquanto desfrutas em opulento luxo da serena felicidade, do amor do Olimpo, eu gostaria de botar e tirar os teus sapatos.

- Na verdade não estás de todo errado - disse Wanda -, pois só na condição de meu escravo poderias suportar que eu amasse a outro, e veja: a liberdade do desfrute do mundo antigo é impensável sem a escravidão. Ah! É uma sensação semelhante à divina ver homens ajoelhados, tremendo diante de si. Quero ter escravos - ouviste, Severin?

- Não sou eu teu escravo?

- Então ouça - disse Wanda com empolgação, agarrandose às minhas mãos, - quero ser tua, enquanto eu te amar. - Por um mês?

- Talvez dois meses.

- E então?

- Então és meu escravo.

- E tu?

- Eu? Ainda pergunta? Sou uma deusa e desço por vezes mansamente, bem mansa e secretamente, do meu Olimpo ao

teu encontro. O que significa tudo isso para ti? - disse Wanda, a cabeça apoiada em ambas as mãos, o olhar perdido ao longe. - Um sonho dourado a não se realizar? - a melancolia inquieta, cismada, tomou conta de todo o seu corpo, a ponto de extravasá-lo. Eu jamais a tinha visto assim.

- E por que não há de se realizar? - retomei.

- Porque entre nós não há escravidão.

- Então vamos para um país onde ela persiste, ao Oriente, à Turquia... eu disse, com vivacidade.

- Gostarias, Severin, é sério? - interpelou Wanda. E seus olhos rutilavam.

- Sim, com toda a seriedade eu digo que é meu desejo ser teu escravo. Quero que teu poder sobre mim seja sacramentado pela lei, que minha vida esteja em tuas mãos, que nada neste mundo me proteja de ti ou me salve de ti. Ah! Volúpia, sentir que estou completamente sob o teu arbítrio, que dependo de teu humor, de um gesto de teus dedos. E então - que ventura! -, se fores piedosa, se o escravo puder beijar teus lábios, depender de ti na vida e na morte. Ajoelhei e apoiei em seu regaço a minha fronte, que ardia.

- Tens febre, Severin - disse Wanda, inquieta. - É realmente infinito o teu amor? - abraçou-me à altura de seus seios, enquanto ela me cobria de beijos.

- Queres então? - começou hesitante.

- Juro para ti, por Deus e pela minha honra, sou teu escravo, sou onde e quando quiseres, e tão logo o ordenares - bradei, em quase nada eu me continha.

- E se eu te levar ao pé da letra? - perguntou Wanda.

- Faça-o!

- Para mim é um encanto sem igual saber que tenho um homem que me adora, a quem amo de todo o coração, que se dá inteiro para mim, depende de minha vontade, de meu humor, possuir esse homem como escravo, enquanto eu...

Lançou-me um olhar inimitável.

- Se eu estiver sendo frívola, és o culpado - continuou. - Quase chego a acreditar que já sentes medo de mim, mas eu tenho cá o teu juramento.

- E hei de mantê-lo.

- Com isso peço que me deixes... Agora já tenho Deus por testemunha de que tudo isso não é apenas um sonho. Tu és meu escravo, e eu tentarei ser tua Vênus das Peles.

Eu pensava em, por fim, conhecer e compreender essa mulher, e vejo que é tempo de começar. Com que repulsa não acolhia ela, antes, não há muito, muitos desvarios, e com que seriedade não se ocupa, agora, de sua realização?

Ela rascunhou um tratado mediante o qual me comprometo, por palavra de honra e juramento, a ser seu escravo, enquanto ela assim o desejar.

Enlaçada com o braço em meu pescoço, lê para mim tal documento inédito e inacreditável. Após cada frase um beijo faz as vezes de ponto final.

- Mas esse contrato para mim só traz deveres! - eu disse, enquanto ela zombava de mim.

- Naturalmente - respondeu, com toda a seriedade. - Como em momento algum deixas de ser meu amado, a ti estou atrelada por todos os deveres e considerações. Meus favores deves ter mesmo como gestos piedosos; direito não tens nenhum, razão pela qual não podes mesmo te valer de nada. Meu poder sobre ti não deve ter quaisquer fronteiras. Homem - pense que não és muito melhor que um cachorro, uma coisa inanimada; és meu objeto, meu brinquedo, que eu posso quebrar, visto que não és mais que um passatempo, um passatempo de uma hora. Não és nada, e sou tudo. Entendes?

Riu e de novo me beijou. Fui tomado por uma espécie de calafrio.

- Não me permitirás algumas condições? - tentei.

- Condições? - franziu a testa. - Ah! Já estás com medo, ou já te arrependeste... Tarde demais, tenho teu juramento, tua palavra de honra. Agora ouça.

"Em primeiro lugar, a quem interessar possa, saiba que, por este contrato, tu jamais te separarás de mim, não me abandonarás jamais à crueza de quaisquer de teus adoradores."

- Mas Severin - disse Wanda com voz embargada, lágrimas nos olhos -, podes bem acreditar que a ti, homem que tanto me ama, que tão completamente está em minha mão...- e não prosseguiu.

- Não! Não! - falei, cobrindo-lhe a mão de beijos. - Não temo nada de ti, nada que poderia me desonrar. Perdoa de mim este odioso rompante.

E Wanda riu, bem-aventurada, juntou sua face à minha, e pôs-se reflexiva.

- Esqueceste alguma coisa - segredou-me então, maliciosa -, o mais importante.

- Uma condição?

- Sim, a de que devo sempre aparecer em peles... Mas isto a ti prometo, que sempre hei de trazê-las, pois instilam em mim uma sensação despótica, e eu quero ser bastante cruel para contigo - entendes?

- Devo assinar o contrato? - perguntei.

- Ainda não - disse Wanda. - Quero antes acrescentar duas condições, e o mais importante: deves subscrever data e local.

- Em Constantinopla?

- Não. Estive aqui pensando... De que me valeria ter um escravo onde todos têm escravos? Quero, sim, tê-los em nosso mundo civilizado, prosaico, filisteu, quero ser só eu a ter um escravo, e, com efeito, um escravo que não o seja sob o jugo da lei, não por meu direito ou por meu brutal poder, mas tão-somente por força de minha beleza e da minha conduta - quero tê-lo sem vontade própria, na palma de minha mão. Isso me atrai. Mas pelo sim e pelo não, vamos para um país no qual não nos conheçam, e onde, por

isso mesmo, podes aparecer ao mundo como meu criado. Talvez para a Itália, em Roma ou Nápoles...

Estávamos sentados na otomana de Wanda, ela em seu casaco de arminho, o cabelo feito a juba de um leão, a lhe cair pelas costas; pendia em meus lábios, sugando-me a alma pelo corpo. Tudo girava ao meu redor, começava a me ferver o sangue, meu coração batia vigorosamente contra o dela.

- Quero me dar, estar na palma de tua mão - disse, em júbilo, de repente, tonto de paixão, quase sem poder pensar com clareza, nem deliberar facilmente. - Sem qualquer condição, sem qualquer limitação do teu poder sobre mim, quero me entregar ao teu arbítrio, piedoso, que seja, ou ímpio - enquanto dizia isso, deixei-me cair da otomana a seus pés e olhei embriagado para ela.

- Quão belo estás agora. Teus olhos meio fechados pelo arrebatamento me deleitam, enlevam-me, teu olhar seria maravilhoso, fosses tu flagelado até a morte, em situação de abate. Tens os olhos de um mártir.

Por vezes sou tomado de algo inquietante por estar tão completa e incondicionalmente nas mãos de uma mulher. E se abusas de minha paixão, de teu poder?

Agora vejo: o que sempre ocupou meus ímpetos desvairados desde os tempos de criança me inundava de um doce pavor. Preocupação estúpida. Trata-se de um jogo deliberado, que me estimula - não, agora não mais. Ela me ama, sim, e é boa, de natureza nobre, incapaz de qualquer infidelidade. Mas estar em sua mão - ela pode, se o quiser -, quanto encanto reside nesta dúvida, neste medo.

Agora entendo Manon Lescaut e o pobre cavaleiro, que a adorava enquanto ela se fazia ama de outro, ele a padecer no pelourinho.

O amor não conhece virtudes, não conhece mérito, a tudo perdoa e tudo suporta, porque o deve; nem pelo juízo somos guiados, nem pelas preferências nem pelos erros, que, descobrimos, provocam nossa abnegação ou nos retraem. E um poder doce, melancólico, secreto, que nos impele, e acabamos por pensar, experimentar, querer, deixamos que nos atraia sem perguntar "para onde?".

Hoje, no passeio, avistamos pela primeira vez a figura de um príncipe russo, que pelo seu porte atlético, pela bela fisionomia, por sua luxuriante presença chamava a atenção de todos. Sobretudo as damas olhavam-no boquiabertas, como a um animal selvagem, mas ele caminhava pelas alamedas, com ar sombrio, não mirava ninguém, seguia entre seus dois criados, um negro em traje de cetim vermelho e um circassiano armado até os dentes. De repente vislumbrou Wanda, grudou em sua figura o olhar frio e penetrante, virou o pescoço a sua passagem, e quando ela já se afastava ficou parado a contemplá-la.

E ela, que o devorou com seus dardejantes olhos verdes, fez tudo o que podia para tornar a cruzar com ele.

A coqueteria refinada com que ela caminhava, se movia, olhava para ele, fez com que eu me contorcesse de ciúmes. Quando chegamos em casa, comentei a respeito. Franziu a testa.

- Que queres... - disse ela -, o príncipe é um homem que me agrada, me fascina, eu diria, e sou livre, posso fazer o que bem entendo.

- Então não me amas mais? - balbuciei chocado.

- Eu só amo a ti... Mas quero que o príncipe me faça a corte.

- Wanda!

- Não és meu escravo? - disse calmamente. - Não sou eu a Vênus, a cruel e nórdica Vênus das Peles?

Calei-me; senti-me realmente destroçado por suas palavras, e seu olhar frio me veio como uma punhalada no coração.

- Deves imediatamente te inteirar do nome dele, de onde mora, e de tudo o mais que se relacione à pessoa do príncipe. Entendido?

- Mas...

- Sem objeções. Obedeça! - ordenou Wanda com uma força que eu jamais pensei que ela tivesse. - Não me apareça mais aqui até poderes responder às minhas perguntas.

No dia seguinte ao meio-dia apareci a Wanda com as informações desejadas. Ela me deixou de pé à sua frente, como um criado, enquanto me ouvia recostada à poltrona.

Assentiu com a cabeça, parecia satisfeita.

- Passa-me o tamborete! - ordenou, sumária.

Obedeci e, depois de botar à frente dela e lhe assentar os pés, ali permaneci, ajoelhado.

- Como isso vai terminar? - perguntei, entristecido, após uma breve pausa.

Irrompeu em arrogante gargalhada:

- Ainda nem começou!

- És mais desalmada do que eu pensava - retruquei, magoado.

- Severin - retomou com ar de grande seriedade -, ainda nada fiz, nem o mínimo, e já me tomas por desalmada. Como será quando eu satisfizer às tuas excêntricas fantasias, quando eu levar uma vida livre e de prazeres, quando tiver um círculo de adoradores à minha volta, e, o que é bem o teu ideal, quando eu te tratar a pontapés e chibatadas?

- Levas por demais a sério os meus desvarios...

- A sério demais? Tão logo eu comece, não serão brincadeiras que poderão me conter - interpôs Wanda. - Sabes quanto odeio tudo o que é jogo, tudo o que é comédia. Tu o quiseste assim. Foi minha idéia ou teria sido tua? Eu te seduzi para tal ou incendiaste a minha imaginação? Agora fiquei intrigada.

- Wanda - intervi afetuosamente. - Ouça-me, calma. Nosso amor há de ser algo tão sem fim, e somos tão felizes... Sacrificarias nosso futuro por um capricho?

- Não se trata de nenhum capricho! - bradou.

- Que é então? - perguntei, temeroso.

- Está em mim - com meditativa tranqüilidade. - Pode ser que jamais tenha vindo à luz, mas tu o despertaste, desenvolveste-o, e agora, convertido em um ímpeto poderoso, que me invade, ali está meu gozo, onde outra coisa eu não posso nem quero, agora te quero de volta - tu - serás tu um homem?

- Querida, caríssima Wanda! - comecei a acariciá-la, a beijá-la.

- Deixa-me, tu não és homem.

- E tu! - exaltei-me.

- Sou teimosa - disse ela -, tu o sabes. Fantasias não são o meu forte, e em sua realização sou tão fraca como tu; se começo alguma coisa vou até o fim, com tanto mais determinação quanto mais obstáculos eu encontrar. Deixa-me!

- Empurrou-me e se pôs de pé.

- Wanda! - levantei-me e fiquei diante dela, olhos nos olhos.

- Já sabes quem e como sou - prosseguiu. - Advirto-te ainda uma vez. Tens a escolha. Não te obrigo a ser meu escravo.

- Wanda - respondi, comovido, e já me vinham lágrimas nos olhos. - Nem sabes como eu te amo.

Alçou o lábio inferior, desdenhosamente.

- Tu te enganas, fazes-te mais feia, e não o és, tua natureza é tão boa, tão nobre...

- Que sabes sobre minha natureza? - interrompeu com violência. - Tens muito que aprender.

- Wanda!

- Decida-te: queres te submeter, sem mais condições? - E se eu responder "não"?

- Então...

Ela caminha fria e rudemente em minha direção, e ao parar diante de mim, os braços cruzados sobre o peito, os lábios num riso malévolos, era de fato a mulher despótica de minha desvairada fantasia, e suas feições pareciam duras, em seu olhar nada se anunciava de bom ou piedoso.

- Bom - disse por fim.

- És má. Queres açoitar-me.

- Ah, não... Quero deixar que te vás. Es livre. Não te seguro.

- Wanda... eu, que te amo tanto.

- Sim, o senhor que me adora - desferiu desdenhosa. - Mas é um covarde, um mentiroso e sem-palavra. Deixe-me por um momento.

- Wanda...

- Tenha dó!

Não me contive. Lancei-me a seus pés e comecei a chorar. - Ah, lágrimas, ainda essa...- Começou a rir um riso medonho.

- Vá embora... Já não quero vê-lo.

- Meu Deus! - gritei, e estava fora de mim. - Quero, sim, fazer tudo o que ordenares, ser teu escravo, coisa tua, de que dispões a teu arbítrio, só não me separe de ti - e fui ao chão - não posso viver sem ti - e envolvi seus joelhos e cobri suas mãos de beijos.

- Sim, deves ser meu escravo, sentir o chicote, pois homem tu não és - disse calmamente, e me tocava fundo o coração o fato de ela não demonstrar raiva, excitação, mas dizê-lo comedida e premeditadamente.

- Já te conheço, a tua natureza canina, que adora ser tratada a pontapé, e tanto mais quanto mais seviciada é. Já te conheço, mas deves aprender a me conhecer.

- E pôs-se a caminhar a passos largos de um lado a outro, enquanto eu permanecia aniquilado, de joelhos, cabeça curvada ao chão, lágrimas brotavam de meus olhos.

- Venha até aqui - ordenou Wanda, estendendo-se na otomana. Segui ao seu aceno e me pus diante dela. Olhava-me com um ar sombrio, até que seus olhos se arregalaram de súbito, iluminaram-se de dentro, puxou-me sorrindo para junto de seus peitos e começou a me beijar as lágrimas dos olhos.

O que chega a ser engraçado, em minha situação, é que sou como aquele urso do Parque Lilis: posso fugir mas não o quero, suporto a tudo que me ameaça a liberdade.

Ah, se ela voltasse a pegar o chicote! Essa amabilidade com que me trata tem para mim algo de inquietante. Encontrame como um rato aprisionado: uma bela felina está a brincar comigo, está sempre pronta a dilacerá-lo, e meu coração de rato ameaça explodir.

Que estará a preparar? Com que virá agora?

Parece ter esquecido completamente do contrato, de minha escravidão, ou estaria a fazê-lo porque, tendo desistido do plano na mesma hora, vendo que não lhe faria oposição, e que, sim, eu me curvaria a seus caprichos?

Como é boa para comigo, carinhosa, amorosa! Vivemos dias felizes.

Hoje ela me fez ler a cena entre Fausto e Mefistófeles, na qual aparece o aprendiz itinerante; seu olhar paira em mim com rara satisfação.

- Não entendo - ela disse, quando eu terminei. - Como um homem pode expor com tanta clareza pensamentos grandiosos e belos, como pode fazê-lo de maneira tão maravilhosamente clara, penetrante, razoável e, ainda assim, persistir sonhador, um azarado ultra-sensual.

- Estás satisfeita? - disse e beijei-lhe a mão. Acariciou-me a testa carinhosamente.

- Eu te amo, Severin - sussurrou. - Acho que já não posso amar homem algum que não a ti. Sejamos razoáveis. Queres?

Em vez de responder, tomei-a em meus braços; uma felicidade íntima e melancólica invadiu-me o peito, meus olhos fizeram-se rasos, e deles uma lágrima caiu em sua mão.

- Como podes chorar? - exclamou. - Feito criança!

No passeio de carruagem, cruzamos com o carro do príncipe russo. Ele se mostrou visivelmente desconcertado, surpreso, ao me ver ao lado de Wanda, e parecia querer me perfurar com seu olhar cinzento e eletrizante. Ela, porém - e nesse momento foi minha vontade lançar-me a seus pés, para cobri-los de beijos - pareceu nem notá-lo, resvalou sobre ele o olhar impassível, como se fosse um objeto sem vida, uma árvore a mais que encontrasse pelo caminho, e se virou para mim com um sorriso encantador.

Quando fui até ela, desejar-lhe boa noite, Wanda me pareceu, de súbito, sem nenhum motivo especial, distraída e enfadada. Que estaria a preparar agora?

- Sinto muito que te vás - disse, quando eu já estava de saída.

- Depende de ti abreviar a dureza de minha provação; desista de me torturar - implorei. - Acabe logo com isso - disse, envolvendo-a com meus braços. - Torna-te minha esposa.

- Jamais, Severin - respondeu suavemente, mas com firmeza.

- Como assim?

Aterrorizei-me até o fundo de minha alma.

- Não és homem para mim.

Eu a contemplei, fui retirando lentamente o meu braço, que ainda lhe envolvia a cintura e saí do quarto... Ela não voltou a me chamar.

Uma noite insone. Fiz uma série de resoluções e acabei por repudiar todas elas. Pela manhã escrevi uma carta, na qual eu dava a nossa relação por encerrada. Minha mão tremia, e ao selá-la senti queimarem-me os dedos.

Ao subir a escada que levava ao seu quarto, meus joelhos pareciam a ponto de quebrar.

A porta se abriu, e Wanda ficou parada junto a ela, de bóbis no cabelo.

- O meu penteado ainda nem está pronto - disse, rindo. - O que o senhor tem aí?

- Uma carta...

- Para mim? - ao que assenti.

- Ah... O senhor quer terminar comigo - em tom de escárnio.

- Ontem a senhora não deixou bem claro que não sou homem para...

- Digo e repito - retrucou.

- Então... - eu tremia o corpo inteiro, a voz me faltava, estendi-lhe a carta.
- Fique com ela - recusou, com um desprezo cortante. - O senhor esquece que já não está em questão satisfazer-me como homem ou não. Trata-se agora de ser meu escravo, e para isso o senhor é bom o suficiente.

- Piedosa senhora - disse eu, indignado.

- Sim. E assim que me terás de agora para diante - respondeu Wanda, erguendo a cabeça com um desdém indescritível. Resolva todos os seus assuntos em um prazo de vinte e quatro horas, pois depois de amanhã eu viajo para a Itália, e o senhor deve me acompanhar, como criado.

- Wanda...

- Eu lhe proíbo toda e qualquer intimidade - disse ela, acentuando contundentemente as palavras. - Da mesma forma como lhe proíbo vir até mim e me falar sem que eu o tenha chamado ou feito soar o sino, e sem ser interpelado. Doravante o senhor não mais se chamará Severin, e sim Gregor.

Tremi de raiva e no entanto - não posso negar - também de satisfação e de picante excitação.

- Mas a senhora bem sabe de minha situação, piedosa senhora - comecei, embaraçado. - Ainda dependo de meu pai, e duvido que ele venha a me dar soma tão alta para que eu possa realizar esta viagem...

- Isso significa que tu não tens dinheiro, Gregor - Wanda observou satisfeita. - Tanto melhor. Então serás completamente dependente de mim, e meu escravo de fato.

- A senhora não convirá - tentei retorquir - que na condição de cavalheiro me será impossível...

- Já pensei nisso - cortou-me em tom autoritário - e considere que na condição de cavalheiro o senhor fez o seu juramento e me deu sua palavra, segundo a qual me seguiria como escravo para onde eu quisesse, bem como para fazer tudo o que eu ordenasse. Agora vai-te, Gregor!

E fui em direção à porta.

- Assim, não! Deves primeiro me beijar a mão - e com isso estendeu sua mão com um despojamento orgulhosamente calculado, para que eu a beijasse, e eu, diletante, asno, escravo miserável, fui serenamente afetuoso ao encontro dela com meus lábios sequiosos de excitação e ardor.

Mais um magnânimo aceno de cabeça, e eu deixo o ambiente.

Já era tarde quando acendi a lamparina e o grande forno verde. Era preciso ainda pôr em dia algumas cartas e escritos, e o outono havia se instalado com todo o rigor, como não raro acontece por aqui.

De repente ela bate com o cabo do chicote em minha janela.

Abri e a vi do lado de fora, com um casaco forrado de arminho, uma toca de cossaco alta e redonda, também de arminho, do tipo mesmo que a grande Catarina tanto gostava de usar.

- Estás pronto, Gregor? - perguntou-me com ar sombrio. - Ainda não, minha dona - respondi.

- Ah... Esta palavra me agrada. Deves sempre me chamar assim - "minha dona". Entendido? Partimos amanhã de manhã, às nove horas. Até a capital segues como meu acompanhante, como um amigo. Mas tão logo subirmos no vagão... Serás meu escravo, meu criado. Agora fecha a janela e abre a porta.

Tão logo fiz como ela tinha mandado, Wanda entrou e perguntou, aproximando, zombeteira, as sobrancelhas:

- E então? Que te pareço? -Tu...

- Quem te deu a permissão - e golpeou-me com o chicote. - Estás deslumbrante, minha dona. Wanda riu e sentou em minha cadeira de braços. - Ajoelha-te bem aqui, junto de minha poltrona. Obedeci.

- Beija a minha mão.

Envolvi suas pequenas mãos frias e as beijei. - E a boca...

Enlacei meus braços em transbordante paixão em torno da mulher bela e cruel e cobri-lhe a face, boca e busto com beijos ardentes, e ela os devolveu-me tão fogosamente quanto, as pálpebras cerradas como que em sonho, até depois da meia noite.

Pontualmente às nove da manhã, como ela ordenara, tudo estava pronto para a partida, e deixamos, em uma pequena caleche, a pequena estação balneária em que havia se desenrolado o drama mais intrigante de toda a minha vida - e do qual o desenlace ninguém poderia pressentir.

Até ali tudo bem. Segui sentado ao lado de Wanda, fomos tecendo conversas amorosas e de espírito elevado, como as que se tem com um bom amigo, sobre a Itália, sobre o novo romance de Pisemsky, sobre a música de Wagner. Na viagem ela usava uma espécie de amazona, vestido de pano preto, e um casaco curto do mesmo tecido, guarnecido com uma pele escura, e o conjunto colava às suas formas esguias e as ressaltava de maneira esplendorosa, e sobre tudo isso, ainda, uma pele de viagem. O cabelo, atado por um coque à moda antiga, sob uma pequena toca de pele, em tom escuro, da qual pendia e se fazia em torno um véu preto. Wanda estava muito bem disposta, enfiava bombons em minha boca, penteava-me, desatou o lenço que eu trazia no pescoço, envolvendo-o, em vez, por uma pequena malha, usou suas peles para me cobrir os joelhos e de maneira furtiva me pressionava os dedos da mão. Quando o nosso cocheiro judeu olhava mais atentamente para a estrada à frente, ela se apressava em me dar um beijo, e seus lábios frios tinham aquele aroma fresco e enregelante de uma rosa a desabrochar, que no outono se abre entre arbustos desfolhados e folhas mortas, cujo cálice aparece colgado pela primeira florada, e dela, pensos, diamantes glaciais.

Chegamos à capital. Descemos na estação. Com um riso de um encanto quase altivo, Wanda vira-se para me passar suas peles e segue a comprar as passagens.

Ao voltar, está completamente mudada.

- Aqui está teu bilhete, Gregor - diz, num tom como só as damas soberbas falam aos seus.

- Um bilhete de terceira classe! - respondi, sentindo-me ridículo e decepcionado.

- Mas é claro...- respondeu. - Agora, presta atenção,

sobe só depois que eu já estiver na cabine e não precise de ti. Ao pararmos em cada uma das estações, correrás ao meu vagão a me perguntar por ordens. Não falta, não descuida. E agora, as minhas peles.

Depois que eu, como um escravo submisso, ajudei a vestila, ela se pôs a procurar, seguida por mim, uma cabine vazia da terceira classe, pulou para dentro apoiada em meus ombros e me deu os pés para que eu os envolvesse com pele de urso e os pousasse no aquecedor.

Dispensou-me com um aceno. Subi lentamente no vagão da terceira classe, que encontrei intoxicado por uma infame fumaça de tabaco, e do qual a visão, da porta para dentro, tinha aparência semelhante à proporcionada pelas névoas do Aqueronte. Até como forma de passar o tempo, fiquei a refletir sobre o enigma da existência humana e sobre o maior de todos esses enigmas: a mulher.

Tao logo o trem pára, salto e corro até o vagão em que ela se encontra e espero, chapéu à mão, pelas suas ordens. Ela logo me pede um café, depois um copo d'água, uma porção de sopa, outra vez um copo com água quente para lavar as mãos, e enquanto

isso recebe alguns cavalheiros que sobem à cabine para lhe fazer a corte. Eu morro de ciúmes e ainda tenho de me pôr a calcular o tempo a fim de não perder o trem enquanto satisfaço às suas exigências feito um burro de carga. E assim vai caindo a noite. Nem um pequeno lanche posso fazer, nem dormir, respiro o mesmo ar acebolado dos aldeões poloneses, de comerciantes judeus e de soldados rasos, enquanto ela, como constato ao ir à sua cabine, encontrase confortavelmente deitada sobre almofadões revestidos de peles, coberta com peles de animais, parecendo uma déspota do Oriente, e os senhores sentados eretos junto à parede, como deuses indianos, mal se atrevem a respirar.

Em Viena, onde ela decidiu ficar um dia, para fazer umas compras - mais precisamente para comprar uma série de trajes luxuosos -, continua a me tratar como criado. Sigo atrás dela, a respeitosos dez passos de distância, e ela, sem me dirigir sequer um olhar amistoso, se aproxima para me passar alguns pacotes, que ao final me deixarão ofegantes como um burro de carga.

Antes de dali partirmos, tirou-me todas as roupas e as dividiu entre os funcionários do hotel, e mandou que eu vestisse um uniforme com as cores tradicionais de Cracóvia, azul claro e vermelho vivo, e um chapéu de quatro pontas, também vermelho, adornado com pluma de pavão - e posso dizer que o traje não me ficava mal.

Os botões de prata traziam as armas. Dava-me a sensação de ter sido comprado ou de ter vendido a minha alma ao diabo.

O meu belo diabo me conduzia por um *tour* de Viena até Florença. Desta feita, em vez de aturar produtores de linho da Mazóvia e judeus sebentos, tenho por companhia camponeses de cabelos cacheados, um portentoso sargento do primeiro regimento de granadeiros italianos, e um pobre pintor alemão. O odor de tabaco agora já não se assemelha ao de cebola, mas ao de salame e queijo.

Mais uma vez é noite. Estou deitado em minha cama de madeira, cansado de meu tormento, braços e pernas alquebrados. Mas as histórias ali são poéticas; as estrelas reluzem no céu, o sargento parece um Apolo de Belvedere, e o pintor alemão canta um *Lied*¹³ maravilhoso:

É noite e caem todas as sombras
As estrelas no céu despertam,
Um sopro quente de nostalgia a sossobrar
Pelo mar dos sonhos
Minh'alma navega sem descanso
Para onde a tua deve estar

E eu penso na bela mulher, a dormir majestosamente repousada na suavidade de suas peliças.

Florença! Gritos, cocheiros e fiacres insistentes. Wanda escolhe um carro e dispensa os portadores.

- Para quê, se tenho o meu próprio criado? - dizia. - Gregor, aqui está o comprovante, pegue as bagagens.

Ela se enrolou em sua pele e sentou calmamente no vagão, enquanto eu ia levando as bagagens, uma após outra. Quando estava a transportar a última, detive-me por um momento, e um carabineiro amistoso, com ar inteligente, veio me ajudar. Ela riu.

¹³ O substantivo neutro alemão *Lied* nada mais é do que “canção”. Não fica claro aqui por que o tradutor preferiu não traduzir. [Nota do digitalizador]

- Deve estar pesado... Levo aí todas as minhas peles.

Subi na boléia e enxuguei o suor da fronte. Ela deu o nome do hotel, o cocheiro fustigou o cavalo. Em poucos minutos chegamos à entrada ricamente iluminada.

- Há quartos? - pergunta Wanda ao porteiro.

- Sim, madame.

- Dois para mim, um para o meu criado - todos com aquecedor.

- Temos dois bem distintos, madame, ambos com lareira, para a senhora -, respondeu o atendente, que veio logo ao seu encontro -, e um sem aquecedor para o criado.

- Mostre-me os quartos.

Ela os examinou e foi dizendo:

- Estão bons. Fico satisfeita. Faça logo o fogo nos meus, e o criado pode dormir no quarto sem aquecimento.

Olhei para ela.

- Traga as malas, Gregor - ordenou, sem me dirigir olhar algum. - Vou trocar de roupa, depois subo ao restaurante. Podes comer alguma coisa em qualquer lugar.

Enquanto ela anda pelo quarto ao lado, arrasto o baú pelas escadas acima e ajudo o funcionário do hotel a acender o fogo enquanto ele tenta me perguntar alguma coisa sobre o meu "senhorio" em um francês ruim. Por um instante olho com surda cobiça a lareira bruxuleante, a cama com dossel, cheirosa e branca, os tapetes que cobrem o assoalho. Depois subo fatigado e faminto por uma escada e peço algo para comer. Um garçom, com toda a boa vontade, que servira como soldado pela Áustria e, diga-se, esforçava-se para compreender meu alemão, conduziu-me ao refeitório e me serviu. Eu não tinha refeição quente nem bebida fresca havia já 36 horas, e à primeira garfada ela adentra o ambiente.

- Como ousa conduzir-me a um refeitório onde se repasta o meu criado? - é como rudemente Wanda se dirige ao garçom, vermelha de raiva, faz meia volta e vai embora.

Agradeço aos céus por pelo menos poder continuar a minha refeição com alguma tranqüilidade. Depois subo quatro lances de escada até o meu quarto, onde está minha pequena mala e, a arder, uma suja lâmpada a óleo. É um quarto bem estreito, sem lareira, sem janela, com um pequeno respiradouro. Não estivesse tão frio, ele me faria lembrar aqueles cômodos venezianos que ligam uma edificação a outra sobre os canais. Sem querer quase sou tomado pelo riso, mas me contenho, e o motivo da graça me causa espanto.

De repente a porta se escancara, o garçom adentra com gestos teatrais, tipicamente italianos, e anuncia:

- O senhor deve subir até onde está madame, e já!

Pego o meu chapéu, tropeço por alguns degraus escada acima, chego, por fim, felizmente, ao primeiro piso, diante da sua porta e bato.

- Entre!

Eu entro, fecho e permaneço à porta.

Wanda está confortavelmente instalada. Em uma *negligé* de musselina branca trabalhada, sentada sobre um divã de veludo vermelho, os pés sobre um tamborete do mesmo material, envolvida no manto de peles em que me aparecera pela primeira vez como deusa do amor.

A luz amarela dos candelabros depositados sobre *o trumeau* lança seus reflexos em um grande espelho, e as chamas da lareira brincam majestosas no veludo verde, na zibelina castanha da manta, na pele alva e lisa, nos cabelos vermelhos e flamejantes da

linda mulher, que inclina para mim a face clara e fria, observando-me atentamente com seus olhos verdes.

- Estou satisfeita, Gregor - começou.

Eu lhe fiz uma reverência.

- Chega mais perto.

Obedeci.

- Mais, mais perto - olhava para cima, acariciando a zibelina.

- Vênus das Peles recebe seu escravo. Vejo que o senhor é mais que um desvairado vulgar. Pelo menos não abriu mão de seus sonhos. É um homem que dá asas ao que imagina, e seria fantástico que o pudesse pôr em prática. Tenho de convir que me agrada, me impressiona. Existe força, e só a força é algo que se pode respeitar. Chego a acreditar que, em circunstâncias especiais, em um tempo heróico, o que no senhor parece fraqueza se apresentaria manifestamente como força. Entre os primeiros imperadores o senhor seria um mártir; entre os primeiros reformadores, um anabatista; na Revolução Francesa, um daqueles girondinos entusiasmados que subiriam à guilhotina com a Marselhesa aos lábios. Mas acontece que o senhor é meu escravo, meu...

E saltou, livrando-se das peles, e com terno poder trançou os braços em meu pescoço.

- Meu amado escravo, Severin, ah... Como te amo, como te adoro, e como te cai bem o uniforme de cracoviano, mas ainda hoje passarás frio no quarto miserável, sem lareira, lá de cima... Devo então te dar uma de minhas peles, meu querido... Esta aqui.

Apanha-a rapidamente do chão, lança-a nos meus ombros e, antes que eu dissesse me desse conta, envolve-me completamente com ela.

- Puxa! Quão bem lhe fica a peliça, ressaltam, e bem, os teus nobres traços. Tão logo deixes de ser meu escravo, vestirás um traje de veludo com zibelina? Ou não usarei mais nenhum casaco de peles...

E de novo começou a me acariciar, a me beijar, e pôr fim me puxou para o pequeno divã aveludado.

- Eu acho... Que as peles te agradam...- disse. - Então... Devolva-as. Vamos, vamos, ou eu perderei completamente o meu senso de dignidade.

Envolvei-a com a peliça, e Wanda enfiou o braço direito manga adentro.

- Parece um quadro de Ticiano... Mas basta de brincadeiras. Não me venhas sempre com essa cara de infeliz, faz-me triste. Atualmente és o meu criado tão-somente para o mundo, meu escravo ainda não és, ainda não assinaste o contrato, ainda estás livre, podes me deixar a qualquer momento. O teu papel, tu o cumpriste magistralmente bem. Fiquei encantada. Mas ainda não estás satisfeito, não estás a me achar abominável? Fala, pois, é uma ordem.

- Devo admitir, Wanda - comecei.

- Sim, deves.

- É que... Mesmo que abuses - prossegui -, eu por ti estou mais apaixonado que nunca, quero te venerar cada vez mais, mais fanaticamente, te adorar, quanto mais me maltratares... O modo como estavas comigo mesmo agora, pões o meu sangue a ferver, embriagas todos os meus sentidos - eu te pressiono contra mim e por alguns instantes fico penso em seus lábios úmidos, tu, bela mulher - respondi, mirandoa, e em meu entusiasmo eu puxei a pele de zibelina de seus ombros e pressionei minha boca em sua nuca.

- Então tu me amas, mesmo quando sou cruel? - perguntou Wanda. - Anda, vamos! Assim me aborreces, não ouves?

Ela me deu uma bofetada na orelha, vi estrelas e senti um zumbido nos ouvidos.

- Ajuda-me com a pele, escravo.
Ajudei, fiz o melhor que pude.
- Quanta falta de jeito! - bradou, e mal terminei de vesti-la, deu-me de novo na cara. Vi estrelas, e um zumbido percorreu-me os ouvidos
- Doeu? - perguntou e me alisou ternamente.
- Não, não - respondi.
- Bem... Não debes mesmo te queixar... É assim que tu queres; agora, dê-me mais um beijo.

Passei os braços em torno dela, e seus lábios colaram-se aos meus, e, como ela fizesse repousar em meu peito as peles grandes e pesadas, fui tomado de uma estranha sensação de sufocamento, como se um animal selvagem, uma urso, me tivesse abraçado, e eu como que sentia suas garras em minha carne. Mas desta vez a urso piedosamente me soltou.

Com o meu peito cheio de uma luminosa esperança, subi para o miserável quarto de criado e me deitei na cama dura.

A vida é mesmo intrinsecamente estranha, pensei comigo, há pouco, tinha a mulher mais linda, a própria Vênus, repousada em meu peito, e agora tenho a oportunidade de conhecer a fundo o inferno dos chineses, entre os quais, diferente de nós, seus danados não são lançados às chamas, mas sim impelidos pelo diabo para um campo repleto de gelo. Por certo eles próprios, os fundadores de sua religião, tiveram de dormir em um quarto sem aquecimento.

Naquela noite acordei sobressaltado, com um grito. Eu havia sonhado com o campo de gelo, no qual me perdera e em vão tentava encontrar a saída. De repente me aparece um esquimó com um trenó puxado por renas. Ele tinha o rosto do rapaz que me havia conduzido até ali, ao quarto sem aquecimento.

- O que o senhor está procurando aqui? - perguntou. - Aqui é o pólo Norte.

No instante seguinte ele já havia desaparecido, e foi Wanda que passou deslizando pela superfície gelada. Sua saia de seda branca esvoaçava e farfalhava, o arminho de seu casaco e de sua toca, sobretudo as suas feições eram de um branco resplandecente, como de neve. Ela arrojou-se para mim, envolveu-me em seus braços e começou a me beijar. Mas de repente senti meu sangue a esguichar, quente.

- Que fizeste? - perguntei, aterrado.

Ela riu-se, mas eu a olhava de novo e já não era Wanda, e sim uma grande urso branca, a me perfurar o corpo com suas garras.

Gritei desesperado e ainda ouvi o seu riso diabólico quando, uma vez desperto, eu olhava o quarto em volta.

Cedo pela manhã, parei junto à porta do quarto de Wanda, e, como o garçom viesse trazer a ela o café, eu próprio o tomei dele e adentrei para servir a minha formosa dona. Ela já tinha feito a *toilette* e se mostrava em todo o seu esplendor, rosada e fresca, rindo amistosa para mim. Sempre tornava a me puxar enquanto eu, respeitosamente, tentava dela me afastar.

- Bem, agora faça muito rapidamente a tua refeição, Gregor. Já estamos de saída, vamos procurar um lugar para morar... Quero ficar o mínimo possível neste hotel, que nos é um embaraço terrível. Sempre que quero conversar mais calma e intimamente contigo parece algo do tipo: "Ah, a russa tem um relacionamento amoroso com seu funcionário. Como se vê, a estirpe de Catarina não desapareceu de todo..."

Meia hora depois, saímos, Wanda em seu vestido de tecido, sua toca russa, eu em meu uniforme de cracoviano. Chamávamos muita atenção. Eu seguia a cerca de dez passos atrás dela e fazia uma cara séria, pois temia de um instante para o outro estourar em uma gargalhada. Em quase todas as ruas havia alguma plaqueta com os dizeres

Camere ammobiliate. E em cada uma das vezes Wanda me mandava escada acima, e só subia se eu lhe informasse que o apartamento parecia corresponder às suas expectativas. Fazendo assim, por volta do meio-dia eu já estava exausto como um cão de caça em fim de jornada.

Até que, mais uma vez, subimos em uma das edificações, e, ainda uma vez, como sempre, saíamos sem encontrar moradia adequada. Wanda já começava a se irritar. De repente ela me diz:

- Severin, é encantadora a seriedade com que desempenhas o teu papel, e as limitações que nos impuseram definitivamente me excitam... Já não suporto mais... És tão amoroso, preciso dar-te um beijo. Vamos entrar.

- Mas, cara senhora...- objetei.

- Gregor! - ela adentrou o próximo corredor que encontrou aberto, subiu alguns degraus na escuridão da escadaria, envolveu-me ternamente em seus braços e me beijou.

- Ah! Severin... És muito esperto, inteligente, e como escravo és muito mais perigoso do que eu imaginava. Acho-te irresistível. Tenho medo de me apaixonar por ti mais uma vez.

- Então, não me amas mais? - perguntei, tomado de repentino pavor.

Terminantemente negou com um aceno de cabeça, e beijou-me de novo com lábios túmidos e delicados.

Tomamos o caminho de volta para o hotel. Wanda estava para fazer o lanche das dez, logo me convidou a fazer o mesmo, e com a mesma rapidez pôs-se a comer.

É claro que não fui tão prontamente atendido pelo garçom quanto ela, e por isso, mal eu ingerira o segundo bocado de minha refeição, adentrou o próprio e disse-me com ar teatral:

- Madame solicita a sua presença imediatamente.

Com rapidez e pesar despedi-me de meu lanche e me apressei, cansado e faminto em direção a Wanda, que já estava na rua, à espera.

- Não imaginava que a senhora fosse tão cruel, minha dona - disse, a repreendê-la. - Após todas aquelas fadigas nem posso comer em paz?

Ela desatou a rir.

- Pensei que já tiveste terminado a tua refeição.... mas que importa? As pessoas nasceram para sofrer - e tu, em especial. Os mártires por certo não puderam fazer suas refeições sentados, em sossego...

Seguei melindrado, o estômago nas costas.

- Desisti da idéia de alugar alguma coisa aqui na cidade - ela retomou. - É difícil encontrar um que ocupe o andar inteiro para que se faça o que quiser. No caso de uma relação tão peculiar, tão excêntrica feito a nossa, tudo deve se afinar. Vou alugar uma *villa* inteira e... espere, tu vais te espantar. Agora eu permito que te sentes para a tua refeição e que faças um passeio por Florença. Antes do anoitecer não devo estar de volta. Se precisar, eu o chamo.

Visitei o Domo, o Palazzo Vecchio, a Loggia de Lanzi e por um bom tempo fiquei parado junto ao Arno. A todo momento lançava um olhar à velha e majestosa Florença, com suas cúpulas arredondadas e torres desenhando-se em mansidão tendo ao fundo o céu azul e sem nuvens, suas pontes suntuosas por cujos amplos arcos o belo rio amarelecido arremessa a impetuosidade de suas vagas, e mais além as verdejantes colinas que, cravadas de ciprestes elegantes e amplas edificações, se lhe põem em volta.

É outro mundo em que nos encontramos - sereno, sensual, que nos sorri. Também a paisagem nada tem da seriedade e melancolia das nossas. Olhando ao longe, até as últimas vilazinhas brancas, assentadas em montanhas verde-claras, não se vê mancha que o sol não contemple com a mais resplandecente luz, e as pessoas são menos

sérias do que nós, e possivelmente menos pensativas. Mas todas parecem mais felizes do que nós.

O que também se diz é que no sul morre-se mais facilmente.

Tenho a impressão de que não há beleza sem espinho, como não há sensualidade sem tormento.

Wanda acabou descobrindo uma *villa* adorável em uma encosta encantadora à margem esquerda do Arno, a que dá para os Cascinos, e a alugou para ali passarmos o inverno. Nela há um belíssimo jardim, com caramanchões, gramados e um formidável canteiro de camélias. Tem dois pavimentos e é construída em estilo italiano, quadrada. Em uma das fachadas há uma galeria aberta, espécie de *loggia* com estátuas antigas de gesso, nos degraus de pedra que dão para o jardim. Desta galeria se pode chegar a uma sala de banho com um majestoso tanque de mármore, que dá para uma escada em caracol, que levará ao aposento de minha dona.

Wanda ficou com o primeiro andar inteiro só para ela.

Para mim restou um quarto no andar térreo, muito bonito - desta vez com lareira.

Atravesso o jardim, e em uma pequena colina circular descubro um templo, cuja porta encontrei fechada; mas nela há uma fresta, e quando nesta eu ponho os olhos, vejo um pedestal branco sobre o qual está a deusa do amor. Sou tomado por um suave calafrio. Dirigiu-se a mim, sorrindo:

- Estás aí? Eu estava à tua espera.

Anoitece. Uma camareirazinha bonita trouxe até mim a ordem de me apresentar à minha dona. Subo a ampla escada de mármore, atravesso a ante-sala, um grande salão erigido com uma pompa que, inteira, exala a exagero, bato à porta da alcova. Bem de leve, pois o luxo que eu vejo ostentado me intimida, e por isso mesmo não sou ouvido e fico ainda um tempo defronte a porta. Vem-me a sensação de estar diante dos aposentos de Catarina, a Grande, e de que logo ela surgirá com sua verde peliça de dormir, com a insígnia vermelha sobre o peito nu e os cachinhos salpicados de um pó branco.

Bato novamente. Wanda escancara impacientemente a porta.

- Por que tão tarde? - pergunta.

- Eu estava aqui na frente da porta, não me ouviste bater - respondo, envergonhado. Ela fecha a porta, engancha-se em mim e me conduz à otomana de damasco vermelho, em que estava deitada. Toda a mobília do quarto, tapetes, cortinas, babados, o sobrecéu da cama, tudo é de damasco vermelho, e a coberta compõe um esplêndido painel com a magnífica pintura, *Sansão e Dalila*.

Wanda me recebe em um estonteante *déshabillé*; a seda branca do vestido desce de maneira leve e esteticamente bela pelo corpo esguio, deixando desnudos busto e braços, que pendem com docilidade e desleixo da pelagem escura que orla o grande casaco de pele de zibelina e veludo verde. A cabeleira rubra lhe cai, meio aberta, sustentada por um cordão de pérolas negras, descendo-lhe até os quadris.

- Vênus das Peles - sussurro, enquanto ela me puxa para o seu busto e ameaça sufocar-me com seus beijos. Então não diz mais uma palavra sequer, e tampouco penso coisa alguma, e tudo segue submerso em um mar de bem-aventuranças nem de longe pressentidas.

Wanda por fim se desata e me olha, apoiando-se no braço. Lanço-me a seus pés, ela me puxa para si e brinca com os meus cabelos.

- Ainda me amas? - pergunta, os olhos inundados de doce paixão.

- Ainda perguntas?

- Lembras do que juraste? - prosseguiu com um riso encantador. - Agora que está tudo preparado, pronto, eu pergunto ainda uma vez: é mesmo sério que tu queres te tornar meu escravo?

- Pois não estou pronto para isso? - perguntei, admirado.
- Não assinaste nenhum documento...
- Documento? Que tipo de documento?
- Ah! Vejo que já nem te lembras... - disse. - Deixa estar.
- Mas Wanda. Tu sabes que não tenho grandes alegrias afora ser teu escravo, e que daria tudo pela sensação de me saber inteiramente em tuas mãos - daria até mesmo a minha vida.

- Como ficas bonito - num sussurro -, quando empolgado, quando falas tão apaixonado. Ah! Mais do que nunca, estou apaixonada por ti, e por isso serei dominadora, e forte, e cruel, mas temo não poder sê-lo.

- Isso não me preocupa nem um pouco...- eu a interrompi, rindo. - E o documento, onde está?

- Aqui - senti um pouco de vergonha ao puxar os papéis de entre os seios. Deus para mim.

- E para que tenhas a sensação de estar completamente em minha mão, redigi ainda um segundo, no qual esclareces que estás decidido a dar tua vida por mim. Então posso até te matar, se eu quiser.

-Faca-o.

Enquanto eu desdobrava o documento e começava a ler, Wanda apanhava tinta e pena, e chegando junto a mim, passou o braço em meu pescoço e, por sobre o meu ombro, pôs-se a observar o papel.

Começava assim:

CONTRATO ENTRE, A SENHORA WANDA VON DUNAJEW E O SENHOR SEVERIN VON KUSIEMSKI

A contar da presente data, o senhor Severin von Kusiemski passa a ser o noivo da senhora Wanda von Dunajew e renuncia a todos os seus direitos; ele, com, sua palavra de honra na condição de homem e fidalgo, doravante fica obrigado a ser dela o escravo enquanto ela própria não lhe conceder a liberdade.

Na condição de escravo da senhora Yon Dunajew, atenderá pelo nome de Gregor, satisfará a todos os seus desejos, obedecerá todas as suas ordens, se mostrará sempre completamente submisso à sua dona, considerando todo e qualquer sinal da benevolência desta tão-somente um ato excepcional de piedade.

A senhora Von Dunajew deverá punir seu escravo a seu bel-prazer, não só pelo que lhe pareça o menor descaso ou a menor falta, como também terá o direito de o maltratar, seja por capricho, seja por passatempo, como bem lhe convier, matá-lo até mesmo, se assim o preferir; em suma, terá sobre ele um direito de propriedade ilimitado.

Se a senhora Yon Dunajew vier a conceder a liberdade a seu escravo, o senhor Severin von Kusiemski se compromete a esquecer tudo o que experimentou ou suportou como escravo, e jamais, em tempo algum, sob nenhuma circunstância, cogitará vingança ou retaliação.

De sua parte, a senhora Von Dunajew compromete-se, na condição de dona de seu escravo, sempre que possível, a se apresentar com peles, especialmente quando tiver intenção de ser cruel para com ele.

Nestes termos encontram-se concordes na presente data.

O segundo documento continha poucas palavras:

Após anos de uma existência atribulada por fastios e decepções, por livre e espontânea vontade eu ponho fim à minha vida inútil.

Um pavor profundo me envolveu quando findei a leitura. Eu ainda poderia voltar atrás, mas a demência da paixão, a visão da linda mulher que desfalecida se apoiava em meu ombro, era algo que me arrebatava.

- Deves transcrever primeiro este aqui, Severin... - disse Wanda, apontando para o segundo documento. - Ele deve ser redigido completamente por ti, de teu próprio punho. No caso do contrato, é claro que isso não será necessário.

Copiei rapidamente as poucas linhas, nas quais me descrevia como suicida, e em seguida repassei o texto a Wanda, que o leu e, rindo, depositou-o sobre a mesa.

- Então... Tens a coragem de assinar? - perguntou, a cabeça a pender, nos lábios um riso sutil.

Tomei da pena.

- Primeiro leia para mim - disse Wanda. - Estás a tremer... Tua felicidade te faz temer tanto assim?

Tomou o contrato e a pena - relutando, levantei os olhos, e só então percebi que, a exemplo de muitas pinturas das escolas italiana e holandesa, aquela que estava no teto trazia personagens completamente anistóricos, e era bem isso que me causava um efeito perturbador. Dalila, mulher exuberante com uma cabeleira cor-de-fogo, encontra-se meio despida por sua manta de pele escura sobre uma otomana vermelha e está um pouco inclinada, rindo-se de Sansão, lançado ao solo e amarrado pelos filisteus. No escárnio da atitude, ali, coquete, o seu riso é de uma crueldade infernal, e os olhos semicerrados vão ao encontro dos de Sansão, que lhe lançam um último olhar de amor delirante, pois já um de seus inimigos se inclina de joelhos, para o seu peito, pronto para cegá-lo com ferro incandescente.

- Então... - insistiu Wanda. - Estás completamente perdido. Que tens? Deixa tudo isso para os antigos. Por acaso me conhecerás menos tão logo tiveres assinado, querido?

Passei os olhos pelo documento. Lá constava em letras garrafais o nome dela. Mirei ainda uma vez os seus olhos que tinham, sim, o dom de enfeitiçar, então peguei da pena e assinei rapidamente o contrato.

- Estás a tremer - disse Wanda calmamente. - Devo pegar na tua mão para conduzir-te com a pena?

E no mesmo instante, com doçura, pegou minha mão, e lá estava o meu nome também no segundo documento. Wanda olhou ambos ainda uma vez e guardou-os na mesa que ficava junto da cabeceira da otomana.

- Então - agora me dê o teu passaporte e o teu dinheiro.

Puxei minha carteira e a dei para ela. Examinou-a, acenou afirmativamente com a cabeça e ajuntou a outras coisas, enquanto eu ajoelhava e, em doce embriaguez, recostava a minha cabeça em seu busto.

De repente ela me empurra com o pé, levanta-se e toca o sino, a cujo tilintar três jovens, negras como o ébano, esguias, trajadas com seda vermelha, adentram, cada qual uma corda na mão.

Compreendi em que situação me encontrava, tentei levantar, mas Wanda olhava para mim do alto, as feições frias e belas, as pálpebras com uma expressão sombria, um olhar sardônico dirigido a mim, e ela, como dona imperiosa, acenou com a mão para as negras. Antes que eu me desse conta do que estava me acontecendo, lançaram-me ao chão, amarraram-me pernas e braços com firmeza, como a alguém que está para ser supliciado, ataram-me pelas costas, de modo que eu mal conseguisse me mexer.

- Haydée... Passa-me o chicote - ordenou Wanda, com sinistra calma.

Ajoelhando-se, a negra o deu à patroa.

- E tira-me esta pele pesada - prosseguiu. - Impede-me os movimentos.

A negra obedeceu.

- Ah! Aquela jaqueta! - ordenou em seguida.

Haydée foi trazendo a *kazabaika* revestida de arminho, e Wanda nela se enfiou com um, dois movimentos de graça inimitável.

- Atem-no a esta coluna!

Ao que as negras me levantam, passam uma corda grossa em volta do meu corpo e me amarram à portentosa coluna, que sustenta o teto da ampla cama italiana.

Desaparecem de repente, como que tragadas pela terra.

Wanda logo veio ao meu encontro, o vestido de seda deixava flutuar a cauda longa feito um raio de luar, e os cabelos ardiam como chamas sobre a peliça branca do casaco; agora está diante de mim, mão esquerda à cintura, na direita o chicote, e solta um riso breve.

- Acabou a brincadeira - diz, com uma frieza cortante. - Agora é sério! Tolo que tu és! Escarneço de ti e te desprezo! Em um acesso de cegueira desvairada foste te dar a mim, de forma petulante e caprichosa. Já não és mais meu amado, e sim meu escravo - de tua vida e morte posso dispor quando eu bem entender. Aprenderás a me conhecer! Em primeiro lugar deverás provar do meu chicote, sem que sejas culpado de coisa alguma, para que percebas o que te espera ao te mostrares desajeitado, desobediente ou rebelde.

Dizendo isso, levantou o braço que vestia a pele e golpeou-me nas costas.

Estremeci inteiro, o chicote entrava como faca em minha carne.

- Então, que tal? - brada.

Não digo palavra.

- Espera só. Uivarás como um cão sob o chicote - ameaça e começa a açoitar-me com a mesma intensidade.

Os golpes me atingiam rápidos e vigorosos, com terrível violência, sobre as costas, braços, pescoço, eu cerrava os dentes para não gritar. Então passou a me acertar no rosto, e o sangue jorrou quente, mas Wanda ria, sem se deter.

- Só agora eu te entendo - disse enquanto me flagelava. - E realmente um prazer ter uma pessoa em seu poder, tanto mais um homem que me ama - será que me amas ainda? Não. Ah! Ainda te dilacero, e cada golpe me aumenta o prazer. Isto, curva-te agora um pouco, grita, urra! Em mim não encontrarás ponta de piedade.

Mostrou-se cansada, por fim.

Jogou para o lado o chicote, estirou-se na otomana e tocou o sino.

As negras entraram.

- Desatem-no.

Tão logo me desamarram, tombo no chão com um ruído surdo, feito um pedaço de madeira. As mulheres negras riem, mostrando a dentição alvíssima.

- Agora, a corda dos pés!

Fez-se. E pude me levantar.

- Venha até mim, Gregor.

Aproximei-me da bela mulher, que jamais estivera tão sedutora, em sua crueldade, em sua brutalidade.

- Ah, tem mais! - ordenou Wanda - Ajoelhe-se e me beije os pés.

Avança um dos pés sob o debrum de seda branca, e eu, tolo ultra-sensual, vou ao encontro dele com os lábios.

- Bem, agora ficarás sem me ver por um mês inteiro, Gregor - falou, séria -, para que eu te sinta como a um estranho em tua nova posição em relação a mim; durante esse tempo trabalharás no jardim e aguardarás minhas ordens. Agora vai-te, escravo!

Um mês passado na rotina monótona, no trabalho duro, em melancólica nostalgia, nostálgico dela eu me sinto, a mulher que me perpetrou todos aqueles sofrimentos. Sou enviado ao jardineiro, ajudo-o a podar as árvores e os troncos, a transplantar as flores de um lugar para o outro, a cavoucar os canteiros, a varrer os passeios de cascalho, divido com ele a refeição apropriada só mesmo aos paladares grosseiros, divido os leitos duros, acordo e durmo com as galinhas, e de tempos em tempos ouço como a patroa se diverte, adoradores à sua volta, e em uma das vezes o seu riso arrogante chega ao jardim e aos meus ouvidos.

Aos poucos vou me tornando estúpido. Passei a ter esta vida ou já a tinha antes? O mês chega ao fim, depois de amanhã - o que ela haverá de iniciar comigo no próximo, ou será que já me esqueceu e, até o meu bem-aventurado fim, posso resignar-me a cortar troncos e atar ramalhetes?

Uma ordem por escrito:

O escravo Gregor deverá se apresentar pessoalmente a meu serviço.

Wanda Dunajew

Com o coração pulsante, na manhã seguinte eu abro a cortina de damasco e adentro a alcova de minha deusa, ainda a meia luz.

- És tu, Gregor? - perguntou, enquanto eu me ajoelhava diante da lareira e fazia o fogo. Estremeci ao som da voz amada. Ela própria eu não conseguia ver - estava invisível atrás das cortinas da cama de sobrecéu.

- Sim, oh, piedosa - respondi.

- Que horas?

- Passa das nove.

- O café da manhã.

Eu me apresso a buscá-lo e fico de joelhos junto a sua cama.

- Aqui está o café da manhã, minha dona.

Wanda afasta as cortinas. Entre as almofadas brancas, com os cabelos despenteados, tenho dela uma rara visão. A primeira vista ela me parece completamente estranha, uma bela mulher; mas a fisionomia tão amada não está lá - as feições são duras e trazem uma insólita expressão de cansaço e lassidão.

Ou será que até então eu não tivera olhos para isso?

Pousa em mim os olhos verdes, mais curiosos que ameaçadores ou com algo de compaixão. Cobre os ombros nus com a escura peliça de dormir.

Neste momento é tão grande o seu encanto, e tão enlouquecedor, que o sangue me sobe à cabeça e sinto o coração acelerar, a bandeja com o café da manhã começa a tremer. Ela o percebe e apanha o chicote sobre o criado-mudo.

- Tu és desajeitado, escravo - disse, franzindo a testa.

Afundo o olhar no chão e seguro a bandeja tão firme quanto posso. Ela se apodera do café da manhã, boceja e estira a opulência de seus membros sobre a magnífica peliça.

Ela faz soar o sino. Eu entro.

- Esta carta, para o príncipe Corsini.

Apresso-me em direção à cidade, entrego a carta ao príncipe, homem jovem e belo, com ardentes olhos negros, e, dilacerado pelo ciúme, trago a ela a resposta.

- Que se passa contigo? - pergunta, espreitando-me com malícia. - Estás horrivelmente pálido.

- Nada, minha dona. É que vim correndo.

Na hora do almoço o príncipe está ao lado dela, e me vejo condenado a servir a ambos, enquanto ela brinca, e para os dois eu simplesmente não existo. Em um instante tudo escurece a minha volta, estou a servir a taça do convidado com vinho Bordeaux, tremo e deixo cair sobre a toalha e sobre o traje dela.

- Que desastrado! - grita Wanda, e me dá uma bofetada, o príncipe ri, ela também ri, e o sangue me sobe à face.

Após o almoço ela sai para uma volta pelos Cassinos. Ela própria conduz a pequena carruagem, puxada pelos bonitos baios ingleses. Sento atrás e presencio sua coqueteria e seus risos de agradecimento, sempre que saudada por algum cavalheiro importante.

Quando lhe ajudo a descer do carro, ela se ampara levemente em meu ombro, e o contato produz em mim uma

sensação elétrica. Ah! Acima de todas as coisas, a mulher é maravilhosa, e eu a amo cada vez mais.

Pela hora do jantar, às seis, ela recebe um pequeno grupo de damas e senhores. Eu os sirvo, e desta vez não derramo vinho na toalha.

Uma bofetada, realmente, vale mais que dez admoestações, percebe-se rapidamente - sobretudo quando é uma mão feminina, pequena, porém encorpada, que nos dá a lição.

Após o jantar, ela vai ao Teatro Pergola. Ao vê-la descer da escada, no vestido inteiriço preto, com a grande gola de arminho e um diadema de rosas brancas sobre os cabelos, ela está realmente deslumbrante. Abro a portinhola da carruagem, ajudo-a a entrar no carro. Diante do teatro salto da boléia, para subir ela se apóia em meu braço, que se eleva sob o prazeroso fardo. Abro a porta do camarote e fico a aguardá-la no vestíbulo. A apresentação dura quatro horas, durante as quais ela recebe a visita de alguns cavalheiros - lá fora trinco os dentes de raiva.

Passa da meia-noite, e minha dona faz soar o sino uma última vez.

- Fogo - ordena, laconicamente, e, quando a lareira começa a crepitar:

- Chá.

Quando eu retorno com o samovar, ela já está despida, e com a ajuda de uma das negras enfia-se em seu *négligé* branco.

Haydée se distancia.

- Dê-me a peliça de dormir - diz Wanda, já meio sonolenta, esticando os belos membros. Tomo a peliça da cadeira e a seguro, enquanto, lentamente, ela enfia os braços mangas adentro. E se afunda na almofada da otomana.

- Tira-me os sapatos e vista-me com as pantufas.

Eu me ajoelho e puxo um dos pequenos sapatos, que teima em não sair.

- Rápido! Rápido! - grita Wanda. - Assim me machucas. Espera só, eu ainda te adestro.

Golpeia-me com o chicote - e nisso eu caio com o sapato na mão.

- Agora vai-te! - dando-me ainda um pontapé.

Hoje eu a acompanhei a uma recepção. Na antecâmara ela me ordenou que tirasse o seu casaco de pele, e no salão ela adentra com orgulhosa gargalhada, segura de seu triunfo no espaço esplendorosamente iluminado, e de novo eu, hora

após hora, me vejo assolado pelos mesmos pensamentos que só fazem me perturbar. Do lado de fora a música chega até mim, sempre que a porta se abre. Alguns lacaios procuram entabular uma conversa comigo, mas logo desistem, pois falo poucas palavras de italiano.

Acabo adormecendo e sonho que, num furioso acesso de ciúme, assassino Wanda e sou condenado à morte. Vejo-me aferrolhado ao cadafalso, o machado cai, sinto-o em meu pescoço, mas ainda estou vivo.

O carrasco me golpeia na cara.

Não, não se trata do carrasco - é Wanda, furiosa à minha frente, a exigir o casaco de pele. Em um instante já estou com ele e a ajudo a vesti-lo.

É mesmo uma satisfação, envolver uma bela e voluptuosa mulher em suas peles - ver, sentir como seus magníficos braços nus entram na pele deliciosamente suave, como os cachos ondulantes do cabelo se levantam para se assentar sobre a gola, e quando ela o tira, então, o doce calor e um sutil perfume de seu corpo persistem no pêlo dourado da zibelina - sim, é de perder os sentidos.

Finalmente um dia sem convidados, sem teatro, sem sociedade. Respiro aliviado. Wanda senta-se na galeria, está a ler.

Para mim ela parece não ter quaisquer ordens. Ao crepúsculo a neblina argêntea da noite a leva para dentro. Sirvo-lhe o jantar, ela faz a refeição sozinha, mas não me lança olhar algum, não mereço palavra alguma, nem ao menos... Uma bofetada.

Ah! A falta que eu sinto de um golpe vindo de suas mãos.

Sou tomado pelas lágrimas. Sinto quão profundamente humilhado estou, a ponto de ela nem se esforçar para me torturar, cobrir-me de maus tratos.

Mal se recolhe, e de novo soa o sino.

- Esta noite debes dormir comigo. Tive um sonho pavoroso na noite passada, e tenho medo de ficar sozinha. Pegue a almofada da otomana e deita-te na pele de urso, junto a meus pés.

Nisso apagou a lamparina, ficando acesa apenas uma pequena luminária que pendia do teto a alumiar o quarto, e deitou-se.

- E não te mexas, para que não me acordes.

Fiz como ela havia me ordenado, porém já não conseguia dormir; eu via a bela mulher, bela como uma deusa, em sua peliça escura de dormir, de bruços, os braços sob o pescoço, inundados pela cabeleira rubra. Eu ouvia como o busto portentoso oscilava de acordo com a sua respiração, bastando ela se mexer. Desperto e fico à espreita - ela pode precisar de mim. Mas não, ela não precisa.

Eu já não tinha outro dever a cumprir, já não tinha para ela nenhum grande significado - era mais uma lamparina ou um revólver que se traz para junto da cama.

Serei um insensato, ou ela o será? Salta tudo isso de um cérebro engenhoso de mulher, na intenção de ir ao encontro de meus desvarios, ou terá ela na verdade uma natureza como a de Nero, que encontra um diabólico prazer em esmagar sob seus pés, como fossem vermes, homens que pensam, que experimentam e têm suas próprias vontades?

É justamente isso que vivencio.

Quando me ajoelho ante sua cama com a bandeja do café, Wanda de repente põe a mão sobre meu ombro e afunda seus olhos nos meus.

- Que belos olhos tens...- disse mansamente. - Agora tanto mais, enquanto sofres. Estás mesmo infeliz? Deixo pender a cabeça e me calo.

- Severin! Ainda me amas? - gritou, subitamente apaixonada. - Podes ainda me amar? - e me puxou com tal violência que a cama virou, cafeteira, leiteira e xícara tombaram e o café derramou sobre o tapete.

- Wanda, minha Wanda - gritei, e a pressionei fortemente contra mim, cobrindo sua boca, seu rosto, seus peitos com meus beijos. - Eis minha miséria: estar cada vez mais loucamente apaixonado por ti, quanto mais me maltratas, com quão mais freqüência me traís! Ah! Ainda morro de dor e de amor e ciúmes.

- Mas eu ainda nem te traí, Severin... - respondeu Wanda, rindo.

- Não? Wanda! Pelo amor de Deus! Não brinques assim, tão desapiedada de mim. Não fui eu mesmo entregar a carta ao príncipe?

- Não mais que um convite para jantar.

- Desde que chegamos a Florença...

- Eu me mantenho fiel a ti - interrompeu. - Juro por tudo o que me há de mais sagrado. Tudo faço para satisfazer aos teus desvarios, só me importando contigo.

- Mas eu vou, sim, arranjar um adorador para mim, ou a coisa fica pela metade, e ao final me repreenderás por eu não ter sido suficientemente cruel para contigo. Meu querido e belo escravo! Hoje deves ser de novo e ainda uma vez Severin, deves ser tão-somente o meu amado. Ainda não passei tuas roupas, tu as podes encontrar na caixa, vista-te, como quando estávamos na pequena estação balneária dos Cárpatos, onde

nos amamos tanto. Esqueça tudo o que aconteceu desde então, ah, esquecer-te-ás facilmente de tudo estando em meus braços, eu te beijo e todas as tuas aflições vão embora.

Começou a mimar-me feito uma criança, a beijar-me, a acariciar-me. Ao final me pediu, com um sorriso doce:

- Vista-se, agora, enquanto eu faço a minha *toilette*. Devo pegar meu casaco de pele? Ah, sim, sei que devo, agora vai-te!

Quando voltei, ela estava em seu vestido de seda branca, a *kazabaika* forrada de arminho, o cabelo empoado de branco, um pequeno diadema de brilhantes sobre a testa, de pé, no meio do quarto. Um momento, e me veio a lembrança Catarina II, que me inquietava, mas Wanda não me deixou lembrar, puxou-me para si na otomana e ali passamos duas horas venturosas: já não era a dona forte e caprichosa, era tão somente a dama que primava pela elegância, a amante delicada. Mostrou-me fotografias, livros que acabavam de vir a público, e falou-me sobre eles com tanto espírito, clareza e tanto gosto, que acabei por puxar suas mãos em direção aos meus lábios. Então leu-me algumas poesias de Lermontov, e quando eu estava bem diante da lareira, pousou as mãos pequenas amorosamente sobre as minhas; uma doce satisfação pairava em suas feições suaves, em seu olhar afável:

- Estás feliz?

- Ainda não.

Deitou novamente na almofada e abriu lentamente a *kazabaika*.

Eu, rápido, tornei a descer o arminho sobre o seu peito. - Me deixas louco - balbuciei. - Então vem.

Já em seus braços, ela com a língua como se fosse uma serpente, sussurrou ainda uma vez:

- Estás feliz?

- Infinitamente feliz - respondi.

Ela riu. Era um riso perverso e visceral, que me tomou friamente de sobressalto.

- Antes sonhavas, tu, escravo, ser o brinquedo de uma mulher bonita. Agora já te imaginas um homem livre, ser meu amado, tolo que és! Um aceno meu, e tornas-te novamente meu escravo. - De joelhos!

Desci da otomana a seus pés, meus olhos pensos nos seus e ainda hesitantes.

- Ah, não acreditas? - disse, encarando-me com os braços cruzados sobre o peito. Eu me entedio, e até que és suficientemente bom, para me fazer passar o tempo, durante algumas horas. Não me olhes assim...

Empurrou-me com o pé.

- És bem o que eu quero - pessoa, coisa, animal.

E dizendo-o, fez soar o sino. Entraram as negras.

- Amarrem-lhe as mãos por trás das costas.

Permaneci ajoelhado e mantive a calma, permitindo que o fizessem. Então conduziram-me ao jardim, até uma pequena vinha, que lhe fazia limite ao sul. Entre os vinhedos cultivava-se o milho, aqui e ali sobressaíam ainda alguns arbustos ressequidos. Mais além havia um arado.

As negras ataram-me a um poste e começaram a se divertir picando-me com seus grampos de cabelo dourados. Logo chegou Wanda, a toca de arminho à cabeça, as mãos nos bolsos do casaco, deixou que me soltasse e, braços atados às costas, com uma canga atrelada ao meu pescoço, fez-me puxar o arado.

O endiabrado trio de negras empurrou-me ao acre, uma conduzindo o arado, a outra o cordão, a terceira me açoitando com o chicote, enquanto a Vênus das Peles ficava de parte e a tudo contemplava.

Quando, no dia seguinte, eu servia o jantar, Wanda me disse:

- Traz talheres também para ti, hoje tu jantas comigo.

E, quando quis tomar lugar na frente dela:

- Não, do meu lado, bem pertinho.

Ela está de bom humor, dá-me sopa na boca de sua própria colher, pousa a cabeça na mesa feito uma felina brincalhona e se mostra coquete comigo. Por infelicidade, olho um pouco mais para Haydée, que sempre me trazia o prato -, observo-a talvez mais do que seria necessário; agrada-me o formato de seu rosto, nobre, quase europeu, o busto magnífico, quase o de uma estátua, como cinzelado em mármore preto. A bela diaba percebe que me agrada e me arreganha os dentes. Mal ela deixa o cômodo, e Wanda explode de raiva.

- Quê?! Ousas olhar para outra mulher diante de mim?! Ela deve mesmo te agradecer mais que eu, é ainda mais demoníaca!

Tremo de medo. Jamais a vira assim, subitamente pálida até os lábios, em sobressalto o corpo todo - Vênus das Peles com ciúme de suas escravas - tira o chicote do rosto e com ele me sapeca o rosto. Chama então as criadas negras, deixa que me amarrem e me arrastem ao porão, onde me lançam a uma cova escura, um antigo calabouço.

Desce a porta no castelo, o ferrolho é empurrado, ouço o ruído de chaves. Estou aprisionado, enterrado.

Fico ali nem sei bem por quanto tempo, amarrado feito um bezerro, a ser conduzido ao matadouro, junto a um feixe de palhas úmidas, sem luz, sem comida, sem o que beber e sem sono - já ela está de todo regalada e me deixa passar fome, como se já não o tivesse feito com o frio. O frio me enregela. Ou será a febre? Creio, acho que começo a odiar essa mulher.

Uma tira vermelha como sangue empapa-se no chão - é luz, que entra pela porta, que agora está aberta.

Wanda aparece no limiar, envolta em sua pele de zibelina, e me alumia com uma tocha.

- Ainda vives? - pergunta.

- Vieste para me matar? - respondo, a voz extenuada e rouca.

Com dois passos rápidos Wanda se aproxima do ponto onde estou entocado, ajoelha-se a meu lado e me toma a cabeça em seu colo:

- Estás doente. Como teus olhos estão em brasa... Ainda me amas? Quero que me ames.

Nisto, saca um pequeno punhal, e de pronto estremeço ao brilhar da lâmina: ela vai me matar. Mas não: ri e corta as cordas que me servem de amarras.

Agora me deixa cear com ela todas as noites, fazemos leituras e juntos discutimos sobre todas as questões e assuntos. Já parece completamente transformada, como que envergonhada da selvageria que me fez, da crueldade com que me tratou. Seu ser se ilumina em tranqüila mansidão, e quando dá a mão para despedir-se, vejo em seus olhos aquela violência ultra-sensual de bondade e amor, que em nós se desencadeia, pela qual esquecemos todos os sofrimentos da existência e todos os pavores da morte.

Estou a ler para ela *Manon Lescaut*. Sim, ela entende a associação e não diz palavra. Apenas ri de tempos em tempos, e ao final fecha o pequeno livro.

- Não quer mais a leitura, piedosa senhora?

- Hoje não. Vamos brincar de Manon Lescaut. Tenho um encontro nos Cascinos, e o senhor, meu querido cavaleiro Des

Grioux, irá me acompanhar. O senhor o fará, não é? - A senhora manda.

- Eu não mando, eu lhe peço - diz ela com um encanto de amor indescritível, põe as mãos sobre meus ombros e olha para mim. - Esses olhos! - exclama. - Eu te amo tanto, Severin, nem sabes quanto eu te amo...

- Sim - respondi amargamente. - E tanto, a ponto de marcar um encontro com outro.

- Só o faço para te excitar - respondeu, vivaz. - Devo ter adoradores, para que eu não te perca, eu não quero jamais te perder, nunca, ouviste bem, pois eu amo a ti e a ti somente.

Deixou-se pender amorosamente em meus lábios.

- Oh! Se eu pudesse, como eu queria dar-te a minha alma - assim - mas agora venha.

E enfiou-se em um paletó simples, inteiro, e cobriu a cabeça com uma *baschlik*¹⁴ de cor escura. Entrou rapidamente por uma galeria e subiu em uma carruagem.

- Gregor irá me conduzir - disse ao cocheiro, que se recolheu, admirado.

Subi na boléia e chicoteei raivosamente os cavalos.

Já nos Cascinos, lá onde a alameda central se converte em espesso caramanchão, Wanda desceu. Era noite, e brilhavam apenas algumas estrelas esparsas por entre as nuvens acinzentadas, espalhadas pelo céu. Junto ao Arno punha-se um homem de capa escura e um chapéu de abas - parado, ele contemplava as vagas amarelas. Wanda foi

¹⁴ Espécie de capuz reforçado com tiras laterais de pano ou de pele, que podem pender do pescoço ou cobri-lo como um xale. [N. do T.]

rapidamente ao seu encontro: passou por uns arbustos e tocou-lhe o ombro. Ainda pude ver, como ele se virou para ela e pegou em sua mão - antes de sumirem pelo bosque verdejante.

Foi uma hora tormentosa. Até que ouvi sussurros vindos das folhagens - voltavam.

O homem a acompanhou até a carruagem. O farol caiulhe em cheio no rosto incrivelmente jovem, suave, perpassado por uma expressão marcada por um arrebatamento entusiástico como eu jamais vira, diga-se, fazendo-se emoldurar por uma cabeleira encaracolada e loura.

Estende a mão para ele, que a beija respeitosamente. Então me faz um sinal, e num instante a carruagem toma o caminho de uma avenida arborizada, que se estende diante de nós como um tapete.

Alguém a chama ao portão do jardim. Reconheço a fisionomia - é o homem dos Cascinos.

- A quem devo anunciar? - pergunto em francês. O interlocutor negaceia com a cabeça, revelando um ar embaraçado.

- Talvez... O senhor entende algo de alemão? - perguntou timidamente.

- Sim, sim. Então eu lhe pergunto o seu nome.

- Ah, infelizmente não tenho nome - e continuou embaraçado. - Diga a sua patroa que o pintor alemão dos Cascinos esteve aqui e perguntou por ela - mas vejo que ela já vem. Conduzo o pintor até a escada.

- Eu agradeço... Agora já sei o caminho. Muito, muito obrigado - e foi-se, ganhando os degraus. Fiquei lá embaixo acompanhando com os olhos o pobre alemão, sentindo por ele um profundo pesar.

Vênus das Peles aprisionou sua alma nos cachos vermelhos de seu cabelo. Ele a pintará e enlouquecerá.

Em um ensolarado dia de inverno, o sol brilha como ouro nas folhas de um grupo de árvores, no tracejado verde do gramado. Aos pés da galeria, as camélias abrem-se em esplêndidos botões. Wanda está sentada na *loggia* e desenha, enquanto o pintor alemão está à sua frente, mãos cruzadas, como em uma prece, e olha para ela, não, olha o seu rosto, demonstra total embriaguez em seu olhar, absorto.

Já ela não o vê, e tampouco a mim, enquanto estou a cavoucar com a pá o canteiro de flores, só para vê-la, sentir sua proximidade, que tem para mim o efeito de música, de poesia.

O pintor sai. Pode ser um ato atrevido, mas sim, eu me atrevo: entro na galeria, chego bem perto de Wanda e pergunto:

- Estás apaixonada pelo pintor, minha dona?

Olha para mim sem me repreender, sacode a cabeça, chegando mesmo a rir.

- Tenho pena dele - responde. - Amar, não o amo. Não amo ninguém. Eu te amei, de maneira tão íntima, tão apaixonada e profunda, como só eu poderia amar, mas agora nem a ti eu amo mais, meu coração encontra-se deserto, morto, o que me deixa melancólica.

- Wanda! - dolorosamente exclamo.

- Também tu logo não mais me amarás - prossegue -, quando chegar a esse ponto me avise, que tornarei a te dar a liberdade.

- Então permaneço minha vida inteira como teu escravo, pois a ti imploro e vou sempre te adorar - eu disse, tomado por aquele fanatismo de amor que reiteradas vezes assinalava a minha ruína.

Wanda contemplou-me com rara satisfação.

- Pensa bem - disse ela. - Eu te amei infinitamente e fui despótica para contigo, para satisfazer a teus desvarios, e agora por ti ainda acalento em meu peito aquela espécie de afável sentimento, de real simpatia. Quando tudo isso for página virada, quem sabe, quem sabe se não te liberto, ou se não serei realmente cruel contigo, impiedosa e brutal, quem sabe se não sentirei uma diabólica alegria, sendo indiferente a ti ou amando a outro homem, que me idolatre, pondo-me a atormenta-lo, a torturá-lo e vê-lo morrer de amor por mim. Pensa bem!

- Já pensei muito em tudo isso - respondi, com ardor febril. - Não posso ser, não posso amar sem ti; eu morro, se me dás a liberdade, deixa-me ser teu escravo, mata-me, só não me afaste de ti.

- Bem, sê então meu escravo - respondeu. - Mas não esqueças de que eu não te amo mais, e que por isso teu amor já não tem valor pra mim. O que me vem de ti é como de um cão - e cães nós tratamos a pontapés.

Hoje visitei a *Vênus de Médici*.

Já não era sem tempo. O salão octogonal da tribuna estava, como um santuário, envolvido em doce luminosidade crepuscular, e eu ali fiquei, as mãos juntas, em introspecção profunda ante a calada imagem da deusa.

Não permaneci por muito tempo.

Ainda não havia ninguém na galeria, nem um inglês sequer, e lá estava eu de joelhos, a contemplar, com os olhos siderados, o corpo esguio e gracioso, os peitos a aflorar, o rosto a um só tempo virginal e voluptuoso, os cachos perfumados, que pareciam avolumar-se em pequenas cornetas de ambos os lados da cabeça.

Soa o sino da soberana.

É meio-dia. Ela ainda está na cama, braços cruzados sob a nuca.

- Vou tomar banho - diz. - E tu vais me servir. Fecha a porta.

Obedeci.

- Agora desça e certifique-se de que lá embaixo está tudo trancado.

Desci a escada em caracol que conduz à alcova e à sala de banho, pisei em falso e tive de me apoiar no corrimão de ferro. Tendo encontrado fechadas as portas que davam para a *loggia* e para o jardim, voltei. Wanda estava sentada na cama com os cabelos soltos, sobre o traje de pele e veludo verde. Um ligeiro movimento seu, e eu percebi que não vestia nada mais, e, sem saber o porquê, fui tomado de um medo pavoroso, como o de um condenado à morte, que ao deparar com o cadafalso à sua visão já começa a tremer.

- Vem, Gregor - e me pegou pelo braço.

- Pois não, minha dona?

- Deves me levar, não entendes?

Eu a levantei, tomei-a nos braços, enquanto ela me rodeava o pescoço com os seus, e ao descer lentamente as escadas, degrau após degrau, vez por outra o seu cabelo me roçava a face e seu pé apoiava-se lentamente em meu joelho, e eu estremecia sob aquele belo fardo e pensava que a qualquer momento, junto com ela, eu viria a baixo.

A sala de banho ocupava um cômodo redondo, amplo e elevado, que recebia uma luz suave e branda a passar através de uma cúpula de vidro. Duas palmeiras espalhavam suas folhas oblongas compondo um teto verde sobre um leito almofadado,

eram vermelhas, de veludo, e dele partiam degraus cobertos por tapetes turcos, que conduziam à banheira de mármore posicionada no centro.

- Lá em cima, em meu criado-mudo, há um livro de capa verde -, disse Wanda, enquanto eu a deixava na espreguiçadeira. - Traga-o, e traga-me também o chicote.

Subi as escadas e de volta, ajoelhando-me, depus um e outro nas mãos de minha soberana, que me fez reunir o seu cabelo elétrico em um grande coque e atá-lo com uma fita de veludo esverdeado. Então, preparei o banho, e me vi bastante desajeitado ao fazê-lo, pois meus pés e mãos recusavam obedecer-me. Todas as vezes em que contemplava a bela mulher, deitada sobre as almofadas de veludo vermelho, e cujo gracioso corpo de tempos em tempos, aqui e ali, reluzindo entre a peliça escura, eu era obrigado a contemplar - era obrigado, pois tal não era minha vontade, impelia-me um poder magnético - e experimentava como toda voluptuosidade, e toda concupiscência residem tão-somente no semidescoberto, no despido de modo atraente, e compreendi-o tanto melhor quando a banheira por fim estava cheia, e Wanda, com um único movimento, livrou-se da capa de pele, e se pôs ante mim feito uma deusa na tribuna.

Nesse momento pareceu-me tão sagrada em sua beleza desvelada, e tão casta, que eu, como outrora diante das deusas, caí de joelhos à sua frente e pressionei piamente os meus lábios em seus pés.

A minha alma, prisioneira, havia pouco, de selvagem adoração, de repente se pôs tranqüila, e Wanda já nada representava de cruel para mim.

Desceu lentamente os degraus, e eu pude, com alegria tranqüila, a que não se mesclava o menor átimo de nostalgia ou sofrimento, contemplar o modo como assomava e submergia no fluido cristalino, o modo como as ondas, que ela própria provocava, também estas lhe abordavam apaixonadamente.

O nosso esteta niilista tem razão em uma coisa: a maçã verdadeira é mais bela que uma pintada, e um corpo vivo é mais belo que uma Vênus de pedra.

E ao sair do banho, as gotas prateadas e o rosáceo da luz rasgavam-lhe o corpo abaixo, e fui invadido por um êxtase mudo.

- E por que não? - perguntei. - Não ficaria orgulhoso todo e qualquer artista se tu lhe permitisse eternizar com o pincel?

- Pensar que essa beleza excepcional - continuei, contemplando-a com entusiasmo -, pensar que esta esplêndida imagem do rosto, esses olhos raros, de um fogo verde, a cabeleira demoníaca, essa magnificência de corpo possam ficar perdidos para o mundo, pensá-lo nos causa espanto, e se apodera de mim com todo o pavor da morte, da aniquilação; mas a mão do artista deve te arrancar de tudo isso; não deves, como nós, se subordinar completamente, sem deixar de tua existência um vestígio. Tua imagem deve viver quando estiveres em pó desfeita, tua beleza deve triunfar sobre a morte!

Wanda riu e disse:

- Pena que os italianos já não tenham um Rafael, um Ticiano... Quem sabe não substitua o amor ao gênio o nosso alemãozinho? - E se pôs a pensar.

- Sim - ele deve me pintar - e cuidarei para que o cupido misture as cores.

O jovem pintor estabeleceu o seu ateliê na *villa*, e isto significa: ele caiu na armadilha. Chegou a dar início a uma Madonna de cabelos vermelhos e olhos verdes. Dessa mulher voluptuosa compor a imagem de uma virgem - só mesmo o idealismo de um alemão seria capaz de tal coisa. O pobre rapaz se põe quase tão bobo e tão asno quanto eu. Nossa infelicidade está em a Titânia ter descoberto nossas orelhas de asno cedo demais.

Agora se ri de nós, e quando ri eu lhe ouço o riso arrogante e melodioso no estúdio do alemão, ao pé da janela aberta, onde eu me posto e perscruto, ciumento.

- O senhor está louco?! Ah! É inacreditável, eu como virgem-mãe-de-Deus! - grita e desata a rir. - Espere só, vou lhe mostrar outro quadro, feito por mim, um quadro que eu mesma pintei. O senhor deve copiá-lo.

A sua cabeça apareceu na janela, rodeada de raios de sol.

- Gregor!

Subi rapidamente os degraus, passei pela galeria, chegando ao ateliê.

- Leva-o à sala de banho - ordenou Wanda, enquanto ela própria se apressava.

Instantes depois chegou Wanda, vestida apenas com a pele de zibelina, chicote na mão, e estirou-se como antes sobre as almofadas de veludo. Deitei a seus pés, pôs um deles sobre mim, a mão direita brincava com o chicote.

- Veja-me - disse -, com um olhar profundo e fanatizado - assim, assim está bem.

O pintor ficou incrivelmente pálido. Olhava a cena com seus belos olhos azuis, tomados de arrebatamento, seus lábios se entreabriram, mas permaneceu calado.

- E então? O quadro agrada ao senhor?

- Sim - e é assim que irei pintá-lo - disse o alemão, mas não o disse propriamente com palavras. Sua voz fazia mais um gemido loquaz, era como o choro de um doente, de uma alma enferma, agonizante.

O esboço com carvão está pronto, as cabeças e carnes devidamente sombreadas, o seu rosto diabólico assoma-se já em alguns traços destemidos, os olhos verdes já ganham vida.

Wanda está de pé, braços cruzados diante da tela.

- A exemplo de muitas obras da escola veneziana, este quadro será ao mesmo tempo um retrato e um assunto histórico - explica o pintor, e continua com uma palidez de morte.

- E como o senhor quer chamá-la? - pergunta ela - Mas... que tem o senhor, está doente?

- Temo... - responde ele, mas com os olhos devorando a bela mulher envolta em peles -, mas falemos sobre o quadro...

- Sim, falemos sobre o quadro.

- Eu penso na deusa do amor, descida do Olimpo, indo ao encontro de um homem mortal, tremendo de frio nesta terra moderna, e procurando aquecer o corpo augusto em uma pele grande e pesada, os pés no regaço do amado; penso no escolhido de uma forma despótica, que quando se cansa de fustigar o seu escravo se põe a beijá-lo - é que por ele tanto mais é amada quando mais o espezinha. Eis a razão pela qual chamarei ao quadro "Vênus das Peles".

O pintor faz o seu trabalho lentamente. O fervor é cada vez maior. Temo que ele dê cabo de sua vida. Ela brinca com ele e lhe propõe um enigma, que ele não consegue resolver, o sangue lhe sobe, ela se diverte com isso.

Enquanto posa para ele, vai-lhe um bombom aqui, outro ali, de cujos invólucros faz bolinhas de papel e se compraz em atirá-las na sua direção.

- Agrada-me o fato de vê-la assim tão bem disposta, cara senhora - diz o pintor. - Mas o seu rosto perdeu aquela

expressão, justamente a de que o meu quadro precisava.

- Aquela expressão, de que o seu quadro precisava - respondeu, rindo. - Só um minuto de sua paciência...

Levantou-se e aplicou-me um golpe de chicote: o pintor olhou para ela estarrecido, e seu rosto foi tomado por um assombro infantil, misto de horror e surpresa.

Enquanto ela me flagela, o rosto de Wanda cada vez mais adquire o caráter cruel, brutal, que tão insolitamente me deleita.

- É esta a tal expressão, de que seu quadro precisa? - O pintor baixa os olhos, confuso, ante a radiação fria emitida por seus olhos,

- E a expressão - balbucia -, mas já não posso mais pintar.

- Como? - disse Wanda com escárnio. - E eu não poderia ajudá-lo?

- Sim... - grita o alemão, em pura demência - Açoita-me também.

- Ah! Com prazer - responde, dando de ombros. - Mas quando pego do chicote, é a sério que o faço.

- Açoita-me até a morte - grita o pintor.

- Também o senhor quer se amarrar a mim? - ela pergunta, rindo.

- Sim - ele suspira.

Por alguns instantes Wanda deixa o aposento. Retorna com uma corda.

- Então... o senhor ainda tem vontade de se dar na palma da mão da Vênus das Peles, a bela despótica e impiedosa? - retomou, agora com ar zombeteiro.

- Ata-me - respondeu o pintor, num tom abafado.

Wanda amarra-lhe as mãos, passa-lhe uma corda pelos braços e uma segunda em volta do corpo, atando-o ao caixilho da janela. Despe-se da peliça, toma do chicote e aproxima-se do alemão.

Para mim a cena era provida de um terrível encanto, que eu não posso descrever. Eu sentia o meu coração bater, enquanto, rindo, ela desferia o primeiro golpe e o chicote sibilava no ar, e, sob ele o pintor tremia de leve com a boca entreaberta, de modo que os dentes brilhavam entre os lábios vermelhos. Wanda soltou a mão, até que ele, com enternecedores olhos azuis, parecia lhe pedir piedade - uma cena indescritível.

Agora está sentada sozinha. Pinta-lhe o alemão, detém-se na parte da cabeça.

Ordenou que eu ficasse no quarto ao lado, atrás de uma pesada cortina, onde eu nada pudesse ver, mas eu vejo tudo. Que se passa?

Teria ela medo dele? Já o deixou suficientemente doido, ou prepara novas torturas para mim? Sinto meus joelhos fraquejarem.

Falam ao mesmo tempo. Ele abafa a voz de tal maneira que nada posso entender, e ela responde da mesma forma. Que significa isso? Estarão de acordo?

Sofro terrivelmente, meu coração parece a ponto de explodir.

Agora o pintor, ajoelhado, abraça-a e descansa a cabeça em seu peito, e ela, cruel, ri - e ouço-a dizer em voz alta.

- Ah! Então o senhor precisa novamente do chicote?!

- Mulher! Deusa! Não tens coração, não és capaz de amar - brada o alemão. - Alguma vez tu soubeste o que significa amar, compungir-se de paixão a um sentimento nostálgico? Podes em algum momento imaginar quanto sofro? Tens piedade de mim?

- Nenhuma - responde, orgulhosa e escarnekedora -, tenho o chicote, este, sim.

E rapidamente o saca do bolso do casaco e com seu cabo golpeia o alemão no rosto. Ele se levanta e dá alguns passos para trás.

- Agora pode continuar a pintar? - pergunta, indiferente. Ele não responde, mas volta ao cavalete e retoma pincel e palheta.

Ela fica maravilhosamente bem no retrato. Ele procura reproduzir suas feições tais e quais e ao mesmo tempo parece um ideal: eu poderia dizer que as cores estão ali tão ardentes, tão sobrenaturais e diabólicas. Na verdade o pintor impingiu no retrato o seu tormento, a sua adoração e o quanto estava amaldiçoado.

Agora ele está a pintar a mim, e todos os dias passamos algumas horas sozinhos. Hoje de súbito virou-se para mim, e perguntou-me em tom vibrante:

- O senhor ama a essa mulher?

- Sim.
- Eu também. E seus olhos se encheram de lágrimas. Ficou calado durante um tempo e continuou a pintar.
- Na Alemanha temos uma montanha; e nessa montanha ela habita - murmurou de si para si. - É uma demônia.
O quadro está pronto. Ela quis pagar por ele. Magnânima como uma rainha.
- Ah! Ela já me pagou - disse o pintor recusando, com um riso de dor.
E antes de eu partir, estranhamente ele me abre a carteira e me deixa ver o que lá está. O rosto de Wanda, vívido como em um espelho.
- Este fica comigo - disse ele. - É meu e ninguém tira, foi bem difícil consegui-lo.

- Eu realmente sinto pena do pobre pintor - disse hoje para mim. - É uma tolice ser tão virtuosa como eu sou. Não achas?

Não ousei responder.

- Ah, esqueci que estou falando com um escravo. Tenho de sair, distrair-me, quero esquecer.

- Rápido! Minha carruagem!

Mais um traje fantástico: um par de botinas russas de veludo violáceo com forro de arminho, o vestido, também ele de veludo, adornado com estreitas tiras e detalhes a revelar o mesmo trabalho feito em pele; um paletó curto e bem ajustado, orlado e revestido de arminho; uma toca alta, ainda uma vez a pele de arminho, ao estilo de Catarina ii, com um pequeno penacho preso com um broche de brilhantes. O cabelo vermelho solto a lhe cair pelas costas. Foi assim que Wanda subiu na boléia e fustigou ela própria os cavalos. Tomei lugar atrás - ela sabe chicotear os cavalos como ninguém! E o coche parece voar.

Hoje é evidente que chamará a atenção de todos. Está a própria loba dos Cascinos. Recebe saudações vindas de outras carruagens; nos passeios de pedestres formam-se grupos que dela tecem comentários. E no entanto não há quem seja notado por ela; aqui e ali um velho cavalheiro a saúda, e a resposta vem com um leve aceno de cabeça.

De repente surge um homem jovem, cavalgando um elegante e soberbo morzelo; tão logo Wanda se lhe depara, faz desacelerar o cavalo - o jovem já está bem perto -, detém-se e a faz passar à frente, e então olha para ele - os olhos da leoa e do leão se encontram, e quando Wanda passa não consegue resistir ao poder mágico - volta o olhar.

Meu coração pára quando o faz. Ela o devora, em parte com espanto, em parte com arrebatamento - e não era para menos.

Não há dúvida de que Deus lhe concedeu a beleza. Mais do que isso, ele é um homem, em carne e osso, como eu até então jamais tinha visto. Parece um belvedere de mármore, com a mesma musculatura esguia, porém de aço, o mesmo rosto, os mesmos cabelos cacheados e, o que lhe caía tão bem, não usava nenhuma espécie de barba. Se fosse mais torneado de quadris, poder-se-ia torná-lo por uma mulher disfarçada, e a boca em traços tão raros, os lábios de leão, nos quais se entrevia os dentes, emprestando ao rosto algo de momentaneamente cruel.

Um Apolo a esfolar vivo o sátiro Marsias.

Ele usa botas pretas de cano alto, calças bem justas de couro branco, uma túnica de militar, do tipo como o usado pelos oficiais da cavalaria italiana, de tecido preto revestido de astracã, e uma rica passamanaria. Os cabelos pretos, seguros por um fez vermelho.

Agora entendo o Eros masculino, e muito me admira Socrates, que permaneceu virtuoso ante um certo Alcibiades.

Eu jamais vira a minha loba tão excitada. Suas faces ardiam quando desceu da carruagem tendo à frente as escadarias da *villa*, e foi ganhando seus degraus com um aceno soberano e imperioso.

A passos largos, de um lado para o outro de sua alcova, apressada, começou com um ódio que me fez temer.

- Obterás informações do homem que estava nos Casemos ainda hoje, quanto antes. Ah, que homem! Viste? Que me dizes? Fala!

- O homem é bonito - respondi com apatia.

- Ele é tão bonito... - ela se deteve e amparou-se no espaldar de uma cadeira -, é belo, de uma beleza de tirar o fôlego.

- Percebi a impressão que ele te causou - respondi. E o desvario me percorria como um calafrio selvagem. - Eu próprio fiquei sem chão... Posso imaginar...

- Podes imaginar...- e riu-se -, que este homem é meu amante, que ele te chicoteia, e que é um prazer para ti ser chicoteado. Agora vá, vá...

Antes que anoitecesse, consegui as informações.

Ainda estava com a roupa de sair, quando voltei. Wanda refestelava-se na otomana, o rosto afundando nas mãos, o cabelo eriçado, feito a juba vermelha de um leão.

- Como se chama? - perguntou, com tranqüilidade sombria.

- Alexis Papadopolis.

- Um grego, então.

Assenti.

- Muito jovem?

- Pouco mais do que tu. Parece que estudou em Paris e é tido por ateu. Combateu em Candia contra os turcos e ali se notabilizou tanto por seu ódio racial e crueldade como por sua bravura.

- Tudo o que de melhor um homem pode ter - ela disse, com um brilho nos olhos.

- Vive atualmente em Florença - prossegui. - É riquíssimo, pelo que dizem.

- Isso eu não lhe perguntei - interrompeu-me de pronto, e cortante.

- O homem é perigoso. Não o temes? Tenho medo dele. Tem mulher?

- Não.

- Amante?

- Tampouco.

- Em que teatro ele costuma ir?

- Esta noite ele vai ao Teatro Nicolini, onde se apresentam os geniais Virginia Marini e Salvini, este o maior cantor vivo da Itália, quiçá de toda a Europa.

- Providencie-me um camarote, rápido, rápido! - ordenou.

- Mas minha dona...

- Queres provar do chicote?

- Podes esperar na platéia - disse ela, enquanto eu colocava o binóculo e o programa no peitoril do camarote e, até mesmo, o tamborete para que descansasse os pés.

Saio e fico escorado à parede, para não tombar de ciúme e raiva - não, raiva não seria a palavra: angústia de morte.

Eu a vejo no camarote, em seu vestido azul de *moiré*, com a grande manta de arminho sobre os braços nus, bem diante dele. Vejo como se devoram com os olhos, como, para eles o dia de hoje, o palco, *Goldonis Pamela*, Salvini, a Marini, o público, o mundo, tudo isso é passado e não existe - e eu, que serei eu neste momento?

Hoje ela vai ao baile do embaixador grego. Saberá que eu por lá a procuro?

Vestiu-se de acordo. Um pesado vestido de seda verde marinha contorna-lhe as formas divinas e mostra-lhe busto e braços descobertos; nos cabelos, que se juntam a um coque flamejante, no qual floresce um nenúfar branco, com algumas tranças soltas a lhe cair pelo pescoço. Nenhum vestígio de excitação, daquele estado febril, intenso, que lhe estremece todo o seu ser. Ela está calma, tão calma que faz o meu sangue congelar, e sob o seu olhar o meu coração esfria. Lentamente, com cansada e pesada majestade, sobe os degraus de mármore, deixando arrastar a preciosíssima capa e adentra indolentemente o salão - a fumaça de um sem-número de velas o deixa repleto de uma neblina cor de prata.

De um momento para o outro, perco-a de vista, e então recolho a pele, que, sem que eu tivesse me dado conta, havia me escorregado das mãos. Ainda está quente de seus ombros.

Beijo a peça de vestuário, e lágrimas me vêm aos olhos.

É ele.

Em seu jaquetão preto sobejamente revestido de zibelina escura, revela-se um déspota belo e petulante, que brinca com as vidas e almas das pessoas. Encontra-se na ante-sala, olha em volta com soberba, e seus olhos param sombria e demoradamente em mim.

Sob o seu olhar de ferro sou de novo tomado por aquela terrível angústia de morte, pressentimento de que esse homem a cativa, a fascina, pode submetê-la, e tenho um sentimento de vergonha ante aquela masculinidade selvagem, de inveja, de ciúme.

Um espírito humano deveras fraco e confuso, é como eu me sinto. E o que é mais infame: eu gostaria de odiá-lo, mas não consigo. E como sucede que, também ele em relação a mim, reconheceu-me em meio a uma legião de criados?

Faz para mim um inigualável aceno, movimento de cabeça, e eu - contra a minha vontade - me aproximo.

- Toma a pele - ordena calmamente.

A indignação me faz tremer de corpo inteiro, mas obedeco, submisso como um escravo.

Espero a noite inteira na ante-sala, em um fantasiar febril. Imagens insólitas passam fluando ante meus olhos, e vejoos quando se encontram - o primeiro prolongado olhar - eu a vejo levitando pelo salão, as pálpebras quase a fechar, repousada no peito dele - eu o vejo em um santuário de amor, não como escravo, mas como dono e senhor, deitando na otomana e tendo-a a seus pés. Vejo-me servindo-o de

joelhos, a bandeja do chá tremulando em minha mão, e ele já estendendo a sua para o chicote. Agora a criadagem se põe a falar dele.

É um homem feito mulher. Sabe que é bonito e comportase como tal: muda de roupa de quatro a cinco vezes por dia, como se fosse uma frívola cortesã.

Certa vez, em Paris, apareceu em trajes femininos, e os homens o assediavam, enviando-lhe cartas de amor. Um cantor italiano, famoso tanto por sua arte como pelo temperamento apaixonado, chegou a ir até sua casa importuná-lo, e se pôs diante dele de joelhos, ameaçou tirar a própria vida caso ele não atendesse à sua paixão.

"Lamento - teria respondido, rindo -, gostaria de aceder à sua satisfação, mas nada o impede de executar a sua sentença de morte, afinal sou um homem."

O salão se esvazia a olhos vistos - e no entanto ela não dá quaisquer mostras de querer ir embora.

O alvorecer se anuncia por entre as persianas.

Por fim, Wanda farfalha o pesado vestido, que a envolve como uma onda verde, e passo a passo avança em sua direção - vai dirigir-lhe a palavra.

Para ela já quase nada sou no mundo; já não se dá ao trabalho de me ordenar coisa alguma.

- A capa de madame - ele ordena, e naturalmente não lhe passa pela cabeça a idéia de servi-la.

Enquanto a envolvo com a pele, ele está parado de braços cruzados perto dela. Já Wanda, enquanto fico de joelhos calçando-lhe as botas de proteção, ampara a mão levemente em meu ombro e pergunta:

- E então, como foi com a leoa?

- Se o leão, que ela escolhe, que ela ama, é atacado por outro -, esclarece o grego -, a leoa se estende calmamente a contemplar a luta, e se seu marido fica de baixo ela não o ajuda - observa-o impassível sob as garras do contendor, deixa-o se esvaír em sangue e segue o vencedor, o mais forte - tal é a natureza da mulher.

Neste momento a leoa me olha rápida e expressivamente.

Estremeço, sem saber o porquê, e a luz vermelha do alvorecer embebe de sangue, a mim, a ela, a ele.

Em casa ela não se deitou - apenas tirou o vestido de baile e soltou o cabelo. Depois me ordenou que fizesse o fogo, sentou-se à lareira e ficou a contemplar as brasas.

- Ainda algo em que eu possa lhe ser útil, minha dona? - perguntei, e a voz me faltou nas últimas palavras.

Wanda sacudiu negativamente a cabeça.

Deixei o aposento, atravessei a galeria e assentei-me nos degraus que, descendo, conduziam ao jardim. Do Arno vem uma brisa, uma lufada de ar fresco e úmido, e ao longe se erguem as colinas verdes, um vapor dourado paira pela cidade e pela cúpula redonda do Domo.

No pálido azul do céu reluzem ainda algumas estrelas. Tiro o meu casaco e pressiono a fronte ardente contra o mármore. Tudo o que até agora aconteceu me parece um jogo de criança; a partir de agora o que há de sério, de espantosamente sério.

Temo uma catástrofe, vejo-a diante de mim, posso tocá-la com as mãos, porém me falta a coragem de ir ao seu encontro - minhas forças estão alquebradas. E para ser sincero, não são as dores, o sofrimento, que vieram se abater sobre mim, não serão os maus tratos que possivelmente se me antepõem que me assustarão. Sinto um pavor, o pavor, de perdê-la, a ela, a quem amo com uma espécie de fanatismo, e tão violento me é esse pavor, e por ele tanto me sinto triturado, que começo a soluçar feito criança.

Não saiu do quarto o dia inteiro e foi servida pelas negras. Quando incandesciam no éter celeste as estrelas do crepúsculo, eu a vi caminhar pelo jardim. Segui-a cautelosamente e a vi entrar no templo de Vênus. Deslizei furtivo e espiei pelas gretas da porta.

Ela estava diante da sublime imagem da deusa, cruzando as mãos como em oração, e a luz clara da estrela do amor lançava sobre ela os raios azuis.

À noite, em meu leito, sinto-me sufocado pela angústia de perdê-la, e o desespero me toma, fazendo de um herói um libertino. Acendo a pequena lamparina a óleo, de luz vermelha, pensa no corredor sob uma imagem sagrada, cubro sua luz com a mão e adentro a alcova.

Encontrei a leoa finalmente acoitada, abatida como que de morte, dormindo sobre suas almofadas. Estava de bruços, punhos cerrados, e respirava com dificuldade. Um sonho parecia agradá-la. Aos poucos fui descobrindo a lamparina, deixando cair a luz vermelha sobre o rosto magnífico.

No entanto ela não desperta.

Lentamente desço a lamparina ao chão, ajoelho-me diante da cama de Wanda e pousa a cabeça em seu braço suave e tépido.

Ela se move por um instante, mas continua sem acordar. Quanto tempo ali fiquei, no meio da noite, petrificado em horrível tormento, é coisa que não sei.

Por fim eu me verbero vigorosamente e consigo chorar - minhas lágrimas correm pelo seu braço. Ela estremece algumas vezes, por inteiro, enfim se levanta em sobressalto, esfrega os olhos e me fita.

- Severin - diz, mais assustada que zangada. Não encontro palavra.

- Severin - retomou. - Que tens? Estás doente?

Sua voz soava tão compassiva, tão bem, tão amorosa, que tal coisa me aperta o peito com grande ímpeto, e começo a soluçar.

- Severin - começou de novo -, pobre, infeliz amigo. Sua mão toca suavemente meus cachos.

- Eu sofro, sofro muito por ti, mas não posso te ajudar. Com as melhores intenções deste mundo, não encontro remédio para ti.

- Oh, Wanda, tem de ser assim? - expresso minha dor num gemido.

- Que foi, Severin? Do que falas?

- Já não me amas mais? Não sentes nem um pouco de compaixão por mim? Aquele belo homem estranho já se apoderou completamente de ti?

- Não posso mentir - respondeu mansamente após uma pequena pausa. - Ele me causou forte impressão, que não consigo compreender, sob a qual estou e tremo. Uma impressão como as que tenho encontrado descritas pelos poetas, como as que vi no palco, embebidas, porém, em uma imagem fantasiosa. Ah! É um homem como um lobo, forte, bonito e orgulhoso e no entanto meigo como não o são nossos homens no Norte. Sinto muito por ti, acredita-me, Severin, mas eu tenho de possuí-lo - não, que estou a dizer?! Devo a ele me entregar, quando ele quiser.

- Grato pela consideração, Wanda. Até agora tu te conservaste imaculada -, respondi. - Se eu já nada mais significar para ti...

- Fico pensando - respondeu -, que quero ser forte, enquanto puder, eu quero... - escondeu o rosto entre as almofadas - quero ser sua mulher, se ele me quiser.

- Wanda! - gritei, de novo tomado por aquela angústia de morte, que eu já conhecia, pois já me roubara os sentidos antes. - Queres ser a mulher dele, pertencer a ele para sempre... Não, não me repudies! Ele não te ama.

- Quem te disse?! - bradou, inflamada.

- Ele não te ama - continuei, ardorosamente. - Eu, sim, te amo, eu te adoro, sou teu escravo, quero por ti me deixar pisar, te levar nos braços pela minha vida afora.

- Quem te disse que ele não me ama? - interrompeu-me com veemência.

- Oh! Sê minha - implorei -, sê minha. Eu já não posso ser, não posso viver sem ti. Tenha piedade, Wanda, piedade!

Ficou a me observar, e de novo me lançou aquele olhar frio e sem coração, para então, de novo soltar o seu riso perverso.

- Tu dizes, sim, que eu não te amo - disse em tom de escárnio. - Está bem, que te sirva de consolo. Nisso olhou para o outro lado e me voltou as costas.

- Meu Deus... Não és mulher de carne e sangue, não tens coração, como eu! - exclamei, o peito em convulsão.

- Bem o sabes - respondeu com malícia. - Sou uma mulher de pedra, Vênus das Peles, teu ideal. Ajoelha-te e me adora!

- Wanda! - supliquei. - Piedade!

Ela começou a rir. Afundei meu rosto nas almofadas e verti as lágrimas em que se desfazia a minha dor, e que a aplacavam.

Durante um longo período tudo se pôs em silêncio, e Wanda ergueu-se lentamente.

- Tu me entedias - começou.

- Wanda!

- Estou com sono, deixa-me dormir.

- Piedade - supliquei -, não me separe de ti, não há homem que te ame como eu.

- Deixa-me dormir - deu-me as costas.

Saltei, tomei de um punhal dependurado junto de sua cama, desembainhei-o e coloquei em meu peito.

- Eu me mato aqui, diante dos teus olhos - disse num murmúrio surdo.

- Como quiseres - respondeu Wanda, na mais completa indiferença -, mas deixa-me dormir - e bocejou. - Estou com muito sono.

Por um instante fiquei petrificado, logo comecei a rir, depois a chorar, e por fim guardei o punhal na cintura e novamente me pus de joelhos.

- Wanda, ouça-me uma vez, dê-me alguns minutos, que sejam - pedi.

- Eu quero dormir! Não estás ouvindo? - gritou furiosa, saltou do leito e me afastou com o pé. - Esqueceste que sou tua dona?

E como eu não me aquietasse, pegou do chicote e me açoitou. Levantei e me acertou de novo - desta vez na cara.

- Miserável! Escravo!

Com o punho cerrado, apontando para o céu, subitamente decidido, deixei sua alcova. Lançou fora o chicote e irrompeu em sonora gargalhada - na verdade eu mesmo acho que minha atitude teatral foi francamente ridícula.

Decidido a me separar da mulher desalmada, que tão cruelmente me tratava, agora estando a ponto de, em paga por minha cega e servil adoração, por tudo o que dela suportei, a ponto de me romper seu juramento e me trair, empacoto, faço uma trouxa com meus poucos pertences, e escrevo para ela:

Piedosa senhora, eu a amei como um insano, à senhora eu me dei como jamais homem algum se deu a uma mulher, mas a senhora profanou meus mais sagrados sentimentos e me envolveu em um jogo desavergonhado e frívolo. No entanto, enquanto a senhora se mostrasse tão-somente cruel e impiedosa, eu ainda poderia amá-la. Agora está a ponto de se tornar vulgar. Não sou mais seu escravo, que se deixa pisar e

açoitar. Foi a senhora mesma que me pôs em liberdade, e eu abandono uma mulher por quem só consigo nutrir o ódio e o desprezo.

Severin Kusiemski

Essas linhas, eu as passo a uma das mouras, e parto, tão rápido quando posso, chego sem fôlego à estação ferroviária, sentindo uma violenta pontada no coração - detenho-me - e começo a chorar - Ah! Ignomínia! Quero fugir e não posso. E volto - para onde? - para ela, a quem a um só tempo abomino e adoro.

Ainda uma vez hesito. Não posso voltar. Não devo voltar.

Como haverei de deixar Florença? Ocorre-me que não tenho dinheiro, não tenho um centavo sequer. A pé, então, que seja - mendigar será mais honrado do que comer do pão de uma cortesã.

Mas não posso prosseguir.

Sim, ela tem a minha palavra, a minha palavra de honra. Tenho de voltar. Quem sabe me liberte.

Após alguns passos acelerados, novamente me detenho. Ela tem minha palavra de honra, meu juramento, de que sou escravo enquanto ela assim o quiser e não me der ela própria a liberdade; mas posso me matar.

Atravesso os Casemos, descendo em direção ao Arno, e bem lá embaixo, onde suas águas amarelecidas com um murmúrio monocórdio banham alguns salgueiros ao léu, ali me sento e passo a régua em minha existência - deixo minha vida inteira desfilar ante meus olhos e acho-a realmente lamentável, algumas alegrias, ao passo que muito de indiferença e falta de valor se estende entre uma abundância de dores, sofrimentos, aflições e desilusões, esperanças frustradas, desgostos, preocupações e tristezas.

Pus-me a pensar em minha mãe, a quem eu tanto amava e vi padecer de uma terrível doença; em meu irmão, que, pleno de direitos ao prazer e à felicidade, morreu na flor de sua juventude, sem bem ter pousado os lábios no cálice da vida - pensei em minha ama, já morta, companheira de brincadeiras de minha infância, nos amigos de aspirações e de estudo, e a todos, frios e mortos, a terra indiferente já cobria; pensei em meu pombo, que não raras vezes saudava a mim, e não à sua companheira, com uma reverência arrulhante - todos ao pó se converteram.

Desato a rir e deslizo água adentro - no mesmo instante me agarro com firmeza a alguns juncos pensos sobre as vagas amarelas - e vejo a mulher que fez de mim ser tão miserável suspensa à minha frente ao nível da água, iluminada pelo sol, como transparente fosse, chamas rubras em torno da cabeça e da nuca. Voltou para mim o rosto e sorriu.

Cá estou novamente, encharcado; molhado até os ossos, ardendo de vergonha e febre. As negras lhe deram a minha carta, de modo que estou condenado, perdido na mão de urna mulher desalmada e melindrada.

Agora ela deve me matar, e eu não posso, também não quero viver mais.

Ao chegar de volta à sua casa, ela está sentada na galeria, escorada no peitoril, o rosto inundado pela luz do sol, os olhos verdes a reluzir.

- Ainda vives? - pergunta, imóvel. Mantenho-me calado, cabeça baixa.

- Dê-me de volta o punhal. Para ti ele de nada serve. Nem mesmo tens a coragem de dar cabo de tua vida.

- Já não o tenho mais - respondi, tiritando, tremendo de frio.

Mediu-me com um olhar de soberba e zombaria.

- Perdeste-o no Arno, então? - E deu de ombros. - Por mim... Agora... E por que não te foste de uma vez?

Murmurei alguma coisa que nem ela nem eu queríamos entender.

- Ah! Não tens dinheiro! Aqui! - e atirou-me, num movimento de indescritível desprezo, o porta-moedas. Não o apanhei.

Calamo-nos ao mesmo tempo.

- Não queres ir embora?

- Eu não posso.

Wanda vai sem minha companhia aos Cascinos, ao teatro, recebe visitas, é servida pelas negras. Ninguém pergunta por mim. Erro inconstante pelo jardim, como um animal perdido de seu senhor.

Na relva avisto alguns pardais, que lutam por alguns grãos.

Ouço um farfalhar, um vestido de mulher.

Wanda se aproxima com o grego, em um traje de seda preto, fechado até o pescoço. Entabulam animada conversa, mas não consigo entender palavra. Agora ele carca o pé com mais força, fazendo o cascalho se espalhar, e fustiga o chicote ao vento. Wanda leva um susto.

Temerá ser acoitada?

Terão chegado a esse ponto?

Ela o deixou, ela o chama, ele não ouve, não a quer ouvir.

Wanda faz um aceno com a cabeça, em desconsolo, e senta no banco de pedra que tem à frente; fica ali um bom tempo, perdida em pensamentos. Vejo-a com uma espécie de alegria perversa, e por fim me levanto impetuoso e avanço em sua direção com desdém. Ela se ergue, o corpo inteiro a tremer.

- Venho para desejar a sua felicidade - digo, inclinandome. - Vejo, piedosa senhora, que encontrou o seu senhor.

- Sim, graças a Deus. Não mais escravos, deles já estou farta: um senhor. A mulher precisa de um senhor, precisa adorá-lo.

- Então o adoras, Wanda!? Aquele homem cruel...

- Eu o amo tanto, como nunca amei ninguém.

- Wanda! - cerrei os punhos, mas logo me vieram lágrimas aos olhos e fui tomado por um delírio de paixão, uma doce loucura. - Bom, então fique com ele, tome-o por marido, ele há de ser o teu senhor; já eu quero continuar teu escravo, enquanto eu viver.

- Queres ser meu escravo então? - disse ela. - Seria excitante, mas meu medo é que ele não possa suportar a idéia.

- Ele?

- Sim, ele tem ciúme de ti. Ele, de ti! Ele exige que eu te abandone quanto antes, isso quando eu disse a ele quem és...

- Disseste a ele... - repeti estarrecido.

- Conteí tudo a ele - respondeu. - Toda a nossa história, todas as nossas extravagâncias, tudo, e ele, em vez de rir, ficou furioso, começou a pisar forte.

- E ameaçou te bater?

Wanda olhava para o chão, calada.

- Sim, é claro - disse com amarga ironia.

- Tens medo dele, Wanda! - lancei-me a seus pés e, emocionado, abracei-lhe os joelhos - não, não quero nada de ti, nada a não ser ficar sempre perto de ti, teu escravo! - quero ser teu cachorro.

- Sabes que me entedias? - disse ela, apática.

Fiquei exaltado. Tudo em mim fermentava.

- Já não és mais cruel, agora és vulgar - bradei, acentuando cada palavra incisiva e asperamente.

- Já o disseste na carta - ela respondeu com orgulhoso dar de ombros. - Um homem de espírito jamais se repete.

- Vê só como me tratas! Como chamas a isso?

- Seria o caso de te castigar - respondeu, irônica. - Mas eu prefiro desta vez responder com argumentos em vez de com golpes de chicote. Não tens o direito de reclamar de mim. Não fui o tempo todo sincera contigo? Não te adverti mais de uma vez? Não te amei de coração, mesmo com paixão, e acaso omiti que seria perigoso doar-se a mim, humilhar-se para mim, logo a mim, que quero ser dominada? Mas tu quiseste ser o meu brinquedo, meu escravo. Encontraste o máximo prazer em se pôr sob os meus pés, sob o chicote de uma mulher arrogante e cruel. Que queres agora?

- Dormitavam em mim disposições perigosas, mas tu as despertaste; se hoje sinto satisfação em te torturar, em te maltratar, tu és o culpado, fizeste de mim o que sou agora, enquanto ainda és covarde, fraco e miserável para a mim te queixares.

- Sim, sou o culpado - disse eu. - Mas já não padeci o bastante? Dê por findo então esse o jogo cruel.

- Também eu o quero - respondeu com um olhar diferente, mas no qual eu percebia a falsidade.

- Wanda! - gritei com virulência. - Não vá até as últimas conseqüências, que posso me tornar homem novamente.

- Fogo de palha! Que faz alarido e se apaga com a mesma rapidez. Achas que me intimidas, mas és-me apenas risível. Foste tu o homem a quem ajudei no começo, sério, ponderado, forte, eu teria me mantido fiel a ti e teria sido tua mulher. A mulher anseia por um homem para quem possa levantar o olhar, e ao mesmo tempo um homem - como tu - que de livre

e espontânea vontade ofereça o pescoço para que sobre ele possa depositar os pés, que o tenha como brinquedo oportuno, ao qual possa lançar fora, quando dele se cansar.

- Tente uma vez... Lançar-me fora - disse eu, provocandolhe com ironia. - Certos brinquedos podem ser perigosos.

- Não me provoques - gritou Wanda, e seus olhos começaram a soltar chispas, suas faces, a se avermelhar.

- Se não posso te possuir - continuei, quase sem voz -, também não serás de ninguém.

- De que peça de teatro é essa fala? - lançou, com um desdém que me sufocou o peito. Nesse momento ela estava pálida de raiva: - Não me desafies! - continuou. - Não que eu seja cruel, mas eu mesmo não sei até que ponto posso ir, e se haverá limite a me deter.

- De que modo poderás me contrariar mais do que fazendo dele teu marido? - respondi, exaltando-me cada vez mais.

- Posso te fazer escravo dele - contrapôs, cortante. - Não estás em minha mão? Não tenho o contrato? Mas certamente para ti será um prazer se eu deixar que te amarre e disser para ele: "Faça com este o que bem entender".

- Mulher, estás louca!

- Estou sendo muito razoável - disse calmamente. - Pela última vez eu te faço uma advertência. Não antepoñas a mim qualquer resistência. Ao ponto em que cheguei, posso facilmente ir mais além. Sinto uma espécie de ódio de ti, e assistiria com intenso prazer ele te flagelar até a morte, mas ainda me contendo - ainda.

Já quase fora de mim, agarrei-lhe os pulsos e a forcei para o chão, até que ficou diante de mim, de joelhos.

- Severin! - gritou; em seu rosto estamparam-se a cólera e o pavor.

- Se te tornares a mulher dele, eu te mato - ameacei, o timbre de minha voz ficando rouco e abafado em meu peito. - És minha, não te deixo, quero te amar - então soltei seus pulsos e a trouxe para junto de mim, e minha direita involuntariamente tomou do punhal preso à minha cintura.

Wanda cravou em mim os olhos, grandes, fitou-me com incrível tranqüilidade.

- Assim me agradas -, disse, resignada. - Agora és homem, e neste momento sei que ainda te amo.

- Wanda - vieram-me lágrimas de puro deleite, inclinei-me para ela e cobri o rosto encantador com beijos, e ela, de súbito irrompendo em arrogante gargalhada:

- Tens o suficiente de teu ideal, estás satisfeito com ele?

- Como? - balbuciei - não estás a falar a sério.

- É a minha seriedade - prosseguiu, serena -, que eu te amei, a ti somente, e tu, meu querido bobinho, não percebeste que tudo se tratava de jogo e folguedo - e como me foi difícil tão freqüentemente te açoitar com o chicote, quando eu muito mais preferiria te afagar a cabeça e te cobrir de beijos. Mas agora basta, não é verdade? Realizei o meu papel cruel melhor do que esperavas, agora estás bem satisfeito com tua boa, inteligente e, por que não dizer, bonita mulherzinha - ou não? Queremos viver razoavelmente e...

- Serás minha mulher! - exclamei, com incontida alegria. - Sim - tua mulher - querido, caro homem - disse, num sussurro, beijando-me as mãos.

Levantei-a à altura de meu peito.

- Então, não és mais Gregor, meu escravo - disse. - Agora és de novo o meu querido Severin, meu homem.

- E ele? Ainda o amas? - pergunto exultante.

- Como pudeste acreditar que eu amava àquele homem bruto - estavas era bem cego, eu tinha medo de ti.

- Quase dei cabo de minha vida para saciar-te.

- Verdade? Ah! Tremo só de pensar que estiveste pelo Arno.

- Mas tu me salvaste - emendou ternamente. - Flutuavas sobre as águas, sorrindo, e teu riso me devolveu a vida.

Uma rara sensação experimento agora, quando a estreito em meus braços, e ela repousa, muda, em meu peito, deixase beijar por mim e ri. É como se subitamente me pusesse desperto de delírios, ou a salvo de um naufrágio, após dias de embate com ondas que ameaçavam tragar-se a qualquer momento, para enfim ser lançado à terra firme.

- Odeio esta Florença, onde foste tão infeliz - disse ela, quando fui lhe desejar boa noite. - Quero partir o quanto antes, já amanhã. Terás a bondade de escrever algumas cartas para mim, e enquanto estiveres ocupado disso vou até a cidade e faço minhas visitas de despedida. Certo?

- Certo, minha querida, boa e bela mulher.

Ela bateu cedo pela manhã à minha porta e perguntou como eu havia dormido. Sua amabilidade é realmente um encanto, eu jamais poderia pensar que ela se permitisse tamanha mansidão.

Já faz mais de quatro horas que ela está fora. As cartas, terminei-as há um bom tempo, sento na galeria e olho para fora, para a rua, para ver se não vislumbro a carruagem assomar-se ao longe. Tenho um pouco de receio por ela, mas Deus sabe que já não tenho motivos para duvidar ou temer. Só que em meu peito trago um nó e não consigo desatá-lo. Talvez seja o sofrimento dos dias passados, que inda lançam sombras em minha alma.

E lá está ela, radiante de satisfação e felicidade.

- Então? Tudo a contento? - pergunto-lhe, e beijo sua mão carinhosamente.

- Sim, coração. Viajamos hoje à noite. Ajuda-me a fazer as malas.

Ao cair da tarde, ela me pediu que eu fosse até o correio fazer a postagem de suas cartas. Tomo o seu coche e em uma hora estou de volta.

- Madame perguntou pelo senhor - disse a negra, rindo, enquanto eu subia a ampla escada de mármore. - Alguém esteve aqui?

- Ninguém - respondeu e, ágil feito uma gata, foi-se para debaixo dos degraus.

Segui lentamente para o salão e me detive diante da porta de sua alcova.

Por que me bate assim tão forte o coração? No entanto me sinto tão feliz.

Abro lentamente e fecho a portinhola. Wanda está deitada na otomana, parece não se aperceber de mim. Vejo quão bela está em seu vestido de seda cinza-prata, que se ajusta provocantemente a suas formas magníficas, deixando descobertos busto e braços. O cabelo está reunido e preso por uma fita de veludo negro. Na lareira o fogo arde em labaredas, a lamparina lança sua luz vermelha, e todo o quarto parece inundado em sangue.

- Wanda! - terminei por dizer.

- Oh, Severin... - chamou-me de maneira amistosa. - Eu te esperei tanto.

Ela pula e me aperta em seus braços; então se posta de novo entre as almofadas suntuosas e me puxa para si. Nisso deslizo suavemente para seus pés e pouso a cabeça em seu colo.

- Sabes que eu hoje me sinto muito apaixonada por ti? - fala baixinho, enquanto me alisa alguns fios de cabelo perdidos na testa e me beija os olhos.

- Quão belos são teus olhos, sempre te caíram bem, mas hoje estão me deixando realmente embriagada. Não consigo parar de olhar - estende os membros esplêndidos e me olha ternamente por entre as pestanas. - E tu estás frio entre meus braços como um pedaço de madeira; espera, ainda te faço apaixonado! - e se põe a me beijar e acariciar os lábios. - Eu já não te agrado mais, tenho de novo de ser cruel para contigo.

Hoje fui excessivamente boa; sabe o que mais, tolinho? Vou te açoitá-lo um pouco.

- Minha criança...

- Eu quero!

- Wanda!

- Deixa eu te amarrar - prosseguiu, saltitando cheia de vontade pelo quarto afora.

- Quero-te bem apaixonado, entendes? Aqui estão as cordas. Posso?

Começou a me amarrar os pés, então me atou firmemente as mãos às costas e finalmente apertou-me com força os braços como se eu fosse um delinqüente.

- Assim... - disse em sereno fervor. - Consegues ainda te mexer?

- Não.

- Bom...

Em seguida, fez um laço em uma corda reforçada, passou sobre minha cabeça e a deixou deslizar até os quadris, apertou-a e me atou a coluna.

Nesse momento fui tomado de um calafrio

- Tenho a sensação de estar sendo sentenciado à morte - disse a ela mansamente.

- Hoje mesmo serás devidamente açoitado! - exclamou, autoritária.
- Veste, então, o casaco de pele - eu te peço.
- Esse prazer, essa satisfação eu posso te proporcionar - respondeu, tomou da *kazabaika* e a vestiu, rindo, e levantouse, cruzou os braços sobre o peito, postou-se diante de mim e ficou a me observar quase fechando os olhos.

- Conheces a história do boi de Dioniso? - pergunta.
- Lembro-me muito vagamente. Do que se trata?
- Um cortesão inventou um instrumento de tortura para o tirano de Siracusa. Um boi de ferro, dentro do qual o condenado à morte ficava encerrado e lhe era posto um fogo abrasador. Tão logo o boi de ferro começava a arder, o condenado dentro dele gritava, e seus urros de dor soavam como se fossem os do touro. Dioniso lançou um riso condescendente ao piedoso inventor e tratou de testar o experimento imediatamente: ele próprio, o inventor, seria encerrado no boi de ferro. A história é rica em ensinamentos. O mesmo se passa contigo, que me inculcasse o egoísmo, o orgulho e a crueldade, e deves ser a primeira vítima. Agora encontro satisfação de possuir em meu poder, para maltratar, uma pessoa que pensa e sente e deseja como eu, um homem forte de corpo e de espírito - sobretudo se for um homem que me ama. - Ainda me amas?

- Até a loucura - respondi.
- Tanto melhor. Tanto mais satisfação terás com o que tenho agora para iniciar contigo.
- Que tens agora? - perguntei. - Não te compreendo. Em teus olhos está a reluzir a crueldade e estás especialmente bonita - a própria Vênus das Peles.

Sem responder, Wanda passa o braço em minha nuca e me beija. Nesse momento sou tomado pelo desvario de minha paixão.

- Agora, onde está o chicote? - pergunto. Wanda riu e deu dois passos para trás.
- Então, queres ser de todo açoitado? - gritou, jogando arrogantemente a cabeça para trás.

- Sim.
De repente, o seu rosto mudou por completo, como que desfigurado pela raiva. Por um momento ela me pareceu até mesmo feia.

- Então... Fustiga-o! - ordenou em alta voz.
No mesmo instante, o belo grego apareceu com seus cachos pretos por entre o cortinado da cama de sobrecéu. No início fiquei sem fala, teso. A situação era terrivelmente estranha, eu próprio seria obrigado a rir em alto e bom som, não me fosse tão desesperadamente triste e ignominiosa.

Aquilo ia muito além de tudo o que eu pudesse fantasiar.
Tive calafrios quando meu rival apareceu em suas botas de montaria e seu colete justo e branco, seu estreito jaquetão, e meu olhar foi ao encontro de seus membros atléticos.

- A senhora é realmente cruel - disse ele, virando-se para Wanda.
- Tão-somente pelo prazer de ser cruel - respondeu com humor furioso. - Só o prazer faz a vida valer a pena. Quem desfruta sofre ao se despedir da vida; já quem sofre ou padece saúda a morte como a uma amiga; quem quer desfrutar deve tomar a vida serenamente, como o faziam os antigos. Não deve se envergonhar de se regalar à custa alheia, jamais deve ser piedoso, deve atrelar outrem em seu coche, em seu arado, como besta fera. Pessoas que sintam e queiram desfrutar, como este, que sentem prazer em ser usados como escravos, em ser alvo de abuso a seu serviço, à sua felicidade, sem remorso, e não é o caso de perguntar se ele se sente bem com isso ou se encontra aí a sua ruína. É algo a não se perder de vista: se me tivesse na mão, como eu o tenho, faria o mesmo, e eu teria de pagar o prazer dele com o meu suor, com a minha alma. Assim

era o mundo dos antigos: prazer e crueldade, liberdade e escravidão andavam de mãos dadas. Pessoas que querem viver como deuses no Olimpo devem ter seus escravos, para os atirar aos lagos cheios de peixes; querem ter gladiadores, a deixar lutar durante seus lautos jantares, sem se importar em ser borrifados por um pouco do seu sangue.

Suas palavras destroçaram-me completamente.

- Solta-me - gritei, furioso.

- O senhor não é meu escravo, minha propriedade? - retrucou Wanda. - Terei de lhe mostrar o contrato?

- Solta-me! - ameacei em alta voz -, ou então... - e forcei as cordas com violência.

- Pode ele se soltar? - ela perguntou. - Pois ameçou me matar.

- Fique tranqüila - disse o grego, verificando as amarras.

- Eu grito por ajuda - recomecei.

- Ninguém ouvirá - respondeu Wanda -, e ninguém me impedirá de novamente profanar seus sagrados sentimentos e jogar com o senhor um jogo frívolo - arrematou, repetindo com satânico desdém as frases de minha carta.

- Agora, neste momento, o senhor me acha meramente cruel e impiedosa, ou estou a ponto de me tornar vulgar? Quê? O senhor ainda me ama ou já me odeia e despreza? Eis aqui o chicote - deu-o ao grego, que foi se aproximando de mim.

- Não ouse! - gritei, tremendo de indignação. Do senhor eu não aturo coisa alguma!

- Se for por falta de pele...- respondeu o grego, com um riso leviano, e tomou de sua peliça de zibelina sobre a cama.

- Impagável! - exclamou Wanda, dando-lhe um beijo e ajudando-o a vestir a pele.

- Devo realmente chicoteá-lo? - perguntou.

- Faça com ele o que bem entender - respondeu Wanda.

- Bestial! - bradei, revoltado.

O grego fixou em mim o olhar frio, de tigre, e procurou o chicote, gesto que realçava a sua musculatura, enquanto erguia o braço e o fazia silvar pelo ar. Eu estava atado ao modo de um Marsias e era obrigado a ver o próprio Apolo se preparando para me esfolar.

Meus olhos perdiam-se pelo quarto e se detiveram no teto, onde Sansão era cegado pelos filisteus aos pés de Dalila. Naquele momento a imagem me parecia como um símbolo, uma alegoria eterna de paixão, da volúpia, do amor de um homem por uma mulher. Cada um de nós é, em última instância, um Sansão - pensei -, e ao final será, bem ou mal, traído por uma mulher, a quem ama, que tanto pode usar um espartilho como uma capa de pele de zibelina.

- Agora veja bem a senhora - bradou o grego -, como eu o quebro. Mostrou os dentes, e o seu rosto ganhou a expressão sanguinolenta, que me assustou como da primeira vez.

E começou a me açoitar - tão impiedosamente, tão terrível, que a cada chibatada eu me confrangia inteiro, um estremecimento de dor me percorria o corpo e, sim, as lágrimas começaram a me inundar a face, enquanto Wanda, em seu casaco de pele, esparramava-se na otomana, amparada pelo braço, observando a tudo com uma cruel curiosidade, em riso convulsivo.

A sensação de, como adorador de Wanda, ser maltratado por um rival de melhor sorte é indescritível - eu definhava de vergonha e desespero.

E de tudo isso o mais vergonhoso era que eu, em tal lamentável situação, sob o chicote de Apolo e sob o riso cruel de minha Vênus, começava a experimentar uma

espécie de prazer fantástico e ultra-sensual, com Apolo a alijar da situação toda a poesia, e, chibatada após chibatada, na impotência da minha ira, eu só conseguia cerrar os dentes, em mim desvanecendo o voluptuoso desvario, a mulher e o amor.

Eu via então, com terrível clareza, para onde a cega paixão, a volúpia, que desde Holofernes e Agamemnon haviam conduzido o homem: para o saco, para a teia da mulher ardilosa, em miséria, escravidão e morte.

Era-me como se eu acordasse de um sonho.

Já me escorria o sangue sob o chicote. Eu me contorço como um verme, que se pisoteia, mas o grego continuava a açoitar-me sem piedade. Ela ria, impiedosa, enquanto fechava as malas, já feitas, em sua pele de viagem. E ria ainda, amparada ao braço dele, ao descer as escadas e entrar na carruagem.

Houve então um momento de silêncio.

Fiquei atento, sem nem respirar.

Fecha-se a portinhola do carro, puxam-se os cavalos - algum tempo ainda, e ouço ao longe o ruído do trem - e tudo é passado.

Fiquei pensando por um momento, sentir raiva, matá-la, mas eu me encontrava comprometido pelo miserável contrato, razão pela qual era obrigado a manter minha palavra e ranger os dentes.

O que primeiro senti após a terrível catástrofe que abalou minha vida foi um ardoroso anseio de tarefas laboriosas, de me pôr a viajar, de provações. Queria me tornar soldado, ir para a Ásia ou para Argélia, mas meu pai, idoso e envelhecido, demandou minha presença.

Foi assim que serenamente voltei ao torrão natal e durante dois anos o ajudei com seus afazeres, a conduzir os trabalhos administrativos, e aprendi, o que até então desconhecia, a trabalhar e a cumprir deveres - foi reanimador como um gole de água fresca. Até que faleceu meu pai, herdei suas propriedades, mas isso em mim não mudou nada. Vesti suas botas espanholas e hoje sigo a viver em bela temperança, como se trás de mim eu o tivesse, com seus olhos grandes e espertos sobre o meu ombro.

Um dia recebi uma caixa, acompanhada de uma carta. Reconheci a letra de Wanda.

Com rara emoção eu a abri e li.

Meu caro senhor,

Agora, mais de três anos a contar daquela fuga de Florença, devo-lhe reconhecer ainda uma vez quanto o amei. É verdade que o senhor feriu meus sentimentos com sua doação fantástica, com sua paixão desenfreada. A partir do momento em que se deu a mim como escravo, eu senti que não mais poderia tê-lo como marido, mas fui atraída pela idéia de pôr em prática o seu ideal, e talvez - ao tempo mesmo em que me proporcionasse delicioso divertimento - curá-lo. Encontrei o homem

forte de que necessitava e que me fez feliz como se pode ser feliz nesta mixórdia que é a nossa vida. Mas a minha felicidade, como toda felicidade humana, durou pouco. Há cerca de um ano ele tombou em um duelo, e desde então vivo em Paris, como uma Aspásia. E o senhor? - à sua vida certamente não faltará o brilho de um raio de sol desde que o desvario o tomou por inteiro e desde que tornaram a sobressair aquelas características que tanto me atraíram a principio, a clareza de pensamento, a bondade de coração e sobretudo a sobriedade moral. Espero que o meu chicote lhe tenha sido salutar - a cura foi cruel e radical. Como recordação daqueles tempos e de uma mulher que ardorosamente o amou, envio-lhe a pintura que de mim fez aquele pobre alemão.

Vênus das Peles

Fui obrigado a rir, e, quando já me perdia em pensamentos, apareceu-me a bela mulher de casaco de veludo orlado com pele de arminho, chicote à mão, e continuei a rir à imagem daquela mulher, que eu tão loucamente amara, que outrora tanto me havia encantado, e ri, ao final, de minha dor e disse a mim mesmo: a cura foi cruel, mas radical, e o que importa: estou curado.

- Agora, e a moral da história? - perguntei a Severin, ao depositar o manuscrito sobre a mesa.

- A moral é que eu fui um burro - respondeu, sem se virar para mim, parecendo por demais embaraçado para fazê-lo. - Se ao menos eu a tivesse açoitado!

- Processo curioso - respondi. - Pode ser de valia para as tuas camponesas?

- Ah! Pois já estão habituadas - foi a resposta loquaz. - Mas pense no efeito sobre nossas delicadas, nervosas e histéricas damas...

- E quanto à moral?

- A moral é que a mulher, tal como a natureza a criou e como o homem atualmente a educa, é sua inimiga, podendo tão-somente ser sua escrava ou sua déspota - jamais sua companheira. Isto, só quando ela tiver os mesmos direitos que ele; só quando por nascimento, pela formação e pelo trabalho, for igual a ele.

- Agora temos nós a escolha de ser o martelo ou a bigorna, e eu fui o burro, ao me fazer escravo de uma mulher. Entendes?

Daí a moral da história: Quem se deixa açoitado merece os açoites.

- Como vês, as chibatadas foram por mim muito bem recebidas. A neblina rósea do ultra-sensualismo se diluiu e ninguém mais me fará tomar pela imagem de deus as macacas sagradas de Benares¹⁵ ou o galo depenado de Platão.¹⁶

¹⁵ É o modo como Schopenhauer designava as mulheres. [N. do T.]

¹⁶ Alusão ao galo depenado do cínico Diógenes, lançado por este para dentro dos muros da escola de Platão, seu acérrimo rival, dizendo: "Aí tens o teu homem". [N. do T.]



Autor

Sacher-Masoch

Título

A VÊNUS DAS PELES

Trecho

Hoje ela tomou de súbito o seu chapéu e o xale, e tive de acompanhá-la ao bazar. Lá encontrou chicotes, longos chicotes de cabo curto, usados para adestrar cães.

– Estes devem servir – disse o vendedor.

– Não... são pequenos demais – discordou Wanda, olhando-me de soslaio. – Preciso de um grande.

– Ah, para um buldogue? – inquiriu o comerciante.

– Sim – ela respondeu impositiva. – Do tipo com o qual se tratavam escravos insubordinados na Rússia.

Comentário

A obra de Sacher-Masoch, bem como a de Sade, ficou marcada por sua associação com os desvios patológicos da sexualidade, com a libertinagem e com a imoralidade. [...] Esta visão acabou por injustiçar estes autores, cujas obras foram muito além do que se pode considerar como literatura pornográfica.

Da Introdução de Flávio Carvalho Ferraz

ISBN 978-85-7715-087-8

